

**FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA  
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**IDENTIDADE CULTURAL E REPRESENTAÇÃO SOCIAL: UMA POSSIBILIDADE  
DE LEITURA SOBRE O DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**ELISETE DE SOUZA RAMÃO PAZ**

**Taquara  
2016**

**ELISETE DE SOUZA RAMÃO PAZ**

**IDENTIDADE CULTURAL E REPRESENTAÇÃO SOCIAL: UMA POSSIBILIDADE  
DE LEITURA SOBRE O DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr.

**Taquara  
2016**

Dedico este trabalho ao meu pai, Vivaldino Rodrigues de Souza (*in memoriam*), que embora não esteja mais em nosso meio, continua vivo em meu coração e em minhas lembranças. Com certeza estaria muito orgulhoso de ver uma filha se tornando Mestre, pois sempre primou muito pelo estudo e educação. Também dedico ao meu esposo, Lyran, e à minha filha Laura, que são as pessoas mais importantes na minha vida, quem eu mais amo e por quem eu vivo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, meu Paizinho do Céu, que é quem guia os meus passos e me sustenta na caminhada. É quem planta sonhos em meu coração e os realiza em minha vida, fortalecendo a certeza, dentro de mim, de que, no tempo certo, Suas promessas sempre se cumprem.

Ao meu amor, Lyran Nathan Ramão Paz, que é meu companheiro de todas as horas e grande apoiador. Além de esposo, tem sido um pai excepcional, me ajudando em tudo, nesses dois anos, no cuidado com nossa filha, para que eu pudesse me dedicar a essa pesquisa.

À minha filha Laura, de apenas 2 anos e 8 meses, meu anjinho, minha princesa, meu bem mais precioso, minha vida; Quem me ensinou a ser mãe, sem deixar de batalhar pelos meus sonhos profissionais e acadêmicos, vencendo desafios e superando meus limites.

À minha mãezinha, Iracy Lourdes Rodrigues de Souza, que sempre me incentivou a estudar e trabalhar, e de quem herdei a virtude de batalhar pelo o que quero. Também à minha sogra, Eliane de Siqueira Paz, que foi como uma mãe, nesse tempo todo, me ajudando até financeiramente, e demais familiares que me apoiaram nesse sonho.

Ao meu orientador, Daniel Gevehr, a quem devo muito. Sempre tão otimista e incentivador, acreditou em mim mais do que eu mesma. É minha inspiração, como professor, pesquisador e como ser humano. Obrigada de coração!

Ao professor Mario Riedl, coordenador do Mestrado em Desenvolvimento Regional da FACCAT, sempre tão calmo e compreensivo com as dificuldades dos alunos. Obrigada por também acreditar no meu potencial.

À FACCAT, instituição em que também me formei na graduação e onde trabalhei por 12 anos. Sempre é bom retornar a casa e ser acolhida novamente. Também a todos os professores e colegas do mestrado, dos quais sentirei saudades.

Ao Governo Federal e a Capes, que me concedeu uma bolsa de pesquisa, o que foi fundamental para que eu pudesse seguir na minha caminhada de estudos.

Aos jornais RS 115 e NH, que me concederam dados fundamentais para que pudesse realizar a pesquisa documental.

“As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, dentre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares do ontem com os sentimentos do presente.”

*Lucília de Almeida Neves*

## RESUMO

O presente estudo analisa as imagens construídas ou projetadas, sobre o município de Igrejinha/RS, percebidas a partir das publicações do jornal local, no período de 2014 - momento em que o município completa seu 50º aniversário de emancipação. O objeto de análise são as matérias publicadas nas edições de 2014 do Jornal RS115, o principal jornal da cidade. Mas, para oferecer um contraponto a esse estudo, também são analisadas as matérias publicadas a respeito de Igrejinha, durante todo o ano de 2014 no jornal NH, que tem circulação em toda a região do Vale do Paranhana e do Vale dos Sinos. Também é feito um comparativo das matérias de 2014, do jornal local, com as de 2012 e 2013, ou seja, de dois anos antes do recorte escolhido, em que muitos acontecimentos marcantes também foram publicados. A análise parte das relações que se estabelecem entre as categorias de identidade cultural, de representações sociais e de imaginários urbanos, considerando ainda, nessa perspectiva, conceitos como globalização, espaço, etnicidade, localidade e território. Através dessas categorias, busca-se compreender os recursos utilizados pela imprensa para produzir e propagar determinadas imagens sobre Igrejinha, que tiveram como objetivo difundir representações sobre o município. Nessa perspectiva, constatou-se que existe um olhar positivo sobre Igrejinha, a partir das publicações do seu principal veículo de comunicação, uma vez que, em sua maioria, as notícias exaltam seu potencial cultural, turístico, industrial e empresarial. Atenta-se para o fato de que essa projeção - e manipulação - da imagem por parte de pessoas que exercem certo poder e influência, no âmbito local, pode representar a defesa de interesses próprios, mas vale lembrar que também promove visibilidade para Igrejinha, trazendo, dessa forma, contribuições para o desenvolvimento regional. Essa mesma intenção de projeção, no entanto, não se observa nos conteúdos das publicações do jornal regional, que apresenta caráter apenas informativo, o que se contrapõe às representações veiculadas pela imprensa local.

**PALAVRAS- CHAVE:** Identidade Cultural. Representações Sociais. Imaginários Urbanos. Desenvolvimento Regional.

## ABSTRACT

The following study analyses constructed or projected images about the city of Igrejinha/RS, as seen on a local newspaper, during the period of 2014 – a moment when the town celebrates its 50<sup>o</sup> emancipation anniversary. The object of analyses are published materials throughout the year of 2014 by the Jornal RS115, the main newspaper of the city. But to offer a counterpoint to this study was also analyzed published material from the NH newspaper about the city of Igrejinha on that same year, a newspaper that has a wider influence reaching the Vale do Paranhama and Vale dos Sinos region. A comparison was made between 2014 and the published materials from 2012 and 2013, content administrated by the same local newspaper in the two previews years, a period of time containing many important events. The analyses observe the relationship stablished between subjects such as cultural identity, social representations and urban mindset, also taking in account concepts like globalization, space, ethnicity geographical location and territory. Through these categories, it is intended to comprehend how the press produces and spread certain images about Igrejinha, which had the purpose of propagate a certain image about the city. Observing from this prospective it was noticed that the city of Igrejinha has a positive image coming from its main communication source since the majority of the published news exalt the city's cultural, touristic and business qualities. It is also noticed that this projection - and manipulation - of the city's image, coming from people that contain a certain measure of local influence can benefit their own interests but it is also good to remember that this practice attracts contributions to local development. The same intention of projecting a positive image was not present in the regional newspaper publications, which presents a more informative approach, which contrasts with the material published by the local press.

**KEYWORDS:** Cultural Identity. Social Representations. Urban Mindset. Regional Development.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Matérias Jornal RS 115 - 2014 - Grupo CULTURA.....	82
Quadro 2 - Matérias Jornal RS 115 - 2014 - Grupo POLÍTICA .....	92
Quadro 3 - Matérias Jornal RS 115 - 2014 - Grupo POLICIAL.....	100
Quadro 4 - Matérias Jornal RS 115 - 2014 - Grupo GERAL .....	102



## LISTA DE SIGLAS

<b>AJAVI</b>	Associação de Jovens Amigos Voluntários de Igrejinha
<b>AMIFEST</b>	Associação de Amigos da Oktoberfest de Igrejinha
<b>ASAPHIC</b>	Associação dos Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Igrejinha
<b>IPHAN</b>	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>UNIVALES</b>	Universidade Federal dos Vales
<b>USI</b>	União dos Skatistas de Igrejinha

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 IDENTIDADE CULTURAL: A DINÂMICA ENVOLVIDA NO PROCESSO DE SUA CONSTRUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
2.1 A reafirmação de identidades no atual cenário globalizado: local X global .....	20
2.1.1 A concepção de cultura no contexto da globalização.....	24
2.2. Etnicidade, Espaço e Localidade na construção da Identidade Cultural .....	27
2.3 A valorização da identidade cultural como vetor do desenvolvimento local e regional .....	35
<b>3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM .....</b>	<b>39</b>
3.1 O poder da mídia e da comunicação nas representações sociais .....	47
3.2 Imaginários sobre as cidades.....	56
<b>4 UM POUCO DE HISTÓRIA - IMIGRAÇÃO ALEMÃ, IGREJINHA E A OKTOBERFEST .....</b>	<b>63</b>
4.1 A vinda dos primeiros imigrantes para o Brasil, Vale do Paranhana e Igrejinha .	63
4.2 As origens da Oktoberfest.....	66
4.2.1 Oktoberfest de Igrejinha .....	69
4.2.1.1 Oktoberfest: Patrimônio Cultural de Igrejinha.....	73
<b>5 A IGREJINHA DOS JORNAIS.....</b>	<b>78</b>
5.1 Análise das publicações do ano de 2014 - jornal local.....	78
5.1.1 Análise das matérias do grupo temático Cultura.....	81
5.1.2 Análise das matérias do grupo temático Política.....	92
5.1.3 Análise das matérias do grupo temático Policial .....	100
5.1.4 Análise das matérias do grupo temático Geral.....	102
5.2 Comparativo com as publicações de anos anteriores do jornal local .....	105
5.3 Comparativos com as publicações de 2014 de um jornal regional.....	109
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>110</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como tema principal o processo de construção da identidade cultural do município de Igrejinha e sua relação com o desenvolvimento regional. Assim, através de pesquisa bibliográfica e análise documental, pretendeu-se descobrir em que medida as representações veiculadas pela imprensa sobre o município de Igrejinha são utilizadas como vetor de desenvolvimento.

Para introduzir esse assunto, faz-se necessário apresentar algumas conceituações sobre o tema: Santos (1993) e Maalouf (1998) afirmam que as identidades são diferenciações em curso, e que emergem dos processos interativos que os indivíduos experimentam na sua realidade cotidiana, feita de trocas reais e simbólicas. Para os autores, a construção da identidade, seja individual ou social, não é estável e unificada - é mutável, (re) inventada, transitória e, às vezes, provisória, subjetiva; a identidade é (re) negociada e vai-se transformando, (re) construindo-se ao longo do tempo.

Não há como falar de identidade sem mencionar a questão cultural. E, analisando os antecedentes históricos do conceito de cultura, encontra-se, na virada do século XVIII para o XIX, uma definição de cultura que engloba tudo aquilo que o ser humano adquire ao longo da sua vida em sociedade. (LARAIA, 2009). Pode-se perceber que essa ideia revela a cultura como algo aprendido, e não adquirido de forma inata.

Para os autores supracitados, a cultura pode ser estudada sistematicamente, a fim de se formular leis e regras para a sua compreensão, considerando a dimensão histórica e social da cultura - ou seja, é construída e repassada pelos atores sociais, seja na esfera global ou regional.

Segundo Laraia (2009, p.45): “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”.

Já para Hall (1999, p. 71), “uma identidade está profundamente envolvida no processo de representação”. E nessa mesma linha de raciocínio, encontram-se contribuições de Nicolini (2013) afirmando que as identidades se constroem historicamente através de representações sociais ou culturais.

Alguns estudiosos acreditam que a cultura é vista não como um campo externamente determinado, mas como um local de diferenças e de lutas, cujos efeitos agem diretamente na sociedade. Nesse sentido, entende-se que os estudos culturais contribuem para pensar a identidade cultural e suas relações com o desenvolvimento regional, pois dizem respeito às formas históricas da consciência e ao lado subjetivo das relações sociais.

Tendo como base o que foi apresentado, essa dissertação se propôs a analisar o desenvolvimento regional na perspectiva dos estudos culturais, acreditando que o mesmo acontece a partir de estratégias diversas, a partir de diferentes atores que contracenam no âmbito regional, estabelecendo relações com o espaço global, e considerando duas categorias: desenvolvimento e região.

A região é vista como o cenário do processo de desenvolvimento planejado e desencadeado pelos referidos atores, ou seja, uma construção histórica e coletiva. E o desenvolvimento é compreendido como um “conjunto de estratégias materiais e imateriais - econômicas, políticas, sociais, culturais - desencadeadas pelos próprios atores da região”, uma vez que existem inúmeras formas de se compreender este cenário que, ainda segundo Nicolini (2013, p. 18) “[...] pode ser visto como um simples espaço de ação, ou então como um território, o qual compreende uma complexidade de elementos não considerados na primeira concepção”.

E é neste sentido que esta pesquisa busca compreender o desenvolvimento regional, isto é, a partir da dimensão territorial, que privilegia as ações dos atores locais/regionais sobre o lugar.

Considerando as discussões teóricas apresentadas já no início desse capítulo de introdução, justifica-se a escolha do objeto de estudo desta dissertação, que tem como principal objetivo analisar o processo de construção da identidade cultural do município de Igrejinha e seus desdobramentos no âmbito do desenvolvimento regional.

No presente trabalho, pretendeu-se mostrar que a cultura e a identidade cultural de uma região, seja ela construída, projetada, inventada ou reformulada, são fundamentais quando se pretende pensar o desenvolvimento a partir do território, da região e seus atores, seus imaginários, suas representações, com suas características e potencialidades em diálogo com o contexto global.

Nessa pesquisa, também apresenta-se uma análise da produção de narrativas e representações sobre o município, além da relação disso com a

manipulação das ideias, das pessoas, da imagem projetada sobre Igrejinha e como isso pode contribuir para a compreensão da dinâmica que envolve o desenvolvimento regional.

Primeiramente, apresenta-se uma pesquisa bibliográfica, para conceituar e melhor compreender conceitos como identidade, representações sociais, imagem, cultura, globalização, espaço, localidade, território, etnicidade, cidades, discutindo-se a relação entre eles, incluindo a questão do domínio e poder.

Após foi realizada uma análise documental de publicações do jornal mais antigo e tradicional da cidade de Igrejinha, o Jornal RS115, como fonte principal. O recorte escolhido foi o período de 2014, em que Igrejinha completou 50 anos de emancipação - fato que lhe deu um destaque maior nos veículos de comunicação em função da data comemorativa. Esse recorte também se dá devido a 2014 ser o segundo ano de uma nova Administração Municipal, considerando que Igrejinha havia sido governada por 12 anos consecutivos pelo mesmo partido político.

Na parte de análise também foi realizado um comparativo dos resultados obtidos com o jornal local e as publicações de um jornal regional de grande porte - o Jornal NH. As publicações analisadas são todas as matérias, notas e reportagens, referentes ao município de Igrejinha, veiculadas durante o período de 2014 - com apresentação de comparativos com publicações de 2012 e 2013, do Jornal RS115 (o local), para oferecimento de um contraponto, já que, nesses dois anos anteriores ao recorte escolhido houve acontecimentos marcantes na cidade, como: eleições, troca de gestão e de gestores, a 25ª Oktoberfest (Jubileu de Prata), entre outros.

Para trabalhar com esse tipo de fonte, a imprensa, a presente pesquisa necessitou de uma metodologia capaz de organizar o material para análise, uma vez que o jornal local apresenta variedade de temas, em suas publicações. Devido a isso, foi recorrido à técnica utilizada na análise de conteúdo, que tem sido uma das mais utilizadas para análise dos meios de comunicação, porém, sem que seu método tenha sido seguido, nesse trabalho, de forma tão rigorosa. Ou seja, nessa pesquisa, foi realizada a apropriação do instrumental fornecido pelo método, o que proporcionou uma melhor sistematização do material para análise, seguindo os passos: seleção dos documentos, categorização, descrição e interpretação. (BARDIN, 1977).

É importante ainda esclarecer que, na categorização, foi feito um recorte do texto em unidades de análises temáticas do conteúdo. Após a divisão das unidades,

procede-se a descrição e interpretação que, nesse caso, foram apresentadas conjuntamente, seguindo o modelo proposto por Meyrer (2007) em sua pesquisa realizada para a sua tese de doutorado.

A dissertação também traz um apanhado sobre as memórias culturais do município de Igrejinha, no que cinge a região e suas características, em termos gerais - incluindo a história do município, a vinda dos primeiros imigrantes, as origens da Oktoberfest (mundial), a criação da Oktoberfest de Igrejinha, entre outros. E, partindo dessas memórias, foi aprofundada a análise a respeito da relação entre a comunicação (propaganda, relações públicas, imprensa/mídia), na projeção de uma imagem/identidade para uma cidade, envolvendo aspectos da geografia, turismo, história, patrimônio cultural, entre outros, e, conseqüentemente, seus impactos para o desenvolvimento regional.

Para fins de contextualização, apresentam-se, já nesta seção, algumas informações de modo geral, tais quais: o município de Igrejinha pertence à região do Vale do Paranhana, que é formado por mais cinco municípios: Parobé, Riozinho, Rolante, Taquara e Três Coroas. O surgimento e desenvolvimento desses municípios ocorreram a partir da imigração europeia que, no início, tinha sua atividade econômica mais voltada à agricultura, mas, com o passar do tempo, acabou motivando o êxodo rural, dirigindo-se para o setor industrial e promovendo o surgimento de grandes centros urbanos. (MENGDEN, 2010).

De acordo com o economista Mengden (2010), organizador do Plano Estratégico de Desenvolvimento Regional - COREDE Paranhana - Encosta da Serra, os seis municípios que formam a primeira microrregião Paranhana, encaminham a análise situacional do COREDEPES, que representa uma visão política do desenvolvimento na região, assim como representam a sociodemografia, a economia e a estrutura regional. Segundo o organizador, a microrregião Paranhana apresenta uma unidade de origem e geografia peculiar. E com flora e fauna muito semelhante, estes municípios desenvolveram economias não complementares.

A geografia se faz importante e necessária nesse estudo, uma vez que “o valor de um dado elemento do espaço [...] é dado pelo conjunto da sociedade, e se exprime através da realidade do espaço em que se encaixou”. (SANTOS, 2006, p. 26). O autor afirma que a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos (SANTOS, 1978). Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos

ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar.

Percebe-se que, ao longo da história, os municípios do Vale do Paranhana foram se modificando, se redefinindo, e adquirindo uma imagem perante seu público - habitantes, visitantes e regiões vizinhas -, e é de senso comum que Igrejinha é conhecida como “A Cidade do Calçado e da Oktoberfest”, frase que aparece nos pórticos de entrada do município, e em inúmeras publicações de veículos de comunicação, mídia impressa e eletrônica, das últimas décadas.

Fatores étnicos também são importantes, nessa pesquisa, que discorrerá um pouco sobre a “germanidade”, apresentando como uma questão a ser investigada o esclarecimento de como se configura a Oktoberfest como representação cultural das comunidades de imigrantes alemães e descendentes no nordeste do Rio Grande do Sul.

Sabe-se que eventos e pontos turísticos também podem contribuir para a identidade de uma cidade, e até mesmo a culinária pode influenciar na imagem que se tem de um município. Partindo, então, desses princípios, questiona-se em que medida as representações veiculadas pela imprensa sobre o município de Igrejinha são utilizadas como vetor de desenvolvimento.

Nesse contexto, considera-se importante a comparação entre o local e o regional, analisando as publicações de um jornal tradicional da cidade, como também de um veículo maior, de credibilidade e conceito na região. Através disso, pretendeu-se apontar os pontos em que esses veículos dialogam e os que se contrapõem, oferecendo, assim, o olhar do lugar sobre o lugar, bem como um olhar de fora, e um comparativo entre esses olhares.

O capítulo 2 desse trabalho é composto por três subcapítulos, sendo que o primeiro se subdivide em mais um subcapítulo. Primeiramente são apresentadas conceituações acerca do tema identidade cultural, como também sobre *memória*, além de outros elementos e fatores que explicam como se dá o processo de sua construção. No primeiro subcapítulo, é apresentada uma explanação conceituando o tema globalização e a relação existente entre o global e o local; e dentro desse subcapítulo há mais uma divisão, para que se pudessem apresentar, de forma mais específica, algumas definições sobre a cultura sendo entendida como espaço de poder e de mediação entre as diferentes dimensões da realidade, dentro do contexto da globalização.

Ainda, no capítulo 2, há também um subcapítulo que apresenta a relação entre etnicidade, espaço e localidade dentro da construção da identidade cultural. E o terceiro subcapítulo discorre sobre a necessidade da elaboração e execução de projetos para o desenvolvimento local.

O capítulo 3 entra no campo das significações, das representações sociais e dos imaginários urbanos, conceituando esses subtemas e mostrando a relação existente entre eles. Em seu primeiro subcapítulo, apresenta-se reflexões sobre o poder da mídia, da propaganda, das relações públicas, e das técnicas de comunicação, em geral, no contexto das representações sociais e da construção de imaginários. E o segundo subcapítulo se trata de um apanhado com as principais ideias de grandes teóricos do tema imaginação social, imaginários e também sobre cidades.

O capítulo 4 traz um estudo sobre as memórias culturais do município de Igrejinha, no que tange à região e suas características, em termos gerais, incluindo o início das civilizações no município, a origem do nome, a vinda dos primeiros imigrantes, as origens da Oktoberfest (mundial), e a criação da Oktoberfest de Igrejinha.

Já o capítulo 5 é uma análise realizada a partir das publicações do principal jornal da cidade de Igrejinha/RS, o Jornal RS 115, no período de 2014, com o intuito de se observar a imagem da cidade repercutida nessas edições do jornal. Ainda nesse capítulo, estão contidos subcapítulos para separar as publicações do jornal local em categorias de análise, organizadas dentro de eixos temáticos. Também apresentam-se subcapítulos com comparativos dessas matérias com as publicações de anos anteriores do jornal local, além das publicações de 2014 de um jornal regional.

Por fim, o capítulo 6 corresponde à parte das conclusões e considerações finais, destacando os resultados alcançados pela pesquisa e sua contribuição para a compreensão da dinâmica que envolve o processo de desenvolvimento regional.



## 2 IDENTIDADE CULTURAL: A DINÂMICA ENVOLVIDA NO PROCESSO DE SUA CONSTRUÇÃO

Neste capítulo, são discutidos os principais conceitos, que fundamentam essa análise, sobre identidade cultural e, dentro disso, elementos como a memória e outros fatores que explicam como se dá o processo de sua construção.

Para Grubits e Darrault-Harris (2003, p. 186), que pesquisam sobre ambiente, identidade e cultura, tendo como objeto de análise as comunidades Guarani/Kaiowá e Kadiwéu, do Mato Grosso do Sul, a identidade serve igualmente para designar o princípio da permanência, que permite ao indivíduo continuar o “mesmo”, de “persistir no seu ser”, ao longo de sua existência narrativa, em meio às mudanças que ele provoca, sofre ou aquelas que podem ocorrer de forma mais inesperada e repentina.

Sobre as mudanças que um indivíduo pode sofrer, causando, muitas vezes, até desconforto, Santana e Mollona (2013) explicam, em seu artigo no qual analisam as identidades sociais da cidade do Rio de Janeiro, que o processo de construção da memória e da identidade nunca se faz de forma lisa, mas sempre de maneira conflituosa e disputada. Para os autores, a memória serve para a ligação entre passado e presente, mas também aponta para o futuro, de maneira que, mesmo indicando um passado de conquistas, e um presente de derrotas, por exemplo, ela ainda sinaliza o que seriam os passos a seguir.

Já para Santos (2004, p. 59): “a definição da própria identidade cultural implica em distinguir os princípios, os valores e os traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades”.

Batista (2005, p. 30), escrevendo sobre memória e identidade, segue a linha de pensamento de Santos (2004) quando afirma que, “por identidade, entendemos os aspectos peculiares de um determinado povo com suas crenças, ritos e experiências comuns que formam a identidade particular”. O autor afirma que essa construção da identidade vai se moldando quando um determinado grupo se apropria de seus valores, perpetuando-os na sua história, passando de geração a geração.

Essa afirmação vai ao encontro da linha de pensamento de Hall (2006) que vê a identidade cultural como uma construção dos sujeitos que se dá através dos processos sociais. O autor explica que, se fosse inata, a identidade cultural não

precisaria ser evocada, evidenciada e narrada. Segundo ele, a luta pela afirmação identitária emerge sempre que há alguma dúvida ou incerteza, e esse esforço por evidenciar determinada identidade cultural pode ser percebido em diferentes tempos e lugares, na medida em que as pessoas buscam pelos referenciais históricos que sustentem o discurso que pretendem afirmar.

Apesar disso, vivemos um processo em que estas identidades, antes coesas e duradouras, hoje estão:

[...] entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12).

Corroborando com esse pensamento está o raciocínio de que não existe uma identidade unificada, mas sim, diversas identidades que convivem na atualidade, sejam elas culturais, étnicas, de gênero, entre outras. (NICOLINI, 2013).

Hall (2006, p. 1) vai além nesta discussão, afirmando que “a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social”, e segue discursando que “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. O autor chama de "crise de identidade" a parte de um processo mais amplo de mudança, que está “deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”.

O mesmo autor ainda apresenta três concepções atuais de identidade:

a) sujeito do Iluminismo - em que a pessoa humana é concebida como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior que permanecia essencialmente o mesmo, contínuo ou idêntico, desde que a o sujeito nascia, e ao longo da sua existência. O centro essencial do eu era a identidade de urna pessoa, numa concepção muito "individualista" do sujeito e de sua identidade;

b) sujeito sociológico - que reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos

mundos que ele/ela habitava (concepção "interativa" da identidade e do eu). De acordo com essa visão, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural;

c) sujeito pós-moderno - Parte do processo iniciado na concepção de sujeito sociológico, contextualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel" formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

Hall (2006) pondera que se deve ter em mente que a explicação das três concepções de sujeito acima são simplificações, mas que, no desenvolvimento do argumento, elas se tornam mais complexas e qualificadas. Esse autor salienta que as identificações estão sendo continuamente deslocadas. Ele acredita que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia e que, ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar, com cada uma, pelo menos temporariamente.

Existe ainda, uma importante contribuição de Candau (2012) na compreensão sobre identidades, seja de uma pessoa, ou de comunidades, em que ele as associa diretamente com suas memórias. Em seus estudos, encontram-se concepções simplificadas a respeito de identidade e memória, mas que ele afirma se tratarem de um consenso entre os pesquisadores: o reconhecimento da identidade como uma "construção social" e da memória como uma "reconstrução continuamente atualizada do passado". Ou seja, esse consenso define a memória como um elemento que vai

além da reconstituição fiel do passado e de experiências passadas memorizadas, conservadas e recuperadas, mas sim como um conjunto de estratégias, “um objetivo sempre alcançável”, segundo o autor e os pesquisadores mencionados por ele em seus trabalhos.

Dessa forma, admite-se, geralmente, que memória e identidade estão indissolivelmente ligadas. E ainda, dentro deste contexto, encontramos outra definição de Candau (2012, p. 16): “a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”, e isso resume perfeitamente, na opinião do autor, a dialética da memória e da identidade. Entende-se, dessa forma, que uma se apoia na outra “para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa”.

Além disso, o autor supracitado une a essas duas palavras (memória e identidade), a palavra “patrimônio”, as definindo como “as três palavras-chave da consciência contemporânea”, mas faz um contraponto dizendo que o patrimônio poderia ser entendido como uma dimensão da memória. E para ele, a memória também tem outra função: fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo.

Outro contraponto que Candau (2012) levanta é de que, ao mesmo tempo em que a memória é a força da identidade, “a identidade em ação”, ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar, e mesmo arruinar o sentido de identidade. Ele cita como exemplos os trabalhos sobre lembranças de traumas e tragédias do passado. E, é nessa linha de pensamento, que surge o termo “identidade étnica”, no sentido de reforçar a ideia de que lembranças e esquecimentos vêm fundar a identidade, e que a assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que os acolhe, desde que o trabalho de esquecimento de suas origens não tenha sido completado.

O autor ainda afirma que podemos encontrar na imprensa, ou ainda na literatura de valorização do patrimônio, inúmeros exemplos de enunciados evocando a “memória coletiva” de uma cidade, ou região, que geralmente acompanham a valorização de uma identidade local.

Para seguir nesse estudo sobre a construção e consolidação da identidade cultural e da imagem de uma cidade, faz-se necessário, primeiramente, a compreensão sobre globalização, bem como a relação existente entre o global e o local, assunto da próxima seção.

## 2.1 A reafirmação de identidades no atual cenário globalizado: local X global

Seguindo na discussão sobre o processo de construção de uma identidade cultural, percebe-se que, devido à complexidade que envolve a compreensão dessa dinâmica, faz-se necessário apresentar um subcapítulo conceituando o tema globalização, que é um dos elementos que a compõem. A partir das concepções de sujeito e identidade, no atual cenário globalizado, como também na relação de domínio e poder implicados nas questões territoriais, entende-se como primordial, para esse trabalho, o estudo sobre a relação existente entre o global e o local, que apresenta-se a seguir.

A globalização pode ser compreendida como o conjunto de transformações recentes na economia do planeta, que causaram uma ampliação dos fluxos de mercadorias, uma integração entre os países. É um mundo interligado, já preconizado por Milton Santos (1988) e Polanyi (1977). Segundo os autores, trata-se de uma grande transformação para saudar as profundas mudanças impostas à nossa civilização desde o início do século, uma verdadeira subversão que o mundo conheceu a partir do final da 2ª Guerra Mundial, quando, por intermédio da globalização, uma fase inteiramente nova da história humana teve início.

A globalização também pode ser entendida não somente partindo de uma visão econômica, mas também através da análise social e política, sendo que, do ponto de vista socioeconômico, destacam-se: as novas formas de internacionalização do capital; o avultamento dos grandes monopólios; as modernas redes informatizadas; a rápida internacionalização da produção; o crescimento do comércio mais rápido do que o produto, entre outros. (JARDIM; OLIVEIRA, 2009).

Já do ponto de vista da análise social e política, encontramos, entre vários aspectos: um sistema cultural global; o surgimento das novas tecnologias; a convergência tecnológica X novos processos societários e a perda (ou alteração) da noção de espaço, tempo e distância. (JENKIS, 2008).

Henry Jenkins (2008), em seu livro “Cultura da Convergência”, fala sobre como os avanços tecnológicos têm alterado o estilo de vida das pessoas, a maneira de se relacionarem, de fazerem negócios e até mesmo de conduzirem as suas vidas pessoais. Num dado momento, uma pessoa pode se comunicar com alguém do outro lado do mundo através de computadores ou dispositivos móveis, instantaneamente. E isso também é resultado da globalização.

Essa linha de raciocínio de Jenkins (2008) corrobora com as afirmações de Michel Serres, citado no livro de Santos (2006, p. 12): "[...] nossa relação com o mundo mudou. Antes, ela era local-local, agora é local-global [...]". O filósofo utiliza um argumento geográfico, dizendo que "hoje, temos uma nova relação com o mundo, porque o vemos por inteiro. Através dos satélites, temos imagens da Terra absolutamente inteira". (SANTOS, 2006, p. 12).

Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade.

O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender. (SANTOS, 2006, p. 212).

Seguindo na reflexão sobre globalização, ou "mundialização" - o que se equivale, do ponto de vista cultural, conforme Jardim e Oliveira (2009) -, cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Os autores afirmam que, no entanto, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais, ou seja, uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade. "A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela". (SANTOS, 2006, p. 218).

Burke (2009) concorda com a ideia de "mundialização" e também usa outros termos, como "americanização" e até "McDonaldização" do mundo, quando se refere à revolução nas comunicações, de uma economia global dominada por corporações multinacionais. Ele comenta sobre uma aceleração da mudança cultural e social, da "compreensão do tempo-espaço", presente nos atuais debates sobre a globalização, como também nas discussões sobre a pós-modernidade.

Já de acordo com Mattelart (2005, p. 90), "[...] a globalização nomeia o projeto de construção de um espaço homogêneo de valorização, de unificação das normas de competitividade e de rentabilidade em escala planetária". Muitos até acreditam que a globalização deveria se limitar a significar o projeto de capitalismo mundial integrado, mas na terminologia ela transpassa as fronteiras da geoeconomia e da geofinança, espalhando-se pela sociedade.

A partir desta definição de globalização, é possível perceber que este processo transcende a esfera econômica, atingindo também a sociedade e as suas organizações, e isso está de acordo com a linha de pensamento, citada

anteriormente, de autores como Jardim e Oliveira (2009), Jenkins (2008) e Santos (2006). Para todos esses autores, e com ênfase nas afirmações de Nicolini (2013, p. 22), “o movimento de integração entre as diferentes áreas do globo acaba trazendo consigo uma série de consequências, as quais se refletem diretamente na forma como as regiões se organizam”.

Na visão de Hall (2006), a globalização é um processo de mudança no que o autor chama de “modernidade tardia”, se tratando de um aspecto da discussão sobre identidade - já conceituada na seção anterior. Para ele, sociedades modernas são sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes, apresentando essa como a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”.

Essa discussão remete ao termo “modernidade líquida”, usado por Fontenelle (2007), após citar vários intelectuais da psicologia, para se referir à maneira contemporânea de se pensar o sujeito moderno: um eu maleável, multiforme, camaleônico, disposto a assumir quantas identidades forem necessárias para a sua sobrevivência social. Pode-se entender, com isso, que a modernidade líquida seria a necessidade de mudanças da era moderna,

[...] uma sociedade que, à maneira dos líquidos e gases, poderia sofrer uma constante mudança de forma quando submetida a fortes pressões, já que os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar [...]. (FONTANELLE, 2007, p. 61)

Sobre modernidade também pode-se citar Giddens (2002) que acredita que a globalização significa que ninguém pode “eximir-se” das transformações provocadas pela modernidade. Para o autor, de modo geral, o conceito de globalização é melhor compreendido como expressando aspectos fundamentais do distanciamento entre tempo e espaço. “A globalização diz respeito à interseção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais à **distância** com contextualidades locais”. (GIDDENS, 2002, p. 27, grifo do autor).

O autor ainda argumenta que a globalização tem que ser entendida como um “fenômeno dialético”, em que eventos que estão em extremidades diferentes de uma relação podem, algumas vezes, produzir resultados divergentes, e até mesmo contrários. Ele ressalta que, na globalização, devem ser analisados, em particular, o ritmo e o alcance da mudança - à medida em que áreas diferentes do globo são

postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra - e a natureza das instituições modernas.

Para Hall (2006), isso é radicalmente novo, em comparação com as sociedades tradicionais (por exemplo, o estado-nação ou a mercantilização de produtos e o trabalho assalariado), ou têm uma enganosa continuidade com as formas anteriores (por exemplo, a cidade), mas são organizadas em torno de princípios bastante diferentes.

Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009), autores que analisaram a cultura e a identidade do assentamento Aroeira, do Chapadão do Sul/MS, também concordam que as particularidades que cada sociedade possui de organização e de satisfação das suas aspirações são fundamentais para a sua identificação cultural. “Toda cultura passa por processos de construção de significados culturais, sociais e econômicos que são internalizados pelos próprios membros que fazem parte do grupo ou sociedade e por meio deles vão construindo a sua identidade”, reforçam Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009, p. 162).

Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se dizer que, nas sociedades modernas, a questão cultural está sempre em voga, unindo discussões acerca da economia e territorialidade, levantando, inclusive, pontos contraditórios.

A tentativa de homogeneizar as culturas fez parte, durante muito tempo, da economia global, que ignorava as diferenças territoriais em função de uma uniformização das condições de produção. (NICOLINI, 2013, p. 16).

O autor explica que hoje, no entanto, com a retomada da dimensão territorial dos diversos espaços mundiais, forma-se uma rede de economias regionais, que busca atender às demandas locais, valorizando a diversidade de manifestações presentes em cada território. Dessa forma, as corporações globais tendem a identificar e valorizar as particularidades territoriais para obter sucesso em seus empreendimentos.



### 2.1.1 A concepção de cultura no contexto da globalização

Levando-se em consideração que, no atual cenário mundial, os conceitos de cultura e globalização estão intrinsecamente ligados, esse subcapítulo apresenta algumas definições sobre cultura sendo entendida como espaço de poder e de mediação entre as diferentes dimensões da realidade, dentro do contexto da globalização.

Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009, p. 162) conceituam cultura da seguinte forma: “[...] um conjunto de atividades e crenças de uma sociedade ou grupo, que se compõe por aspectos estáticos e dinâmicos”. Kashimoto, Marinho e Russeff (2002, p. 35), em seu artigo sobre cultura, identidade e desenvolvimento local, concordam com esse conceito, mas ainda complementam reforçando que a “cultura é o conjunto de soluções originais que um grupo de seres humanos inventa, a fim de se adaptar ao meio ambiente natural e social”.

Esses autores ainda fazem um resumo de definições consagradas sobre cultura, no intuito de delimitar o conceito, caracterizando a cultura como “um conjunto de atividades e crenças que uma comunidade adota para enfrentar os problemas impostos pelo meio ambiente”, complementando com “cultura é o conjunto de soluções originais que um grupo de seres humanos inventa, a fim de se adaptar a seu meio ambiente natural e social”. (KASHIMOTO, MARINHO e RUSSEFF 2002, p. 35)

Nesse sentido, os autores sugerem que a cultura abrangeria diferentes aspectos da vida, como conhecimentos técnicos, costumes relativos a roupas e alimentos, religião, mentalidade, valores, língua, símbolos, comportamento sócio-político e econômico, formas autóctones de tomar decisões e de exercer o poder, atividades produtoras e relações econômicas, entre outros.

Hall (1997) denomina “centralidade da cultura” a “forma como a cultura penetra em nossas vidas”, mediando todas as relações sociais. Ele argumenta que isso provoca mudanças na vida cotidiana, interferindo nas outras dimensões da realidade - economia, política, sociedade. Nesta perspectiva, pode-se entender que a cultura é vista como um local de diferenças e de lutas, cujos efeitos agem diretamente na sociedade, e pode-se perceber que os estudos culturais contribuem para pensar a identidade cultural e suas relações com o desenvolvimento regional. Isso está de acordo com o que afirma Nicolini (2013, p. 17): “pensar o processo de

desenvolvimento regional implica [...] em considerar também a dimensão cultural como elemento fundamental da dinâmica social”.

Reis (2010), autora de um artigo que analisa cultura, mediação e referenciais de políticas públicas, concorda com essa ideia de a cultura, em especial a dita “cultura popular”, ser vista como “herança”, uma vez que, segundo a autora, trata-se de uma categoria cujos sentidos são variáveis e construídos conforme as relações e os conteúdos jogados em dinâmicas específicas. Para a autora, “diversidade de heranças e tradições”, é a síntese que definiria a “cultura popular”.

Para Santos, Carniello e Murade (2013, p. 16), “a resistência da cultura popular resulta da função estratégica que as práticas têm para a percepção da singularidade dos membros da comunidade em relação ao entorno regional”. E seguindo esse mesmo ponto de vista, Baller (2008) evidencia a questão da cultura e das identidades frente ao processo de homogeneização, quando analisa diversas perspectivas teóricas acerca da globalização, mesmo que embora o conceito de globalização tenha começado a ser utilizado principalmente na década de 80 do século XX, com mais frequência associado às transformações econômicas.

E é no contexto da globalização que a concepção de cultura como espaço de poder e de mediação entre as diferentes dimensões da realidade - economia, política, sociedade -, assume uma importância cada vez maior, pois, segundo Nicolini (2013, p. 28): “as manifestações culturais representam aquilo que as pessoas sentem, pensam e vivem num tempo em que a realidade derruba as certezas do passado, tornando o presente incerto e o futuro insólito”.

Hall (1997) destaca que esse processo de globalização tenderia a transformar o mundo em um lugar único, tanto do ponto de vista espacial e temporal quanto cultural. A partir deste contexto, Baller (2008) destaca o conceito de *globalização*, o qual conduziria os indivíduos a uma aproximação com o seu passado, voltando-se às suas “origens” como forma de evidenciar a sua identidade frente aos processos de padronização cultural. (NICOLINI, 2013).

Nicolini (2013) ainda usa o termo *interculturalidade* para definir a forma como diferentes culturas e identidades são colocadas em circulação, diante da globalização, em que cada território, região ou nação, atua comunicando ao mundo as suas heterogeneidades através de diferentes linguagens. O autor acredita que o pós-modernismo põe fim às narrativas que até recentemente foram os fundamentos da filosofia e da política ocidentais - como o progresso, desenvolvimento, Iluminismo,

racionalidade, etc -, dando lugar aos questionamentos acerca da diferença e da identidade.

Ainda sobre os conceitos de cultura e as transformações que eles têm sofrido no decorrer das décadas, vale citar aqui alguns pensamentos de Hall e Llosa, para fins de enriquecimento dessa discussão. Hall (1997) afirma que, conceitualmente, a partir da década de 60, tem havido uma virada no conceito de cultura, tendo em vista que as ciências sociais e humanas atribuíram ao termo uma importância muito maior do que aquela que tinha no passado, provocando uma mudança que Hall (1997, p. 27) chamou de “virada cultural”. Conforme o autor, esse processo iniciou com mudanças de atitudes em relação à linguagem, a qual recebeu atenção devido à sua atuação na construção de significados.

Corroborando com essa ideia, Llosa (2013) explana, em sua obra, sobre os diversos significados que a noção de cultura teve ao longo da história - desde o tempo em que, por muitos séculos, foi um conceito inseparável da religião e do conhecimento teológico; passando pelo tempo em que foi marcado pela filosofia, na Grécia; pelo direito, em Roma; pela literatura e as artes, no período do Renascimento; até chegar a tempos recentes, com o Iluminismo, em que a ciência e as grandes descobertas científicas deram rumo principal à ideia de cultura. Para o autor, apesar de tantas variantes, a cultura sempre significou uma soma de fatores e disciplinas que a constituíam e eram por ela implicados, tais como:

[...] reivindicação de um patrimônio de ideias, valores e obras de arte, de conhecimentos históricos, religiosos, filosóficos e científicos em constante evolução, fomento da exploração de novas formas artísticas e literárias e da investigação em todos os campos do saber. (LLOSA, 2013, p. 59).

O autor fala sobre o fato de a cultura sempre estabelecer categorias sociais entre as pessoas que a cultivavam e as que não queriam saber dela, que a desprezavam ou ignoravam, ou eram dela excluídas por razões sociais e econômicas.

Na visão de Llosa (2013), na sociedade, sempre existiram as pessoas cultas e as incultas, e essa classificação, que é conhecida no mundo inteiro, vigorava um sistema de valores, critérios culturais, maneiras de pensar, julgar e comportar-se. Porém, o autor afirma, que nos tempos atuais, tudo isso mudou, e que a noção de cultura ampliou-se quando os antropólogos estabeleceram que “cultura é a soma de

conhecimentos, linguagens, costumes, indumentária, usos, sistemas de parentesco, em resumo, tudo o que povo diz, faz, teme ou adora”. (LLOSA, 2013, p. 60).

Llosa entra numa discussão sobre culturas superiores e inferiores, modernas e primitivas, julgada, por muitos estudiosos, como arrogante, dogmática e até racista, e que foge da proposta dessa revisão literária, a qual pretende apenas conceituar o termo cultura. Porém, percebe-se o quanto é relevante entender como o conceito de cultura tem mudado, com o passar do tempo, conforme a visão de antropólogos, etnólogos, historiadores e demais estudiosos, os quais, segundo Llosa (2013), têm uma concepção mais “generosa” e até “angelical”, acreditando que todas as culturas, de seu modo e em suas circunstâncias, são iguais, e constituem expressões equivalentes da diversidade humana.

Isso também explica como foram desaparecendo de nosso vocabulário, talvez para não parecerem politicamente incorretos, os limites que mantinham a separação entre cultura e incultura, pessoas cultas e incultas.

Kashimoto, Marinho e Russeff (2002) também comentam sobre as significações modernas do termo “cultura” que, na opinião dos autores, tornou-se vago e ambíguo em todos os idiomas. Eles atribuem esse fato ao seu emprego iterativo e aleatório nas mais diversas áreas do conhecimento. Até mesmo em veículos de comunicação de renome encontram-se, hoje em dia, expressões como “cultura de guerra” ou “cultura da fome”, expressões que, segundo os autores, nada dizem, justamente por serem compostas por noções mutuamente excludentes.

Essa rápida revisão a respeito de globalização e cultura abre um leque para discussões de novos assuntos que estão relacionados entre si, na construção da identidade cultural, como, espaço e localidade, como também a *etnicidade*.

## **2.2. Etnicidade, Espaço e Localidade na construção da Identidade Cultural**

A partir do entendimento adquirido através dos estudos já apresentados, nos capítulos anteriores desse trabalho, de que o processo de construção de uma identidade cultural envolve muitos elementos e fatores - e que eles são fundamentais para a compreensão do todo -, é relevante que se continue conceituando alguns subtemas implicados na dinâmica, entre eles, a etnicidade, o espaço e a localidade, como também a relação existente entre eles.

Entende-se que seja necessário pensar nesses três conceitos conjuntamente porque se percebe que, em sua essência, estão muito associados, como também dependentes um do outro. Para se entender a ideia de localidade, é preciso se ter noção sobre o espaço. E a etnicidade entra nessa história oferecendo uma importante contribuição ao estudo sobre o espaço e a localidade, e facilitar a compreensão sobre a força que exercem na comunidade para a construção de suas identidades.

Iniciar-se-á, então, com a definição do termo *etnicidades*, que se trata de “[...] fenômenos sociais que refletem as tendências positivas de identificação e inclusão de certos indivíduos em um grupo étnico”, conforme definição de Grünewald (2003, p. 145), explicando que a “distintividade dessa identidade, para caracterizar um grupo étnico, deve se remeter a noções de origem, história, cultura e, até, raça comuns”.

Os estudos desse autor revelam que originalmente destacaram-se duas perspectivas teóricas para se abordar e definir os grupos étnicos: a) Essencialista: que se debruçava sobre a substância do patrimônio cultural e histórico das populações para perceber sua distintividade étnica; b) Construtivista: focando as interações sociais entre as sociedades, notava suas fronteiras, que eram o que, efetivamente, definiria os limites do grupo étnico, independentemente se os traços de cultura ou raça fossem compartilhados com as sociedades vizinhas. (GRÜNEWALD, 2003).

Para o autor, que publicou um artigo sobre turismo e etnicidade, é importante para os grupos étnicos portarem marcas culturais e históricas, pois, quando não as possuem, muitas vezes as criam para fortalecer sua distintividade étnica. Segundo Grünewald (2003), geralmente esses elementos de cultura são pensados e operados como tradições, mas, na prática, pode ser construída situacionalmente com vistas, inclusive, no futuro.

O autor também menciona sobre uma perspectiva mais produtiva, que se inicia ainda na década de 1970, a qual reforça a etnicidade promovida entre certas populações com um reforço de certas tradições - como as artes étnicas, por exemplo -, que passaram à condição de chamariz turístico, e assim também participando da perspectiva do desenvolvimento local do turismo. Segundo Grünewald (2003, p. 144): “a construção, promoção ou fortalecimento de sinais diacríticos que caracterizam (que definem culturalmente) um povo é o próprio âmbito da etnicidade”.

E através do artigo de Giralda Seyferth (1999) sobre Etnicidade, Política e Ascensão Social, percebe-se que a etnicidade também pode incluir possibilidade de uma integração político-econômica à sociedade nacional.

Semelhantemente, também encontram-se estudos de Bourdieu (2002, p. 141) sobre o assunto, no qual ele afirma que:

a luta pelo poder de classificação é a própria luta pela definição da identidade regional ou étnica e deve ser entendida enquanto “luta das representações, no sentido de imagens mentais e também de manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais [...]”.

Agora, entendendo a importância da etnicidade na construção da identidade cultural de um povo (ou cidade, no caso), pode-se aprofundar mais as reflexões sobre localidade e espaço.

Iniciando pelo espaço, estudos revelam que dentro do Espaço Geográfico há “três tipos de geografias”, que podem ser explicadas, resumidamente, da seguinte forma: a tradicional - que se refere à superfície terrestre, ao espaço geográfico e privilegia a forma; a quantitativa - que se refere à organização espacial, onde o espaço é relativo e a função é enfatizada; a crítica, que valoriza a estrutura e o social, onde o espaço é relativo e absoluto, resultado da formação social; e a geografia cultural, que valoriza o espaço vivido, a identidade do grupo, o lugar.

Ainda sobre geografia - para melhor compreensão do conceito de espaço -, podemos entender que “o valor de um dado elemento do espaço [...] é dado pelo conjunto da sociedade, e se exprime através da realidade do espaço em que se encaixou”. (SANTOS, 2006, p. 26). O autor afirma que a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos (SANTOS, 1978). Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar.

Nesse contexto, o conceito de espaço relaciona-se com os diferentes conceitos entre lugar, paisagem, território e região, podendo ser um ou todos, mas de forma distinta, e num misto entre material e humano. (SANTOS, 2006).

Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009, p. 164), em seu artigo sobre cultura e identidade, definem o espaço como “[...] um lugar que sempre toma novas formas, isto é, processo de reprodução da vida humana”. Na mesma página desse artigo, os

autores ainda afirmam que o espaço se caracteriza pela “distribuição dos bens ou serviços e também pela localização física dos indivíduos ou grupos sociais em um determinado lugar”. Para os autores, a ocupação e o valor econômico, ou, ainda, da cultura, no contexto global, é um fator determinante para se definir a valorização do espaço que, segundo eles, ocorre de forma bastante distinta.

O espaço aparece como produção de uma realidade concreta que se realiza no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar. “Tudo o que ocorre tem a necessidade de acontecer numa objetividade concreta, por meio da qual o sujeito se situa e se realiza”. (CASTILHO; ARENHARDT; BOURLEGAT, 2009, p. 164).

Dentro desse contexto, pode-se entender que há uma questão de domínio e poder que envolve o lugar, ainda mais sob a ótica de território, uma vez que, segundo Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009, p. 163):

[...] territorialidade é o exercício de poder social, político e econômico em um contexto local ou nacional que resulta do processo de valorização do espaço geográfico, que contém relações de inclusão que constituem uma problemática do indivíduo que pertence a uma coletividade, que necessita de uma forma (lugar), de um conteúdo (significado) e da exterioridade como um sistema institucional, político e cultural.

Segundo os autores, o território pode ser entendido como o “somatório dos sistemas naturais de um determinado país ou uma determinada área, com os fatos construídos pelos homens”.

Lima (2013), em seu artigo sobre a constituição de um território identitário pela garantia dos direitos fundiários: o sítio histórico e patrimônio cultural Kalunga, conta a história de uma comunidade que se esforça em manter-se em seu território e garantir os direitos à terra. A partir disso surge o termo “essencialismo”, resultado da emergência de movimentos identitários. Ocorre uma supervalorização do local por causa de suas especificidades para contrapor a homogeneização que a globalização institui. A autora explica que o essencialismo se refere a uma prática baseada em uma naturalização de identidades e culturas, com essência imutável, como meio de obtenção de direitos.

Lima; Simões; Monte-mòr (2014) afirmam que os principais teóricos da Escola Francesa de Sociologia Urbana desenvolveram estudos que buscavam definir o espaço de uma forma abrangente, considerando-o um agente ativo na configuração dos processos sociais. Para esses pesquisadores - que escrevem sobre espaço, cidades e escalas territoriais, com base nas ideias dos teóricos franceses -, as cidades seriam o ambiente construído que melhor viabilizaria a concentração e a centralização do capital.

Através da análise da problemática espacial sob essa ótica mais abrangente surgiram diversos estudos sobre a importância das escalas territoriais para o desenvolvimento econômico, “o que gerou novas recomendações de políticas de desenvolvimento territorial, cujo objetivo deve ser o estímulo da dinâmica nacional nas mais variadas esferas de governo (local, regional, nacional, etc.)”. (LIMA; SIMÕES; MONTE-MÒR, 2014, p. 224).

Os autores citados acima fazem uma análise espacial bastante significativa, com base na visão do espaço como um produto social, onde a sociedade produz seu próprio espaço a partir de suas relações sociais, de suas bases produtivas e culturais. Nesse sentido, o espaço serve como ferramenta de ideias e ações e funciona como um meio de controle e dominação.

Considerando o mencionado acima, mas apresentando um contraponto, Lima, Simões e Monte-Mór (2014) chegam às seguintes conclusões: a) que o espaço físico está desaparecendo, pois, segundo eles, apesar de tanto se ouvir, em todas as sociedades, um discurso sobre a importância de se preservar o meio ambiente, na prática, o processo de produção cada vez mais tem afetado a natureza; b) cada sociedade produz seu próprio espaço, a partir de uma prática social específica, que envolvem interações entre relações sociais de produção e reprodução; c) se o espaço é um produto social, o conhecimento dos indivíduos sobre o mesmo deve ser reproduzido durante o processo de produção; d) se o espaço é produzido e se há um processo produtivo, a análise requer uma perspectiva histórica; e) é preciso distinguir entre ideologia e prática. Uma revolução precisa produzir um novo espaço e gerar transformação social.

Para os autores, a reprodução das relações sociais no espaço está sujeita à dissolução de antigas relações e/ou a geração de novas relações de outro. Lima; Simões; Monte-Mór (2014) mencionam sobre uma análise similar evidenciou a importância de relacionar os processos sociais à sua forma espacial, ou seja, a



necessidade de integrar à análise as imaginações sociológica e geográfica (ou consciência espacial).

Conforme podemos perceber sob a ótica de Lima, Simões e Monte-Mór (2014, p. 228): “A imaginação sociológica permite conhecer o significado histórico e social do indivíduo na sociedade e no período no qual ele tem sua existência e seu ser”. Além da sociológica, os autores também discorrem acerca da imaginação geográfica, afirmando que essa habilita o indivíduo a relacionar-se aos espaços que ele vê ao seu redor e a reconhecer como as transações entre os indivíduos e entre as organizações são afetadas pelo espaço que os separa, o que o leva a julgar a importância dos acontecimentos em outros lugares, conduzindo-o a encarar e usar o espaço.

Dentro disso, ainda observa-se a presença marcante das origens na memória social migrante que usa de elementos e símbolos para facilitar a construção de uma identidade de grupo, acentuando a permanência da origem, tais quais como: cozinha, indumentária, expressões e perfis corporais, gestualidade, ritos religiosos. (CANDAU, 2012).

O autor afirma que não é um território de um só lugar que constitui o grupo, “mas uma memória ligada a uma sucessão de lugares de uso e habitação” (CANDAU 2012, p. 158), como se pode observar a respeito de lugares de memória de grupos e imigrantes, que é o caso que está sendo analisado nesta dissertação. Para o autor, os lugares “atravessam a memória viva”, são duráveis e carregados de história e memória.

Para Neves (2004, p. 140), que tem um pensamento semelhante ao de Candau sobre esse assunto, “reencontrar temporalidades é também reencontrar lugares e identidades”. A autora, em seu artigo sobre literatura, memórias e cidades, trabalha com duas categorias inerentes ao ato de recordar: espaço e tempo. Ela afirma que “a busca incessante do tempo passado relaciona-se à dos espaços das vivências coletivas e individuais”, e que “diante da fragmentação da vida, os espaços (lugares) são fundamentais para a construção e solidificação de identidades”. (NEVES, 2004, p. 141).

Quanto a essa última afirmação da autora, Nicolini (2013) diverge, de certa forma, quando explana sobre a complexidade que envolve a identidade cultural e que pode ser observada a partir das concepções de sujeito e identidade, no atual cenário de globalização. Ou seja, o que antes era fixo, essencial e permanente,

agora se configura como algo em constante mobilidade e transformação. Essa visão do autor reforça a ideia apresentada nos capítulos sobre cultura e globalização, pois, nos leva à compreensão de que a cultura que nos rodeia age permanentemente na reformulação de hábitos, crenças, valores e práticas sociais.

Nicolini (2013) argumenta que, atualmente, as representações dos grupos, cujas certezas e essencialidades se perdem na indefinição espacial e temporal, fazem com que os referenciais outrora assentados na etnicidade, religião, no gênero e demais categorias de unificação percam sua unicidade. Pode-se entender, assim, que os lugares, que antes determinavam a identidade dos sujeitos, também se veem alterados pela globalização e a sua conseqüente transformação dos territórios em espaços mundializados, inseridos numa cultura que não se limita frente às fronteiras nacionais ou limites regionais.

Ainda no contexto de lugar e espaço - sem esquecer da discussão entre as ideias dos autores Neves (2004) e Nicolini (2013), sobre identidade, etnicidade e cultura -, porém, mais especificamente na questão da localidade, Kashimoto, Marinho e Russeff (2002) desenvolvem todo um diálogo sobre cultura popular local e cultura erudita local, sendo que a primeira,

[...] por ser oriunda das relações profundas entre a comunidade do lugar e o seu meio (natural e social), simboliza o homem e seu entorno, implicando um tipo de consciência e de materialidade social que evidencia o grau de afeição ou apego a um lugar. (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2002, p. 36).

Esse pensamento está de acordo com o que Santos (2006) evidencia no capítulo “A força do Lugar”, de seu livro “A Natureza do Espaço” - praticamente um clássico -, em que ele traça um contraponto entre localidade e mobilidade, afirmando que mudanças do lugar podem trazer profundas alterações nas memórias e até na identidade de um indivíduo.

O sujeito no lugar estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava: “[...] uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar, onde cada indivíduo era ativo”. (SANTOS, 2006, p. 222).

As palavras de Santos (2006) dão a entender que elementos exteriores aos limites do lugar podem ser negativos para a construção e consolidação da identidade de um povo ou indivíduo, porém, no artigo de Kashimoto, Marinho e

Russeff (2002), os autores apresentam uma outra visão sobre isso, referindo-se a cultura erudita local, que revela-se extremamente positiva. Essa ideia está constatada através da afirmação:

Por outro lado, a cultura erudita local reflete o grau de auto-estima da população, pois, na medida em que manifestações culturais eruditas recuperam elementos da cultura popular local em detrimento de elementos importados da cultura de alhures, percebe-se que o lugar passa a tecer laços afetivos também com as classes dominantes, aquelas classes que são, em última instância, as detentoras dos bens e dos meios de produção. Igualmente, a cultura erudita local, em seu processo de difusão em espaços exteriores aos limites do lugar, serve como veículo de informações sobre esse mesmo lugar, podendo reforçar a auto-estima das populações locais e fortalecer o intercâmbio necessário ao bom andamento do desenvolvimento do lugar". (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2002, p. 36).

Quase que divergindo desse ponto de vista, Hall (2003, p. 36) apresenta uma afirmação que desconstrói, em partes, a ideia da "força do lugar" no processo de construção de uma identidade cultural na atualidade, em que fala tanto de mundialização: "Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o lugar".

O autor faz tal afirmação num contexto em que a globalização da cultura tenta impor formas de vida que não consideram as diferenças culturais - muito semelhante ao pensamento de Nicolini (2013), sobre o qual foi discutido anteriormente.

Hall (2006) acredita que, no atual contexto da globalização, é possível identificar uma tensão entre os interesses globais e regionais. Ele afirma que, "nesta dinâmica, as diferentes regiões e territórios buscam afirmar a sua identidade frente aos processos de mudança impostos pelo desenvolvimento da sociedade capitalista". (HALL, 2006, p. 13). Para ele, "essa identidade é construída historicamente, através da atuação dos diversos atores que compõem a realidade".

O autor apresenta dois movimentos contraditórios, de homogeneização e de diferenciação, como forma indispensável para se pensar as questões locais e regionais, principalmente quando se pretende analisar as relações entre as identidades culturais de um território e os projetos de desenvolvimento para ele elaborados.

### **2.3 A valorização da identidade cultural como vetor do desenvolvimento local e regional**

Seguindo na linha de pensamento de Hall (2006), sobre analisar os projetos de desenvolvimento elaborados para um território a partir das relações entre suas identidades culturais, este subcapítulo discorre sobre a necessidade da elaboração e execução de projetos com ênfase na qualidade de vida da comunidade e na valorização humana como fator predominante para o desenvolvimento local.

Nas considerações finais do artigo de Kashimoto, Marinho e Russeff (2002), eles também salientam a necessidade de projetos de pesquisa cujo objeto de estudo seja a valorização da identidade cultural da comunidade em sua qualidade de ferramenta indispensável ao desenvolvimento local. Os autores argumentam que o desenvolvimento local pressupõe um conjunto de pré-condições para seu crescimento, com vistas à manutenção da identidade local.

Os autores acreditam que a criatividade, fruto da interlocução interna à comunidade, instrumentaliza o desenvolvimento de projetos adequados às condições socioculturais locais. “Em conjunto, estudos técnico-científicos e projetos de longa duração somam-se ao saber empírico local, e tornam efetivo e produtor o conhecimento sobre o lugar”. (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2002, p. 41).

Eles ainda argumentam que a afirmação da identidade cultural é imprescindível ao fortalecimento da comunidade em seu ambiente, pois, segundo esses autores, possibilita a escolha das melhores soluções e, conseqüentemente, a condução do processo de desenvolvimento local.

Já na visão de Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009, p. 160),

o desenvolvimento local é entendido como um processo de transformação, que envolve o ser humano como o principal beneficiário dessa mudança, numa perspectiva de melhoria da qualidade de vida de uma coletividade ou grupo de pessoas que fazem parte de uma comunidade.

Para os autores, a valorização humana é fator predominante para o desenvolvimento local, e ainda afirmam que “a práxis do desenvolvimento pode ser entendida como o exercício para uma ação mais efetiva que envolve o indivíduo por meio da práxis comunitária na qual se encontra face a face com a comunidade”. (CASTILHO; ARENHARDT; BOURLEGAT, 2009, p. 161).

Nessa perspectiva, pode-se enxergar o indivíduo como ser social que pertence a uma classe ou grupo social, tem um espaço em que pode se expressar, argumentar, criticar, denunciar, dialogar, exigir, reivindicar e transformar a sua realidade, conforme explanam os autores supracitados.

Uma das facetas do desenvolvimento local, proposta por diversos autores, leva a entender que o mesmo se trata de um processo dinamizador da sociedade para melhorar a qualidade de vida da sua comunidade. E, seguindo a linha de pensamento desses autores, como Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009), pode-se enxergar o desenvolvimento local como um processo de transformação social, cultural, econômico e político em que os maiores beneficiários serão os indivíduos de uma sociedade.

Há estudiosos, ainda, que acreditam que o desenvolvimento pode ser a solução para a diminuição das desigualdades sociais, além de uma forma de proporcionar uma melhor distribuição da riqueza entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Nesse sentido, uma alternativa para as comunidades locais seria procurarem gerir seu próprio desenvolvimento, não ficando presas às políticas governamentais que, segundo Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009, p. 161), “[...] são concebidas de forma vertical, não levando em consideração as relações horizontais e as particularidades locais de uma comunidade ou grupo cultural”.

Alves (2010), em seu artigo sobre diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular - em que analisou a construção de um universalismo global na Unesco -, corrobora com essa ideia argumentando que o núcleo da relação entre cultura e desenvolvimento em países como o Brasil passa, necessariamente, pelo tenso equilíbrio entre diversidade cultural e desigualdade social.

O autor acredita que, para a consolidação e efetivação da diversidade como um direito, as relações entre cultura e desenvolvimento devem ser complementares, impulsionadas por políticas culturais desenvolvidas pelos governos de países como o Brasil, com profundas desigualdades sociais, que comprometem, portanto, o acesso e expansão da diversidade.

Ainda explanando sobre comunidade, no sentido de unir forças para diminuir as desigualdades sociais, Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009) acreditam que essa é uma forma de se praticar a solidariedade. Para os autores, comunidade é

o lugar onde compartilhamos sentimentos e valores ou buscamos a companhia de pessoas que pensam ou sentem as mesmas emoções; lugar em que procuramos ser solidários como uma forma de dar vida a nossa própria existência. (CASTILHO; ARENHARDT; BOURLEGAT, 2009, p. 162).

Na visão desses autores, a comunidade se faz importante no tocante de estabelecer a cooperação, a solidariedade e ação social, além de representar um espaço privilegiado para iniciativas de desenvolvimento local. Eles acreditam que a realidade globalizada faz com que as pessoas busquem sempre a autoafirmação, devido às constantes mudanças e à individualização da sociedade, então, nesse sentido, a identidade das comunidades locais passa a ser um contínuo construir.

Nicolini (2013, p. 18) tem uma visão mais ampla desse assunto, acreditando que “o desenvolvimento se dá a partir de estratégias diversas, a partir de diferentes atores que contracenam no âmbito regional, estabelecendo relações com o espaço global”. Nesse sentido, uma região é vista como “o cenário do processo de desenvolvimento planejado e desencadeado pelos referidos atores”.

O autor pondera que existem inúmeras formas de se compreender esse cenário, o qual pode ser visto como um simples espaço de ação, ou então como um território, que compreende uma complexidade de elementos não considerados na primeira concepção, privilegiando as ações dos atores locais/regionais sobre o lugar ao qual se refere esse processo.

Região, aqui, é compreendida como uma construção histórica e coletiva; e o seu desenvolvimento, por sua vez, significa um conjunto de estratégias materiais e imateriais – econômicas, políticas, sociais, culturais - desencadeadas pelos próprios atores da região. (NICOLINI, 2013 p. 18).

Para o autor supracitado, “o papel da cultura e da identidade cultural no desenvolvimento regional vem à tona no momento em que buscamos compreender a dimensão territorial dos diferentes lugares em que os atores sociais interagem” (NICOLINI, 2013, p. 16). Para ele, considerar a dimensão do território significa perceber que uma região transcende um espaço geográfico delimitado pela natureza ou por questões de outra ordem que não humanas.

É nesta perspectiva, que se percebe como indispensável considerar que a identidade cultural de um território é construída em tempos e espaços determinados,

a partir das suas próprias características, sejam elas físico-naturais ou histórico-culturais. (FLORES, 2006).

Para autores como Nicolini (2013) e Flores (2006), são essas construções identitárias que dão sentido ao território em que diferentes atores se relacionam, assim como a natureza impõe certos limites às ações humanas, também a formação sociohistórica atribui ao lugar um conjunto de especificidades que não pode ser negado ou não enxergado quando se pretende criar projetos de desenvolvimento para esta região.

Nesta perspectiva, fica evidente a cultura como parte do processo de desenvolvimento, afinal, na concepção de Nicolini (2013, p. 23), e sustentada pelos estudos de Hall (2003),

cada território produz e utiliza um conjunto de elaborações que extrapolam o campo econômico, associando a ele aquilo que alguns denominam “universo imaginado”, repleto de significados que traduzem as chamadas identidades culturais. Estas manifestações, de acordo com cada região ou território, são elementos indispensáveis quando se pretende compreender e projetar o desenvolvimento regional.

Diante de tantas afirmações, é notória a necessidade da valorização da cultura como um aspecto importante para o desenvolvimento, pois, segundo Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009, p. 162), “só assim as pessoas podem ter mais facilidade de encontrar soluções criativas para os problemas enfrentados no seu cotidiano de vida, fortalecendo ainda mais sua identidade e valores”.

Os autores acreditam que é a cultura que gera e transmite os valores de geração em geração, tornando necessário conhecer a realidade cultural de um grupo social local em profundidade.

Percebe-se que cultura, espaço social, localidade, entre outros fatores, integram de maneira essencial o processo da construção de identidade que, para os semióticos, se permite decidir sobre traços ou conjuntos de traços comuns, entre dois ou mais objetos. Para Grubits e Darrault-Harris (2003), essas discussões são indispensáveis para fundamentar a estrutura elementar da significação. E entrando nesse campo das significações, representações e imaginários sociais, segue o capítulo a seguir.

### 3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM

Assim como a cultura, a globalização, o espaço social e a localidade, entre outros fatores, integram o processo de construção de uma identidade, há elementos fundamentais para que se possa entender como se dá a construção ou projeção de uma imagem. Devido a essa reflexão, este capítulo entra no campo das significações, das representações sociais e dos imaginários urbanos, conceituando esses subtemas e mostrando a relação existente entre eles.

Duarte, Mamede e Andrade (2009), em seus estudos sobre representações sociais e discurso do sujeito coletivo, trazem um breve histórico sobre a Teoria das Representações Sociais, que surgiu da obra de Serge Moscovici, intitulada “*La psychanalyse: son image et son public*”, publicada na França, em 1961.

Os autores também mencionam o sociólogo Durkheim que trabalhara, anteriormente, com as representações coletivas, mas, segundo eles, as Representações Sociais não pertencem a um único campo de conhecimento; possuem suas raízes na sociologia, atravessam a psicanálise de Freud e se desenvolvem na psicologia social de Moscovici, aprofundada por outros autores como Denise Jodelet.

Duarte, Mamede e Andrade (2009, p. 622), trazem várias definições, dizendo que as representações sociais devem ser vistas como “uma maneira específica de compreender e comunicar aquilo que já sabemos”, e que elas “ocupam uma posição, em algum ponto, entre conceitos que têm como objetivo abstrair o sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções que reproduzam o mundo de forma significativa”. E ainda, que elas “funcionam como um sistema de interpretação da realidade, atuando nas relações estabelecidas pelos indivíduos no meio em que estão inseridos, orientando, assim, seus comportamentos e práticas”.

Oliveira (2003) também realizou um estudo sobre a contribuição de Serge Moscovini a respeito de representações sociais e sociedades, afirmando que as representações não derivam de uma única sociedade, ultrapassando-a, como insistiu Durkheim, mas das diversas sociedades que existem no interior da sociedade maior, e, portanto, não podem ultrapassá-la.

Durkheim também é citado por Pesavento (1995), quando a autora menciona o seu conceito sobre a representação, que envolve uma série de considerações, a começar pelo pressuposto de que a representação implica uma relação ambígua



entre ausência e presença. A autora argumenta que vê a representação como uma “[...] presentificação de um ausente, que é dado a ver segundo uma imagem, mental ou material, que se distancia do mimetismo puro e simples e trabalha com uma atribuição de sentido [...]”. (PESAVENTO, 1995, p. 280). Ela convida a pensar o social a partir de suas representações, o que, segundo ela, deve ser:

[...] uma preocupação contemporânea do nosso fim de século, balizada pela crise dos paradigmas explicativos da realidade que pôs em xeque a objetividade e racionalidade das leis científicas no domínio das ciências humanas. (PESAVENTO, 1995, p. 280).

Chartier (2002), que é um teórico muito citado nos estudos sobre representações sociais, faz uma explanação relevante a respeito desse assunto, mencionando sobre um duplo sentido da representação, como se essa tivesse uma dupla função, que seria “tornar presente uma ausência”. O autor vê a imagem como “a instrumentalização da força, o meio da potência, e sua fundação em poder” (Chartier, 2002, p. 165), mas também acredita que faz parte da representação exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, “constituir aquele que a olha como sujeito que olha”.

Cabe ainda citar outra afirmação de Chartier (1991, p. 184), em seu artigo “O Mundo como Representação” - considerado um clássico na área -: “A relação de representação - entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga - traça toda a teoria do signo do pensamento clássico”.

Seguindo nessa ideia, o autor menciona a representação como imagem que remete à ideia e à memória os objetos ausentes. Segundo ele, esses objetos ausentes podem ser coisas, conceitos, pessoas. Nesse sentido, a representação mostra o objeto ausente, substituindo-o por uma imagem capaz de representá-lo adequadamente. Representar é fazer conhecer pelas palavras e gestos, por exemplo, assim como poderia ser por uma pintura, figuras, marcas.

Dentro deste contexto, pode-se também citar os textos como forma de representação, uma vez que eles podem, de diversas maneiras, reconhecer e experimentar os poderes das imagens. Chartier (2002) afirma que a “fragilidade do visível dos textos”, e sobre a “heterogeneidade semiótica” - termos antes já mencionados por outros teóricos -, da imagem à escritura, como fórmulas que

fornece um ponto de apoio importante para quem recusa identificar todas as produções simbólicas, as imagens, mas também os rituais ou a “invenção do cotidiano”, a uma textualidade.

Nesse sentido, pode-se compreender o quanto a comunicação escrita, textos, artigos, matérias jornalísticas e outros elementos textuais podem ter êxito no sentido de produzir representações e imaginários na mente de seus leitores.

Representar, para o autor, tem também um sentido jurídico e político, é também “manter o lugar de alguém, ter em mãos a sua autoridade”, é a demonstração de uma presença, “[...] a apresentação pública de uma coisa ou uma pessoa”. (CHARTIER, 2002, p. 166).

Pode-se dizer que esse conceito de representação trazido pelo autor, tal como ele compreende e emprega, foi uma grande contribuição para que fosse possível serem melhor compreendidas, determinadas e articuladas, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social.

O autor ainda fala das operações de recorte e de classificação que produzem as configurações múltiplas, através das quais a realidade é percebida, construída, representada, e também sobre os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um poder. Ele afirma que há “[...] formas institucionalizadas através das quais **representantes** encarnam de modo visível, **presentificam** a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder”. (CHARTIER, 2002, p. 169, grifo do autor).

Esse esclarecimento do autor torna mais acessível a compreensão de que autoridade e prestígio são fatores determinantes sobre o crédito que se é dado, ou recusado, às representações que um poder político ou que um grupo social propõe de si mesmo.

Carvalho e Arruda (2008) também apresentam um estudo sobre a Teoria das Representações Sociais, no qual afirmam que a definição não é nova, que também não se trata de uma “roupagem moderna para o nominalismo ou uma modalidade de negação pós-moderna da realidade”. Para os autores, “a representação não é apenas a expressão simbólica da realidade como sua via de acesso, ou seja, deriva da atividade do homem e a direciona, é simultaneamente produto e processo”. (CARVALHO; ARRUDA, 2008, p. 449).

Para esses autores, há um processo de transformação implicado na representação, uma vez que o não-familiar transforma-se em familiar, o novo é incorporado a categorias preexistentes e se torna senso comum.

Na visão de Porto (2009, p. 216), em seu artigo que fala sobre mídia, segurança pública e representações sociais, a representação social “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

A autora afirma que a importância das representações sociais na vida cotidiana está na possibilidade de nos guiar

[...] no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a elas de forma defensiva. (PORTO, 2009, p. 216).

Bonomo, Trindade, Souza e Coutinho (2008), que estudaram sobre as representações sociais e as identidades de grupos de mulheres ciganas e rurais, trazem um conceito de representações sociais como a “realidade comum” que, de certa forma, disponibiliza ao indivíduo o patrimônio necessário às identificações e diferenciações sociais a partir de sua afiliação e reconhecimento de pertença a um determinado grupo social.

Carvalho (2005, p. 151) - que fez um estudo sobre o conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier -, concorda com as afirmações acima quando diz que “as representações permitem também avaliar o ser-percebido que um indivíduo ou grupo constroem e propõem para si mesmos e para os outros”.

Já Vala (2007), em seus estudos sobre representações sociais e percepções intergrupais, articula entre dois tipos particulares de representações sociais: as polêmicas, que ancoram no conflito implícito ou explícito entre grupos sociais e as emancipadas, que ancoram nas relações de cooperação entre grupos sociais.

O autor traz à tona a tipologias para, segundo ele, capturar a pluralidade de ancoragens das representações sociais. Ele traz definições de Durkheim quando explana sobre as representações sociais coletivas ou hegemônicas, e de Jodelet para falar das emancipadas.

Não cabe a essa proposta de pesquisa a conceituação dos tipos de representações, apenas estão sendo citadas superficialmente para mencionar o

conteúdo do artigo de Vala (2007), utilizado como referência nesse trabalho de revisão literária.

Spink (1993, p. 306) vê o estudo das representações sociais não mais como conteúdos, mas como processo, argumentando que a diversidade e a contradição nos remetem a um:

[...] processo entendido não como mero processamento de informações e elaboração de teorias, mas como práxis; ou seja, tomando como ponto de partida a funcionalidade das representações sociais na criação e na manutenção de uma determinada ordem social.

Já Fávero (2005), que estuda as representações sociais a partir do ponto de vista do Desenvolvimento Psicológico e da Mediação Semiótica, traz o viés do paradigma pessoal, que preserva a identidade única e particular do sujeito, sem, no entanto, apartá-lo do coletivo, caso seja preservada a noção de internalização como transformação.

Matta (1999) concorda com esse pensamento quando afirma que o estudo dos modos de participação em atividades socioculturais, e as transformações ao nível da compreensão e da responsabilidade nesta participação, serão fundamentais numa abordagem do processo de desenvolvimento.

Seguindo nessa parte de conceituação sobre representações sociais, ainda pode-se lembrar dos estudos de Carvalho e Arruda (2008) que, em sua pesquisa, estabeleceram um diálogo entre a teoria das representações sociais e a história. Os autores argumentam que:

estudos em representações sociais podem ser enriquecidos com a dimensão histórica, não apenas porque toda representação se refere a um tempo-espaco, mas porque a própria historicidade está na base da transformação social. (CARVALHO; ARRUDA, 2008, p. 446).

Os autores levantam um questionamento: “A teoria das representações tem como aplicação somente questões do tempo presente? E caso seja, não haverá, então, incompatibilidade entre a teoria e a história?” (CARVALHO; ARRUDA, 2008, p. 450). Na página 453, eles mesmos respondem a esse questionamento:

As representações sociais expressam a tensão constante do cotidiano e suas demandas históricas. Muitas vezes o conteúdo das representações parece desafiar o tempo (themata) e não há como prever ou antecipar o seu fim; a história não tem uma direção linear como supunham os evolucionistas do século XIX. Do ponto de vista das representações sociais, o novo, estranhado, torna-se familiar e dotado de um sentido, amálgama entre a novidade e o já conhecido.

Percebe-se que os autores supracitados costumam usar do artifício da indagação para promover uma maior reflexão sobre os temas estudados. Sobre a representação, eles ainda questionam se a mesma é subjetiva ou objetiva. O que, na verdade, estão indagando é se o conhecimento deriva “simplesmente” da vontade de sujeitos ou está ligado à natureza dos objetos. Eles também colocam em questão a possibilidade de se definir ou obter um conhecimento verdadeiro, isto é, que expresse inteiramente o objeto.

Talvez não haja verdades absolutas, mas é provável que apenas os sentidos humanos sejam falhos, num mundo governado por leis “inexoráveis”. “Sob diferentes roupagens a controvérsia estimulou debates ao longo da história. E o mundo das idéias platônicas se transformou nas verdades claras e distintas de Descartes”. (CARVALHO; ARRUDA, 2008, p. 448).

O fato é que o termo “representação” possui longa tradição e uso. Em geral, conforme a linha de raciocínio dos autores acima mencionados, indica um “algo” que se insere entre um sujeito e um objeto, traduzindo a dualidade básica da existência humana. Em uma das definições usadas por Carvalho e Arruda (2008, p. 449): “[...] são imagens, palavras, símbolos, ações e expressões, enfim, decorrentes das atividades e interações humanas - o ser no mundo que se faz no tempo”.

Para entender ainda melhor a questão da imagem, dentro desse contexto, temos as contribuições de Hall (1999, p. 71) que afirma: “uma identidade está profundamente envolvida no processo de representação”. A identidade de um município, ou região, por exemplo, o representa e pode-se entender, com isso, que a forma como uma identidade é representada tem a ver com a imagem construída e projetada aos seus públicos, como também com a imagem percebida por eles. Nesse contexto, encontra-se a afirmação de Nicolini (2013, p. 32): “A construção de identidade se dá a partir de narrativas que ordenam e dão sentido ao imaginário dos atores sociais”.

Porto (2009, p. 214) está de acordo com as afirmações de Hall e Nicolini quando faz a seguinte ponderação:

Se a realidade é construída, apresentada, representada por meio de narrativas e imagens de guerra ou de paz, os efeitos sobre possíveis formas de orientação de condutas dos atores sociais serão igualmente distintos.

Leitão e Santos (2012) concordam, afirmando que para se compreender as possíveis leituras que se fazem de uma imagem é importante levar em consideração os dois componentes principais, que podem ser de ordem material (recursos técnicos, óticos e eletrônicos) e de ordem imaterial (mentais e culturais). Os autores acreditam que, em muitos casos, quando se analisa a imagem de uma cidade, por exemplo, existe certo descompasso entre o que acontece de mudanças efetivas em algumas regiões do país e o que é representado, que, muitas vezes, segundo os autores, mostra-se a partir de formatos pré-estabelecidos de imagens caricatas. Eles também consideram memória como outro aspecto importante para quem estuda a relação entre imagem e identidade.

Nicolini (2013) afirma que as identidades se constroem historicamente através de representações sociais ou culturais. Para esse autor, é dessa forma, a partir da construção de símbolos, que as identidades vão se definindo na sociedade, e esse processo se dá pela “marcação da diferença” que, para eles, ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social.

A discussão sobre a construção das identidades através de representações históricas remete, novamente, às reflexões de Candau (2012, p. 21, grifo do autor), quando ele menciona a ligação entre memória e identidade: “[...] as noções de **identidade** e **memória** são ambíguas, pois ambas estão subsumidas no termo “representações [...]”. Conforme a visão do autor, a amplitude da memória do tempo passado terá um efeito direto sobre as representações de identidade.

Entende-se também que, segundo Chartier (2002), existem três diferentes modalidades de articulação, permitidas pela noção de representação: 1) a que contempla o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através da qual a realidade é contraditoriamente construída por diferentes grupos; 2) a que volta-se à análise das práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; 3) a que envolve as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias

coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 2002).

Ainda, dentro deste contexto, mas já introduzindo o assunto do próximo subcapítulo, encontram-se as afirmações de Spink (1993, p. 300) - em seu artigo em que conceitua Representação Social na abordagem psicossocial -, em que inspira-se na estudiosa dessa temática, Denise Jodelet, para sua definição sobre representações sociais:

São modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos - imagens, conceitos, categorias, teorias -, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos.

A autora acredita que, por serem socialmente elaboradas e compartilhadas, as representações sociais contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. “Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção”. (SPINK, 1993, p. 300).

Mencionando, também, os estudos de Jodelet, Porto (2009) considera relevante reter da discussão o fato de que neste mundo complexo, plural, fragmentado e, sobretudo, desigual, característico da modernidade, os indivíduos não detêm, de modo igualitário, o mesmo potencial de produção de sentidos, explicação e enfrentamento do mundo, na forma das representações sociais.

A autora acredita que, pelo contrário, apenas alguns indivíduos, grupos ou setores da sociedade se constituem em protagonistas desse processo. Os demais, que formam, de fato, a maioria, apenas consomem conteúdos (normas, valores etc.) que não produziram. Ou seja, nesse contexto surge a força da mídia que, segundo a autora, em suas diferentes facetas, tem protagonizado de modo crescente essa função pragmática de “explicar o mundo” e produzir significado para fatos e acontecimentos sob a forma de representações sociais.

### 3.1 O poder da mídia e da comunicação nas representações sociais

Este subcapítulo apresenta reflexões sobre o poder da mídia, da propaganda, das relações públicas, e das técnicas de comunicação, em geral, no contexto das representações sociais e da construção de imaginários.

Corroborando com a linha de raciocínio das autoras Porto (2009) e Spink (1993) - em que elas mencionam a “força da mídia”, no sentido da função de “explicar o mundo”, ou seja, produzindo significados e comunicando acontecimentos, sob a forma de representações sociais, que partem de uma minoria, protagonista, para uma maioria consumista -, encontram-se os estudos de Leitão e Santos (2012), que pesquisaram sobre imagem jornalística e representações sociais.

Os autores consideram importante, dentro desse contexto, o conceito de *agenda-setting*, uma vez que, segundo eles, o público dá importância a acontecimentos enfatizados pelos meios de comunicação de massa. O autor explica que a mídia coloca na ordem do dia os assuntos, dando ênfase e centralidade ao que se quiser e ao que for interessante a um grupo de pessoas, etc. Essa ideia vem ao encontro da reflexão sobre a importância das representações sociais na produção de sentidos e significados.

Nessa mesma linha de pensamento, encontram-se as afirmações de Meyrer (2007, p. 16), que aponta a imprensa atual como:

[...] uma fonte privilegiada para análise histórica, na medida em que se constitui num registro impresso dos acontecimentos de uma época, sem descuidar, no entanto, que foi elevado a esta categoria – acontecimento - por uma escolha dentro de uma multiplicidade de acontecimentos que permeiam a vida social.

Segundo a autora, por esse motivo, se torna essencial, para a análise, o desvendamento da subjetividade, no intuito de “identificar quais as forças que agem sobre uma ou outra representação, e como elas poderiam influenciar a realidade ou mesmo quais as relações que mantém com a realidade”. (MEYRER, 2007, p. 17).

Nessa mesma visão sobre a existência de “forças que agem nas representações”, encontram-se as afirmações de Baczko (1985) sobre o manejo dos imaginários sociais, e sua manipulação cada vez mais sofisticada e especializada, através da invenção de novas técnicas, bem como o seu refinamento e diferenciação.



Segundo o autor, é nesse sentido que o domínio dos imaginários sociais confunde-se em grande parte com a história da propaganda, isto é, com a evolução das suas técnicas e instituições, a formação do seu pessoal, entre outros pontos que o autor destaca. “O desabrochar das técnicas de propaganda nos tempos modernos e a importância cada vez maior que esta ganhava no conjunto da vida pública estimularam consideravelmente a reflexão teórica e sistemática”, afirma Baczko (1985, p. 300).

Voltando para as reflexões de Meyrer (2007), a autora ainda chama a atenção para o fato de que a imprensa trabalha sempre com elementos já existentes na sociedade, caso contrário elas não fariam sentido para as pessoas que consomem o que é divulgado pelos veículos de comunicação.

Esse pensamento está de acordo com a afirmação de Hall (1997, p. 184): “As mensagens enunciadas por um jornal inserem-se - ou lutam por se inserir - no imaginário social presente em determinada época.” O autor explica que tais mensagens expressam pressupostos que pertencem ao estoque cultural das sociedades nas quais eles operam, e que as ideologias em fotos e textos de um jornal não produzem novos saberes sobre o mundo, mas produzem um reconhecimento do mundo.

A partir dessas afirmações, conseguimos entender que os jornais não só perpetuam as representações sociais, como também, e ao mesmo tempo, contribuem para o processo da sua construção.

Meyrer menciona a importância da forma para entendermos os significados das representações, o que já foi enfatizado por Roger Chartier, quando ele destaca a relevância da materialidade do texto, que é pleno de historicidade e significação. Segundo a autora, “a maneira como se expressam as representações relaciona-se com o contexto da época e com o público leitor apto a decodificar os códigos próprios de seu tempo”. (MEYRER, 2007, p. 20).

Porém, para que se possa adentrar nessas questões textuais - sua relevância, influência e “poder” -, faz-se necessário estudar mais, ainda no contexto sobre construção da imagem a partir das representações sociais, a respeito de dois elementos dignos de uma análise primordial: a comunicação e a informação.

Conforme Santos (2006) há uma clara distinção entre informação e comunicação uma vez que podemos nos comunicar com o mundo que nos rodeia, com os outros, e até mesmo conosco, sem procedermos à transmissão de quaisquer

informações, tal como podemos transmitir informações sem criarmos ou alimentarmos quaisquer laços sociais.

Para esse autor, na comunicação, intervêm processos de interlocução e de interação que criam, alimentam e restabelecem os laços sociais e a sociabilidade entre os indivíduos e grupos sociais que partilham os mesmos quadros de experiência e identificam as mesmas ressonâncias históricas de um passado comum. (SANTOS, 2006).

A comunicação é uma necessidade inerente ao ser humano, é a base para toda espécie de relacionamento. Não se trata apenas de transmissão de mensagens ou troca de informações, mas sim de um ato complexo e criativo, que serve para conduzir ideias, difundir conceitos entre grupos e a sociedade organizada.

Sabe-se que muitos dos estudos referentes à área das Ciências Sociais - mais especificamente das Ciências da Comunicação -, partem da análise do chamado “Processo de Comunicação”, no qual estão inseridos vários elementos: o emissor, o receptor, a mensagem (o conteúdo dessa mensagem), os meios, canais pelos quais ela chega até o receptor, a sua codificação e decodificação, um desejável *feedback* do receptor para o emissor (e talvez mais retornos do emissor para o receptor), como também um possível ruído na comunicação (falhas).

A compreensão de como todos esses elementos funcionam dentro do processo é fundamental para que se entenda de que maneira os meios de comunicação - mais especificamente, no caso dessa pesquisa, os veículos de comunicação, uma vez que se tem como objeto de estudo um jornal -, podem exercer poder ou influência na construção de uma imagem e até mesmo de identidades.

Baseando-se, então, na explanação acima, pode-se entender que comunicar trata de um processo, no qual entram em jogo diversas interpretações do existente, resultando de uma verdadeira negociação social, da qual participam preocupações pragmáticas e valores simbólicos.

Vala (1997) salienta a importância das atividades de comunicação quando aborda a questão da identidade social que, segundo ele, pode ser concebida decorrendo da resposta que os indivíduos dão à pergunta: “Quem sou eu?”, seguida da “O que significa pertencer a este grupo?”. Na visão do autor, neste contexto está implicado um processo de associação do eu a uma categoria social, ou seja, o processo de autocategorização social e a identidade que dele decorre são

determinados tanto por fatores socioestruturais como por fenômenos de comunicação, de aprendizagem e de reflexividade.

Entendido esse assunto, apresentam-se, em seguida, explicações e reflexões do teórico Pierre Bourdieu a respeito do poder do discurso, do texto e dos jornais, mais especificamente.

Bourdieu (2002) fala sobre o poder da convicção, e sua relação com a sinceridade, ou credibilidade, apontando a necessidade de um “acordo perfeito e imediato” entre as expectativas inscritas na posição ocupada e as disposições do ocupante. Em sua obra “A produção da crença”, o autor discorre sobre um “ajustamento das disposições às posições”, usando como exemplo o ajustamento de um jornal ao seu público, ou seja, explicando que as estruturas de objetivos do campo da produção estão na origem das categorias de percepção e apreciação dos produtos.

Em outras palavras, pode-se entender que existe uma relação de estreitamento - e talvez até de dependência -, entre o que é produzido com o que é apreciado e, conseqüentemente, consumido. Pode-se entender, levando novamente para o contexto da imprensa, que o que é publicado em um jornal local, por exemplo, é fruto do que se espera ler, é resultado de uma apreciação já demonstrada, de seu público leitor. E é por isso que, em sua repercussão, determinada matéria pode demonstrar tanta credibilidade e aceitação.

O autor segue explicando esse pensamento através da argumentação de que a escolha de um lugar de publicação, editor, jornal e outros, só é tão importante porque, a cada forma da produção e do produto, corresponde a um lugar natural no campo da produção. Ou seja, novamente percebe-se a relação entre “a posição ocupada e as disposições dos ocupantes”, a necessidade do “acordo perfeito” entre eles, “o ajustamento” entre produto, produção e consumidor; jornal e público. O autor enfatiza, dentro da sua ilustração, que os produtores ou produtos que não estão no devido lugar, ou seja, que estão “deslocados”, que estão “mais ou menos condenados ao fracasso”.

Ele ainda aborda a questão da crença no valor do próprio produto, que também é produzida pelas instituições encarregadas da produção e circulação de bens simbólicos.

O jornalismo de nossos dias tem vivido uma sutil deformação de seus objetivos tradicionais, e o resultado inevitável é fomentar uma imprensa light, leve, amena, superficial e divertida que, nos casos extremos, se não tiver à mão informações dessa índole para passar, as fabricará por conta própria. (BOURDIEU, 2002, p. 57).

Tal linha de pensamento vai bem ao encontro do que Seabra (2006) escreve sobre Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. Quem é da área de comunicação sabe que a realidade de um jornal é bastante complexa no sentido de definição de pauta, pois, em uma redação, mais diretamente na produção das notícias, estão implicados muitos fatores, entre eles, os interesses de outrem.

Seabra (2006) explica que um *press-release* (sugestão de pauta), por exemplo, enviado por um assessor de imprensa (que pode ser um jornalista ou relações públicas) a um jornal, pode ser considerado irrelevante para o pauteiro (também chamado de chefe de reportagem), mas pode ser, às vezes, de grande importância para um grupo, uma instituição ou mesmo uma coletividade maior. No entanto, não será notícia se não for relevante para o jornal ou, em último caso, para alguém que tenha influência naquele veículo de comunicação; e o contrário também acontece. Os interesses definem o que é relevante ou não. Pode parecer cruel, mas, segundo Seabra (2006), é assim que as coisas acontecem no mundo da mídia.

Com base nisso, entende-se que o repórter (que é quem pesquisa, elabora e redige a notícia) é orientado, muitas vezes, por um “pauteiro invisível”, que se materializa nas opiniões do dono do jornal ou do editor. “Além disso, a influência exercida pelas instituições oficiais ou pelas grandes corporações também pauta o repórter, restringindo ainda mais a sua margem de manobra”, ressalta Seabra (2006, p. 114), argumentando, ainda, que é comum ouvir de um jornalista que o assunto é até importante, mas que não tem espaço no jornal para isso. Ou seja, não adianta apenas que o acontecimento seja importante, é fundamental que ele seja noticiável, do ponto de vista do interesse do jornal - que pode estar sofrendo influência de instituições, autoridades, ou grupos que tenham algum tipo de poder.

Voltando para os estudos de Bourdieu, para fazer uma conexão entre a prática e a teoria (o concreto e o subjetivo), encontra-se, no seu livro “A economia das trocas linguísticas” uma reflexão sobre o “discurso” e suas significações.

O teórico afirma que a gramática define apenas parcialmente o sentido, e que não é na relação com um mercado que se opera a determinação completa do significado do discurso. O autor acredita que grande parte das determinações que

constituem a definição prática do sentido se transfere de fora automaticamente para o discurso, e ainda destaca o valor distintivo que, segundo ele,

[...] resulta do relacionamento operado pelos locutores, consciente ou inconscientemente, entre o produto linguístico oferecido por um locutor socialmente caracterizado e os produtos simultaneamente propostos num espaço social determinado. (BOURDIEU, 2002, p. 24).

Lembrando o “Processo de Comunicação”, explicado pelas Ciências da Comunicação, e com base nas afirmações de Bourdieu, pode-se entender que o produto linguístico só se realiza completamente como mensagem se for tratado como tal, isto é, decifrado. Vale também atentar para o fato de que os esquemas de interpretação que os receptores põem em ação, em sua apropriação criativa do produto proposto, podem ser mais ou menos distanciados daqueles que orientaram a produção. Segundo o autor, é por meio desses efeitos, inevitáveis, que o mercado contribui para formar, não só o valor simbólico, mas também o sentido do discurso.

Seguindo na reflexão sobre o processo comunicacional e a construção de símbolos e significados, pode-se dizer que “[...] o que circula no mercado linguístico não é **a língua**, mas discursos estilisticamente caracterizados”. (BOURDIEU, 1998, p. 25, grifo do autor). O autor faz tais afirmações considerando o lado da produção, na medida em que cada locutor transforma a língua comum num “idioleto”, e o lado da recepção, “na medida em que cada receptor contribui para produzir a mensagem que ele percebe e aprecia, importando para ela tudo o que constitui sua experiência singular e coletiva”. (BOURDIEU, 1998, p. 25).

A afirmação de Bourdieu (1998) de que a troca linguística é também uma troca econômica está baseada na relação de comunicação entre um emissor e um receptor, fundada no ciframento e no deciframento, ou seja, na operação de um código. Ele argumenta que essa troca se estabelece em meio a uma determinada “[...] relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital linguístico, e um consumidor (ou mercado), capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico”. (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Dessa forma, pode-se entender que os discursos alcançam seu valor (e seu sentido) apenas através da relação com esse mercado, explicado por Pierre Bourdieu, em que o valor do discurso depende da relação de forças, como também depende das competências linguísticas dos locutores, da capacidade de produção,

de apropriação e apreciação, ou capacidade de que dispõem os diferentes agentes envolvidos na troca para impor os critérios de apreciação mais favoráveis a seus produtos.

Bourdieu (1998) também levanta a questão dos “enunciados performativos”, tentando explicar os efeitos da dominação simbólica que ocorrem em qualquer troca linguística. Novamente ele cita a relação de forças linguísticas e que o peso dos seus diferentes agentes depende do “capital simbólico”, isto é, do reconhecimento, institucionalizado ou não, que recebem de um grupo: “a imposição simbólica”. O autor se refere a isso como a “espécie de eficácia mágica que a ordem ou palavra de ordem, mas também discurso ritual ou a simples junção, até mesmo a ameaça ou o insulto, pretendem exercer [...]”. (BOURDIEU, 1998, p. 60).

Conforme a linha de pensamento desse autor, pode-se entender que a reunião de condições sociais externas à lógica linguística do discurso é extremamente importante para que a ideia do capital simbólico funcione. Ou seja, são as condições sociais que asseguram a produção dos emissores e dos receptores adequados, portanto, ajustados uns aos outros.

O autor também destaca outro ponto: a força de um “agente singular”, que fala e age em nome de um grupo, como porta-voz do discurso. Segundo ele, a eficácia simbólica do discurso de autoridade depende sempre, em certa medida, da competência linguística daquele que o emprega, ou seja, nesse sentido, pode-se afirmar que não há poder simbólico sem uma simbologia do poder.

A ciência de um discurso em sua forma atual só pode existir na medida em que seja não apenas gramaticalmente correta mas sobretudo socialmente aceitável, quer dizer, ouvida, acreditada e, por conseguinte, eficiente num determinado estado das relações de produção e de circulação. (BOURDIEU, 1998, p. 64).

Considerando esses contrapontos, pode-se dizer que um jornal local recebe a autorização de fala em nome da comunidade, ou seja, ele funciona como um porta-voz do povo, por isso suas publicações têm tanta credibilidade. E isso pode ser explicado através da reflexão que Bourdieu (1998, p. 81) faz quando confere à linguagem e, de modo mais geral, às representações, uma eficácia propriamente simbólica de construção da realidade, argumentando que:

[...] ao estruturar a percepção que os agentes sociais têm do mundo social, a nomeação contribui para constituir a estrutura desse mundo, de uma maneira tanto mais profunda quanto mais amplamente reconhecida [...].

Segundo autor, há uma luta para a imposição de uma visão do mundo social, em que a ciência se encontra inevitavelmente engajada e os agentes detêm um poder proporcional ao seu capital simbólico, ou seja, ao reconhecimento que recebem de um grupo. Bourdieu (1998) fala de uma “autoridade que funda a eficácia performativa do discurso”, que é capaz de impor perante todos, e em nome de todos, o consenso sobre o sentido do mundo social que funda o senso comum.

O autor traz à tona, também, a “ingenuidade” da questão do poder das palavras e das condições sociais de utilização das palavras. Para ele, o uso da linguagem depende da posição social do locutor que, por sua vez, “[...] comanda o acesso que se lhe abre à língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima”. (BOURDIEU, 1998, p. 87).

Através das afirmações acima, entende-se que é necessário analisar o portavoiz do discurso e não apenas o significado das palavras. Nesse sentido, segundo Bourdieu (1998), a especificidade do discurso de autoridade reside no fato de que não basta que ele seja compreendido, é preciso que seja reconhecido para que possa exercer seu efeito tal.

O autor ainda aponta outro fator relevante nesse contexto: o mercado para o qual as obras são produzidas. Ele argumenta que “não existe ciência do discurso considerado em si mesmo e por si mesmo”, ressaltando a questão das condições sociais da produção das obras, que é quando suas propriedades formais desvelam seu sentido. Dessa forma, as posições ocupadas por seus autores no campo de produção (que não deixam de ser o próprio mercado para o qual foram produzidas) são de extrema significação, considerando também, eventualmente, os mercados sucessivos de recepção de tais obras.

Ainda dentro do contexto do poder da mídia, e fazendo conexões com os pensamentos de Bourdieu, serão apresentadas, a seguir, algumas reflexões de outro grande teórico, Baczko (1985), sobre propaganda e comunicação, que irão trazer contribuições à presente pesquisa bibliográfica, como também a discussão a respeito desses temas.

Sobre a propaganda, pesquisas já mostraram que seus meios técnicos e científicos, dos quais as sociedades contemporâneas dispõem no domínio da produção e manipulação dos imaginários sociais, exercem poderes que conseguem garantir o controle, e até o monopólio destes meios. Eles usam de iniciativas de tipo totalitário que visam anular os valores e modelos formadores diferentes daqueles que o Estado deseja, bem como condicionar e manipular as massas, bloqueando a produção e renovação espontâneas dos imaginários sociais. (BACZKO, 1985).

Entende-se, dessa forma, que os imaginários sociais constituem variados pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e, através da qual, elabora os seus próprios objetivos.

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores [...]. (BACZKO, 1985, p. 308).

Essas afirmações concordam totalmente com o que vem sendo estudado, nessa revisão literária, em especial no capítulo sobre identidade cultural, e já corroborando também com os conceitos apresentados sobre localidade, espaço e território. Isso fica subentendido através da afirmação do autor supracitado, para quem designar a identidade coletiva corresponde a delimitar o seu “território” e as suas relações com o meio ambiente e com os “outros”.

Observa-se também, através dos estudos de Baczko (1985), que os meios de comunicação de massa garantem a um único emissor a possibilidade de atingir simultaneamente uma audiência enorme, numa escala até então desconhecida. Mas o autor alerta que, por outro lado, os novos circuitos e meios técnicos amplificam extraordinariamente as “funções performativas dos discursos difundidos” - termos que já foram extensivamente percorridos no estudo sobre as teorias de Pierre Bourdieu, ainda nesse capítulo -, e dos imaginários sociais que eles veiculam. Entende-se que isso se deve a “cultura de massa”, em que estão implicadas relações extremamente complexas entre informação e imaginação.

Segundo o autor, os *mass media* (mídia de massa) não só aumentam o fluxo de informação como também modelam as suas características. Devido tanto a sua quantidade como a sua qualidade, a massa de informações recebidas estão sujeitas



a manipulações e, além disso, a sua transmissão impõe inevitavelmente uma seleção e uma hierarquização por parte dos emissores.

Cabe lembrar que, segundo o autor, a informação moderna é ainda manipulável por outras formas além da censura, uma vez que os *mass media* fabricam e emitem seus imaginários sociais - que são as representações globais da vida social, dos seus agentes, instâncias e autoridades, etc.

Segundo Baczko (1985, p. 313) - em concordância com as ideias de Seabra (2006), apresentadas anteriormente, nesse mesmo capítulo -: “os indivíduos já não são capazes de dominar a massa fragmentada e dispersa de informações, sentindo assim uma maior necessidade de representações globais e unificadoras”. De acordo com as afirmações dos autores, pode-se dizer que os meios de informação de massa fabricam uma necessidade, que abre possibilidades inéditas à propaganda, e encarregam-se de satisfazer essa necessidade.

E ainda sobre a propaganda moderna, com base nos autores supracitados, pode-se afirmar que a informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação, contaminando-se uns aos outros através do poder simbólico.

A partir de todas essas contribuições teóricas a respeito do sentido do discurso - com base nos principais conceitos trazidos por Pierre Bourdieu a respeito do poder simbólico, além das contribuições do teórico Baczko, mencionados acima -, pode-se afirmar que os elementos principais a serem analisados na compreensão de toda a dinâmica que envolve o poder da mídia, são bastante complexos e estão contidos nos imaginários das pessoas, como também podem estar no imaginário das cidades, ou seja, do público local que consome o que é produzido pelos meios de comunicação.

### **3.2 Imaginários sobre as cidades**

Este subcapítulo apresenta um apanhado com as principais ideias de Baczko (1985), o qual é considerado um expressivo teórico do tema “imaginação social”. Sua obra convida seus leitores a virarem-se para as ciências humanas - que segundo ele, sempre estiveram no poder -, e verificarem que a imaginação, acompanhada pelos adjetivos “social” ou “coletiva”, ganhou também terreno no

campo discursivo e que o estudo dos imaginários sociais se tornou um tema da moda.

O autor menciona um paradoxo aparente, em que os slogans exaltavam somente as funções criadoras da imaginação e, ao investirem o termo com funções simbólicas, concentravam nele as aspirações a uma vida social diferente. Vários estudiosos, dentre os quais antropólogos, sociólogos, historiadores e psicólogos começaram a reconhecer, como também a descobrir, as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva e, em especial, no exercício do poder. (BACZKO, 1985).

Para ele, as ciências humanas colocavam em destaque o fato de que qualquer poder deve se rodear de representações coletivas. Ele usa como exemplo o poder político, argumentando que, para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico.

Baczko (1985, p. 297) também ressalta a ideia existente em meados da segunda metade do século XIX de que não era possível insistir nas múltiplas funções do imaginário na vida social sem pôr em causa uma certa tradição intelectual. “Não são as ideias que fazem a história. A história verdadeira e real dos homens está para além das representações que estes têm de si próprios e para além das suas crenças, mitos e ilusões”, era o discurso usado por correntes do pensamento que, para o autor, seguia uma tendência cientista e “realista” que pretendia separar, na trama histórica, e nas ações e comportamentos dos agentes sociais, o “verdadeiro” e o “real” daquilo que era “ilusório” e “quimérico”. Com base nisso, pode-se afirmar que a operação científica era concebida como uma operação de “desvendamento” e de “desmistificação”.

É certo que toda a ciência é “desvendante”, porém, na ótica cientista, a parte “escondida” do imaginário social não se encontrava nas estruturas que o organizam, nem nos seus modos de funcionamento específicos, ou seja, os considerados agentes sociais, mas era procurada no seu estado de nudez, despojada das suas máscaras, das suas roupagens, dos seus sonhos e representações. (BACZKO, 1985).

O autor destaca o poder da imaginação nos campos discursivos da palavra e das ideias. Ele fala que não há impermeabilidade entre saber e mentalidades, mas que, contudo, cada um dos domínios evolui segundo o seu ritmo próprio, sendo cada um deles trabalhado pelas suas forças e tendências. “A história das palavras tem

conhecido épocas em que elas sofrem viragens, mudando de significados e deslocando-se da **periferia** para o **centro** de um campo discursivo”. (BACZKO, 1985, p. 298, grifo do autor). E nesse sentido, o autor faz uma ligação entre o caso da “imaginação” e do “imaginário”, no discurso atual das ciências humanas, afirmando que tais termos sejam cada vez mais utilizados fora do domínio a que tradicionalmente o seu uso se limitava.

O autor também discorre sobre a problemática das ambiguidades semânticas da “imaginação”, e sobre a existência e as múltiplas funções dos imaginários sociais, importantes para todos aqueles que se interrogavam acerca dos mecanismos e estruturas da vida social, e que verificavam a intervenção efetiva e eficaz das representações e símbolos nas práticas coletivas.

Segundo Baczko (1985, p. 308), a história dessa problemática tinha por objetivo, entre outros:

[...] fazer ressaltar a complexidade dos problemas que se colocam ao estudo da imaginação social, o seu carácter necessariamente pluridisciplinar e a diversidade das abordagens e tendências metodológicas que aí se cruzam e contrapõem.

Conforme o autor, a ausência de uma teoria do imaginário social não pode, portanto, deixar de nos surpreender, sendo que as pesquisas partem para diferentes direções. Para ele, “é mais fácil verificar a complementaridade das questões que as orientam do que integrar num conjunto coerente as respostas hipotéticas avançadas”. (BACZKO, 1985, p. 308).

Na análise que Baczko (1985) faz sobre a terminologia das palavras-chave “imaginação” e “imaginário”, comenta que esses dois termos estão marcados por uma “polissemia notória”, e “inevitável” que, segundo ele, remetem, com efeito, para um dado fundamental da condição humana, e é por isso que a sua definição nunca pode ser considerada adquirida.

Pode-se entender, assim, que cada geração traz consigo uma determinada definição do homem, e uma estipulada ideia da imaginação, daquilo que ela é ou daquilo que deveria ser, mas que o adjetivo “social” poucas precisões acrescenta, e por vezes, até designa um duplo fenômeno.

Como contraponto, o autor afirma que tudo isso diz respeito à orientação da atividade imaginativa em direção ao social, isto é,

[...] a produção de representações da “ordem social”, dos actores sociais e das suas relações recíprocas (hierarquia, dominação, obediência, conflito, etc), bem como das instituições sociais, em particular as que dizem respeito ao exercício do poder [...]. (BACZKO, 1985, p. 309).

Por outro lado, o autor afirma que o mesmo adjetivo designa a participação da atividade imaginativa individual num fenómeno coletivo e que todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar. (BACZKO, 1985).

Em seus estudos, Baczko (1985) também recorre a conceitos clássicos, de antigos filósofos. Primeiramente, ele traz as teorias de Platão e Aristóteles, os quais traduzem, cada um à sua maneira, um universo de debates, de inversões de atitude provocadas pelo poder do verbo e pela sua capacidade de influenciar as decisões e práticas coletivas.

Platão denuncia essas novas formas de vida coletiva e põe em realce as funções dos imaginários sociais veiculados pelo mito. Já Aristóteles evidencia as técnicas de argumentação e persuasão, realçando a influência exercida pelo discurso sobre a imaginação e os juízos de valor. (BACZKO, 1985).

O autor ainda traz uma contribuição de Maquiavel, que retoma amplamente a experiência da propaganda real contra o poder eclesiástico para elaborar a sua teoria, que se resume em sua famosa frase: “Governar é fazer crer”. Segundo Baczko (1985, p. 300), essa afirmação “põe em destaque as relações íntimas entre o poder e o imaginário, ao mesmo tempo que resume uma atitude técnico-instrumental perante as crenças e o seu simbolismo [...]”.

Encontra-se nessa reflexão a teoria das aparências de que o poder se rodeia e que corresponde a outros tantos instrumentos de dominação simbólica. Entende-se, dessa forma, o imaginário como “um artifício arbitrariamente fabricado e manipulável até ao infinito”, conforme define Baczko (1985, p. 301), ressaltando (na mesma página) que “nenhuma relação social e, por maioria de razão, nenhuma instituição política são possíveis sem que o homem prolongue a sua existência através das imagens que tem de si próprio e de outrem”.

O autor também cita Kant e Marx, dentro desse assunto. Primeiro ele menciona os “romantismos” de Kant, que exaltam o poder criador da imaginação e, a partir daí, a autonomia do universo dos signos e símbolos que ela produz. O autor

explica que, para alguns, a criação imaginária só encontra um terreno de exercício privilegiado na poesia e nas belas-artes; para outros, porém, ela direciona toda a atividade à vida coletiva e, em especial, a política. Já sobre Marx, Baczko (1985) menciona a afirmação de que qualquer grupo social fabrica imagens que exaltam o seu papel histórico e a sua posição social, não se definindo senão através dessas representações.

Apesar de Baczko (1985, p. 306) considerar a obra de Marx “exemplar quanto ao seu impacto na instituição e estruturação de um poderoso sistema de imaginários sociais, cuja importância histórica é inútil sublinhar”, ele evoca, mais sucintamente, duas outras contribuições fundamentais para a elaboração do campo de investigação sobre a imaginação social: as de Emile Durkheim e de Max Weber.

É claro que existem oposições metodológicas entre os três autores (Marx, Weber, Durkheim), mas, segundo Baczko, isso não exclui a “fecunda complementaridade das interrogações e hipóteses que as suas obras colocam”. O autor resume dessa forma:

Marx sublinha as origens dos imaginários sociais, designadamente as ideologias, bem como as funções que desempenham nos grandes conflitos sociais. Durkheim põe em relevo a correlação entre as estruturas sociais e os sistemas de representações colectivas, ao examinar o modo como estas fornecem uma instância que assegura o consenso senão a coesão social. Quanto a Max Weber, coloca o problema das funções que competem ao imaginário na produção do sentido que os actores sociais atribuem necessariamente as suas acções. (BACZKO, 1985, p. 306).

Para essa pesquisa, também torna-se importante atentar para as reflexões de Durkheim, bem como Marcel Mauss, que defende a subordinação do psicológico ao sociológico. Esses teóricos afirmam que, a fim de que uma sociedade exista e se mantenha, assegurando um mínimo de coesão, é preciso que os agentes sociais se dotem de uma “consciência coletiva”, isto é, um fundo de crenças comuns que exprima o sentimento da existência da coletividade.

Segundo a explicação de Baczko (1985) sobre as reflexões de Durkheim, esses agentes sociais precisam acreditar na superioridade do fato social sobre o fato individual. Ele ressalta a necessidade de se comunicar entre os homens através de símbolos exteriores aos estados mentais individuais, através de signos posteriormente concebidos como realidades. O autor aponta o aspecto simbólico como uma das características fundamentais do fato social e chama a atenção para o

agravante de que a maioria das representações coletivas é escolhida arbitrariamente a fim de significar outras representações e de exercer um comando sobre as práticas.

Continuando no contexto do domínio social, Baczko (1985) responsabiliza a antropologia política pelo destaque às relações entre sentido e poderio, sistemas simbólicos e estruturas de dominação. Segundo ele,

as produções imaginárias, em particular os mitos, constituem outras tantas respostas dadas pelas sociedades aos seus desequilíbrios, as tensões no interior das estruturas sociais e as eventuais ameaças de violência. A antropologia estrutural pôs em destaque o facto de qualquer cultura poder ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos e de todos estes sistemas procurarem exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social; e, mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidades mantêm entre si, bem como aquelas que os sistemas simbólicos tecem entre eles. (BACZKO, 1985, p. 308).

Ainda conceituando imaginário social, conforme Baczko (1985) trata-se de uma das forças reguladoras da vida coletiva, pois não só indica os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, como também define os meios inteligíveis das suas relações com ela. Para ele, o imaginário social é uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder.

Nesse contexto, encontra-se uma reflexão do autor que vai ao encontro do pensamento de Bourdieu, explanada na seção anterior desse trabalho - sobre o poder da mídia nas representações sociais -, em que se debateu a respeito dos “discursos” e seus sentidos. Para Baczko (1985, p. 311):

o imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos discursos nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem. Os signos investidos pelo imaginário correspondem a outros tantos símbolos.

Segundo o autor, o controle do imaginário social, da sua reprodução, difusão e manejo, assegura uma real influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e coletivas. Para ele, todas as escolhas sociais são resultantes de experiências e expectativas, de saberes e normas, de informações e valores, e uma das funções dos imaginários sociais consiste na organização e controle do tempo coletivo no plano simbólico.

Baczko (1985) explica que esses imaginários intervêm ativamente na memória coletiva e operam na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro. O autor insiste na ideia de que os imaginários sociais não funcionam isoladamente, mas sim, em relações diferenciadas e variáveis com outros tipos de imaginários e confundindo-se por vezes com eles e com a sua simbologia.

Já adentrando no assunto “cidades”, pode-se dizer que elas são um exemplo, entre outras coisas, de projeção dos imaginários sociais no espaço. Segundo Baczko (1985, p. 313), “a sua organização espacial atribui um lugar privilegiado ao poder, explorando a carga simbólica das formas (o centro opõe-se a periferia, o “acima” opõe-se ao “abaixo”, etc.)”.

Nos estudos sobre o tema cidades, encontrados para essa revisão literária, observa-se que, tanto o artigo de Neves (2004), sobre literatura, memória e cidades, quanto o de Abreu (1998), o passado, e a questão da memória, são imprescindíveis para uma análise sobre as cidades e, sobretudo, para a construção de sua imagem.

Para Neves (2004, p. 137),

O caráter coletivo da memória das cidades encontra na literatura terreno fértil de expressão. Como signo da modernidade, são as cidades realidades sempre em mutação. As relações de poder, atividades econômicas, formas de sociabilidade, vida cultural e espaços coletivos transformam-se de forma contínua.

A autora ainda conceitua as cidades como “memórias acumuladas”, “memórias perdidas” e “memórias silenciadas”. Ela as vê como “espaço de vivências coletivas”, e “paisagens privilegiadas de registros da memória”.

As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, dentre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares do ontem com os sentimentos do presente. (NEVES, 2004, p. 138).

Para Abreu (1998, p. 86), “a cidade é uma das aderências que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si. Uma dessas resistências que não permitem que suas histórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço”.

Neves (2004) diverge de Abreu nesse ponto quando afirma que as cidades nas quais vivemos são essência do presente imposto, mas cidades das quais nos

lembramos são alimento das reminiscências, essência de um passado perdido. A autora acredita que, quando o sentido é de mudança, há perda, sim, quando as cidades são transformadas em pátrias, em centros de experiências de vida, buscando raízes nos espaços urbanos.

Abreu (1998) ainda explica que a valorização do passado das cidades é uma característica comum às sociedades recentes e que, no Brasil, essa tendência é inédita e reflete uma mudança significativa nos valores e atitudes sociais até agora predominantes. O autor aponta para uma necessidade atual de se preservar a memória urbana. Ele também fala de memória individual e coletiva, que elas só se estruturam plenamente quando conseguem se ancorar simultaneamente no tempo e no espaço.

Nesse sentido, é apresentada, no próximo capítulo, uma revisão histórica sobre as origens de uma pequena cidade do Rio Grande do Sul chamada Igrejinha.

## **4 UM POUCO DE HISTÓRIA - IMIGRAÇÃO ALEMÃ, IGREJINHA E A OKTOBERFEST**

Neste capítulo, apresenta-se uma discussão sobre as memórias culturais do município de Igrejinha, no que tange à região e suas características, em termos gerais. Este estudo histórico inclui o início das civilizações no município, a origem do nome, a vinda dos primeiros imigrantes, as origens da Oktoberfest (mundial), a criação da Oktoberfest de Igrejinha - principais atrações de cada edição, para análise da evolução da festa -, entre outros fatos históricos interessantes para esse estudo.

### **4.1 A vinda dos primeiros imigrantes para o Brasil, Vale do Paranhana e Igrejinha**

Segundo Engelmann (2004), os primeiros registros de imigrantes no Brasil são de 1820 a 1830, quando as primeiras famílias começaram a chegar em terras brasileiras em busca de uma vida nova. Várias pessoas se aventuraram na terra desconhecida, embaladas pela imagem de um sonho que a Coroa Imperial brasileira vendia através de promessas como: um pacote fechado que incluía passagem paga,



lotes de terras, suprimentos, materiais de trabalho, animais, isenção de impostos, liberdade de culto e cidadania.

Entretanto, a chegada às novas terras apresentou aos pioneiros uma realidade muito diferente do que lhes fora prometido. Desde complicações na viagem, até a surpresa de encontrar uma terra muito diferente das com as quais estavam acostumados – tendo que desbravar com o facão e o machado uma mata virgem, que necessitava ser trabalhada para ser explorada, e com a ajuda de todos os membros da família, até mesmo as mães e os filhos, do maior ao mais novo -, além de ter que enfrentar animais selvagens, falta de utensílios domésticos, e muitos outros problemas relatados por Schupp (1900). Além de tudo isso, nos primeiros anos, os colonizadores alemães ainda tiveram que conviver com a Revolução Farroupilha, que se deu de 1835-1845.

Apesar de todas as dificuldades mencionadas, os imigrantes começaram a construir e organizar uma nova vida na nova terra. Novas levas de imigrantes passaram a chegar e, na nova terra, para que pudessem chegar aos lotes a si destinados, abriram caminho pelo mato adentro, caminhos estreitos e compridos que, de acordo com Schupp (1900), os colonos chamavam de picadas. O conjunto de lotes recebia um nome oficial, de origem alemã, como Hamburgerberg (atual Hamburgo Velho, bairro da cidade de Novo Hamburgo), por exemplo.

Engelmann (2005) narra que, a partir das colônias de São Leopoldo, os imigrantes passaram a buscar novas terras, fixando-se em áreas como o Vale do Paranhana, e, ali, esses imigrantes passaram a viver de forma melhor, organizando suas propriedades e fazendo o comércio prosperar.

Registros apontam que, no ano de 1846, nasce uma colônia chamada de Santa Maria do Mundo Novo, cuja área se estendia de Sander a Taquara, e, em 1850, na região de Igrejinha - chamada de Média Santa Maria, e também de Judengasse -, já estavam estabelecidas famílias como Schäefer, Koetz, Müller, Jung, Stumpf, Kirsch, dentre outros citados por Engelmann (2005).

O autor supracitado relata que, superadas as dificuldades iniciais, os imigrantes passaram a organizar sua educação e religiosidade. Segundo ele, em 1866 já se registravam seis escolas na região, com um total de 289 crianças, e começaram a escolher entre os próprios colonos aqueles que poderiam ser pastores, diante da necessidade de se intensificar os trabalhos religiosos.

Conforme Engelmann (2005), o marco mais forte da união de forças se deu com o início da construção do prédio da igreja, por volta de 1860, em que um colono doou a área de terra, outro deu a madeira, outro colocou carretas à disposição da obra, e ainda vários outros colonos auxiliaram com a mão de obra. Dessa forma, a igreja foi inaugurada em 1863, sendo a única em toda a região de Santa Maria do Mundo Novo.

Devido à construção dessa pequena igreja, que acabou por agrupar uma comunidade, nascia a cidade de Igrejinha, que passou a ser, inicialmente, uma vila, o 8º distrito de Taquara, segundo o Ato Municipal nº 1, assinado pelo prefeito da época, Cel. Theobaldo Fleck, em 1º de janeiro de 1935.

O movimento emancipacionista e conseqüentemente o desmembramento do município de Taquara iniciaria alguns anos mais tarde: em 1º de junho de 1964, Igrejinha foi emancipada. Atualmente, conforme o Portal IBGE<sup>1</sup>, 31.660 pessoas habitam o município de Igrejinha (população 95% urbana), cuja área territorial é de 136 km², e o PIB per capita (PPC), em 2010, foi de R\$ 27.706,57.

Estiveram no comando do município: Hugo Sperb (1969 a 1973), Selson Flesch (1973 a 1977), Jahir Arthur Wallauer (1977 a 1983), Lauri Auri Krause (1983 a 1989 e 1997 a 2000), Roberto Argenta (1989 a 1992), Vladimir Volkart (1992), Elir Domingo Girardi (1993 a 1996, 2001 a 2004 e 2005 a 2008), Jackson Fernando Schmidt (2009 a 2012); e o atual prefeito Joel Leandro Wilhelm.

Ao norte, Igrejinha limita-se com Três Coroas; ao sul, com Taquara e Parobé; a oeste, com Santa Maria do Herval e Nova Hartz; e a leste com Taquara. As vias de ligação com a capital do estado, Porto Alegre, ocorrem pela RS 115 e RS 020, ambas via Taquara. (SANDER; MOHR, 2004).

Percebe-se, até hoje, na cidade de Igrejinha, a influência da colonização germânica, seja nas manifestações culturais, nos costumes ou na arquitetura de vários prédios. Igrejinha, hoje, também é reconhecida pela qualidade da produção de suas indústrias calçadistas.

---

<sup>1</sup> Acessado em março de 2016, mas com dados de 2010.

## 4.2 As origens da Oktoberfest

Segundo estudos de Kaiser (2009) para a sua monografia, a Oktoberfest (Festa de Outubro, no idioma alemão) nasceu na Alemanha, mais precisamente na cidade de Munique, sendo a primeira realizada em outubro de 1810 para comemorar o casamento do príncipe de Bavária, Ludwig, com a princesa Therese de Hildburghausen. Como a festa foi muito bem recebida pela população, passou a ser realizada todos os anos.

Kaiser (2009) menciona uma guinada que a festa teve, em 1840, quando chegou a Munique o primeiro trem trazendo visitantes. Segundo as pesquisas do autor, surgiram barracas oferecendo seus produtos, passaram a ocorrer várias atrações e fotógrafos começaram a trabalhar e expor seus trabalhos. A cerveja passaria a ser consumida em 1918 e, a partir desse momento, a Oktoberfest tornou-se um grande sucesso, segundo o autor. Atualmente, estima-se que Munique recebe em torno de 10.000.000 (dez milhões) de pessoas para a sua grande festa.

Os imigrantes trouxeram a tradição para a nova terra, realizando no Brasil festas semelhantes, mas de menor porte. A primeira grande Oktoberfest brasileira aconteceu em Blumenau, estado de Santa Catarina, no ano de 1984. Em 10 dias de festa, 102.000 pessoas compareceram ao parque aonde acontecia o evento. Em 2000, contanto desde a primeira edição, o público ultrapassou a marca de 12 milhões de pessoas. Em 2006, houve a presença de 602.941 pessoas, e essa foi destacada como uma das melhores edições, principalmente em termos de qualidade, em especial no setor de serviços e na movimentação da cidade (KAISER, 2009).

Segundo Zucco, Magalhães e Moretti (2010) a versão blumenauense da festa de outubro se consagrou como a maior festa alemã das Américas. É com essa característica que ela se destaca no calendário turístico da Embratur. O título de “maior festa alemã do Brasil e das Américas” também aparece nos artigos dos autores Britto, Fracasso, Teles e Pereira (2016) e Stürmer e Silveira (2006).

A Oktoberfest de Blumenau atrai um expressivo número de turistas brasileiros e estrangeiros à cidade, movimentando de forma relevante a economia local. A festa é fruto de estratégia adotada pelos órgãos governamentais de turismo, que se refere ao Vale do Itajaí, onde a cidade está localizada, como Vale Europeu. (BRITTO; FRACASSO; TELES; PEREIRA, 2016).

Zucco, Magalhães e Moretti (2010) explicam que a Oktoberfest de Blumenau surgiu do esforço dos blumenauenses em preservar a cultura alemã e reconstruir a cidade devastada por duas grandes enchentes ocorridas em 1984, provocadas pelo transbordamento do rio Itajaí-Açu, em cujo vale se localiza Blumenau.

Já Stümer e Silveira (2006) concordam com essa ideia, mas apresentam um contraponto. As autoras não descartam a hipótese de que a ideia da realização da Oktoberfest havia sido baseada na necessidade de recuperação da cidade de Blumenau - gravemente atingida devido aos prejuízos causados após as grandes enchentes que ocorreram nos anos de 1983 e 1984 -, entretanto, elas destacam que, ao se investigar os aspectos étnicos e culturais, aliados ao desenvolvimento da festa, observou-se um fato importante: antes mesmo da catástrofe, já havia a ideia de realizar uma Oktoberfest, conforme o modelo da maior festa germânica do mundo, a da Baviera na Alemanha. Porém, a catástrofe antecipou o evento, potencializando a ideia da sua realização devido à necessidade de aquisição de inúmeros recursos para o restabelecimento da cidade destruída pelas enchentes.

“A cada edição a festa vai se transformando e agrega novos elementos, ao mesmo tempo em que revitaliza tradições milenares”, afirmam Zucco, Magalhães e Moretti (2010, p. 333), apresentando, aqui, uma das representações sociais contidas na Oktoberfest, que também aparecem nas palavras de Stümer e Silveira (2006, p. 18), quando explicam que a realização da festa “busca manter vivas as culturas e tradições originais de seus colonizadores alemães [...]”.

As autoras afirmam que, apesar de sofrer grandes transformações em seu desenvolvimento, a festa conseguiu preservar diversas tradições. É um evento que retrata a autenticidade dos valores propostos pela cultura de base do povo local, assim como é capaz de comprovar a importância em ressaltar a tradição, sendo este um aspecto relevante na história da cidade. (STÜRMER; SILVEIRA, 2006).

Vale lembrar que, ainda em Santa Catarina, a festa é realizada em cidades como Itapiranga, Pomerode e Brusque, fortemente marcadas pela imigração alemã. E todas parecem apresentar as mesmas representações e tentativas de construção dos mesmos imaginários sociais na mente de seu público.

Já a Oktoberfest de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, surgiu em 1984 também como uma homenagem aos antepassados e à cultura alemã. Atualmente, conta com variadas apresentações artísticas e folclóricas, shows nacionais e bailes

típicos. Em 2007, em sua 23ª edição, quando o tema principal foi a Dança, 445 mil pessoas visitam o Parque da Oktoberfest. (KAISER, 2009).

Segundo Stürmer e Silveira (2006), em Santa Cruz do Sul, o feriado de 12 de outubro costuma coincidir com os dias da festa, um motivo a mais para que pessoas de outras localidades dirijam-se até o município para o evento, que dura dez dias.

O texto de apresentação da Oktoberfest de Santa Cruz do Sul no site do município revela que o evento “surgiu como uma homenagem aos antepassados, baseada na vivência cotidiana de valores culturais dos imigrantes que colonizaram a região”. Percebe-se que o evento é apresentado como o “estandarte” da cidade, representando “a tradição alemã, seus hábitos e costumes”.

Stürmer e Silveira (2006, p. 4) afirmam que a “Oktoberfest é considerada pelos santacruzenses como uma tradição”, o que reafirma a ideia de que as mesmas representações sociais existentes nas *oktoberfest's* de outras cidades brasileiras também são encontradas na festa de Santa Cruz do Sul.

É importante ressaltar que o evento de Santa Cruz do Sul é realizado há pouco mais de 20 anos e isso explica, assim como no caso das festas das outras cidades, citadas anteriormente, que trata-se de uma espécie de resgate de uma tradição, uma forma encontrada pelo município de fortalecer seu vínculo com a terra de origem. Fica evidente que, para os teuto-brasileiros, parece não importar a distância espaço-temporal que os separa da matriz que lhes serve de referência. (STÜRMER; SILVEIRA, 2006).

As autoras ainda ressaltam uma questão interessante: o público frequentador da Oktoberfest, não necessariamente tem relação com a identidade alemã, pois participam da festa pessoas das mais diferentes origens. Para elas, o que vale é a diversão, o chope, a reunião de pessoas. Em resumo, a festa importa por si mesma, e não por aquilo que ela representa no contexto da manutenção das tradições germânicas. “As tradições, a gastronomia, as bandinhas, parecem simplesmente elementos curiosos aos olhos de quem não compartilha dessa identidade”. (STÜRMER; SILVEIRA, 2006, p. 4).

A Oktoberfest de Santa Cruz do Sul é considerada a maior do estado, contudo, outros municípios gaúchos também realizam suas festas com participação de grande público, como Cerro Largo e Igrejinha.

#### 4.2.1 Oktoberfest de Igrejinha

Idealizada pelo ex-gerente da Caixa Econômica Federal, Osvaldo Jungblut, e implantada pelo prefeito da época, Lauri Krause, a Oktoberfest de Igrejinha foi criada no ano de 1988, tendo como referência a festa de Blumenau, com o propósito de resgatar a cultura alemã e promover a integração de seus moradores. Aproximadamente 34.000 pessoas compareceram à primeira edição. (KAISER, 2009).

Já na sua primeira edição, aproximadamente 288 pessoas estiveram engajadas na realização do evento, segundo matéria jornalística do Jornal Vale do Paranhana (1988), escrita com base em dados da prefeitura. O jornal transcreveu, na página 2, uma entrevista com o prefeito da época, Lauri Krause, que pontua o foco cultural da realização da Oktoberfest quando afirma que: “sempre é bom lembrar que esta promoção tem a finalidade de preservar e cultivar a origem do município e região, os costumes e tradições implantados aqui pelos imigrantes”. Além disso, mais um motivo para a realização do evento foi apontado pelo prefeito, numa reportagem do Jornal Exclusivo (1988, p. 20): “A Oktoberfest nasceu da necessidade de ser realizada uma promoção que ultrapassasse as fronteiras de Igrejinha, divulgando-a no estado e também no país [...]”.

A 1ª edição da Oktoberfest de Igrejinha, que teve três dias de festa, comida típica, chope e atrações paralelas para todas as idades, foi noticiada por jornais da região, como o Jornal Um (1988, p. 2), por exemplo, como “o resultado de um trabalho administrativo e comunitário ao longo dos meses que concentram as atenções, planos, reuniões e definições do que seria o evento”.

Alguns imprevistos aconteceram no primeiro dia da festa, como o vendaval que destelhou algumas “casinhas” que serviriam de estantes. Porém, segundo Kaiser (2009), isso apenas contribuiu para demonstrar o espírito solidário da comunidade, pois diversas pessoas se empenharam em consertar os estragos, enquanto a comitiva se dirigia da praça para o parque. Além disso, a primeira edição também contou com a presença do cônsul da República Federal da Alemanha, Manfred Bartel, em sua abertura.

A festa seguiu aos moldes da primeira edição, no ano seguinte. E na terceira edição, o presidente do evento, o Sr. Almiro Grings, menciona que aproximadamente 700 pessoas estavam envolvidas com a realização, sendo que, pela primeira vez,

uma comissão da comunidade “puxava” a organização, conforme relatado pelo Jornal Panorama (1990). Na época, ainda não se cogitava a possibilidade de trazer grandes shows, como acontecia em outros municípios, pois a intenção era promover uma festa totalmente popular.

Com o passar do tempo, devido ao crescimento da festa, surgiu a necessidade de indicar duas pessoas para comandá-la. A edição de 1991, então, teve como presidente o Sr. Éden Egeu Schmitt que relatou, em suas entrevistas da época, que, nesse ano, foram confeccionadas em torno de 20 placas, com as propagandas da Oktoberfest de Igrejinha e com o logotipo dos patrocinadores. Essas placas foram colocadas em rodovias como a RS 020 e RS 235. Também havia participação em programas de rádio e destaca-se a participação do governador da época, Alceu Collares, que veio para a festa no segundo final de semana.

Na 5ª edição da Oktoberfest de Igrejinha, que contou com 1000 voluntários, houve a instalação de uma vila alemã, o que representou mais uma ação de preservação da cultura, um dos objetivos para a sua criação, mencionados na 1ª edição. Ainda na 5ª edição, algumas medidas para melhoria foram tomadas, como a construção de mais sanitários, mais espaço no parque e aumento dos pontos de distribuição de chope e aumento das opções da área gastronômica, conforme reportagem do Jornal Panorama (1992).

Devido ao crescimento gradual da festa e a conseqüente necessidade de criar uma entidade jurídica para a organização do evento, em 1994 a comunidade criou a Associação de Amigos da Oktoberfest de Igrejinha - AMIFEST, existente até hoje, cuja diretoria é composta por pessoas que trabalham voluntariamente na organização das atividades, reunindo-se em comissões responsáveis pela realização dos eventos. (KAISER, 2009).

Segundo os Estatutos Sociais da entidade<sup>2</sup>, a AMIFEST é uma pessoa jurídica de caráter privado, sem fins lucrativos, com patrimônio e personalidade distinta dos seus sócios, de duração por tempo indeterminado. Tem sede e foro na cidade de Igrejinha-RS, situada no Parque de Eventos Almiro Grings.

O artigo número 18 do estatuto social da AMIFEST diz que: “os cargos que integram os Órgãos da AMIFEST não poderão ser remunerados a qualquer título” e

---

<sup>2</sup> Elaboração no ano de 1994.

o quadro social da entidade fica composto de sócios fundadores, sócios beneméritos, sócios efetivos e sócios colaboradores.

Segundo Kaiser (2009, p. 74), “a partir da criação da AMIFEST, cada vez mais a entidade passou a vincular a imagem do voluntariado às ações desenvolvidas pela organização, destacando a participação comunitária”.

No portal 22º Oktoberfest Igrejinha (2009), a entidade destacou que suas ações promovem a preservação da cultura; estimulam o comércio, turismo e a própria cidade; atua com transparência, sendo que, durante a realização de vinte e uma edições, foram distribuídos mais de 4,5 milhões entre diversas entidades. Ainda na mesma matéria, a AMIFEST (2009) declara que, por esses motivos, entre outros, a Oktoberfest de Igrejinha é “a maior festa comunitária do Brasil”.

Já na 9ª Oktoberfest, segundo o Jornal Hoje (1996), a festa teve um envolvimento aproximado de 2000 pessoas, 17 comissões e 40% do lucro destinado para o Hospital Bom Pastor (o restante ficou destinado a investimentos, obras, propaganda, segurança e manutenção).

As edições seguintes, de 1997 a 2002, não tiveram grandes mudanças, somente alguns ajustes para a melhoria da infraestrutura do parque, visando mais conforto e satisfação ao consumidor da Oktoberfest, conforme o que relata Kaiser (2009).

A partir de 2003, a festa teve um significativo crescimento devido aos shows que passaram a acontecer, como, por exemplo, o da Ivete Sangalo, na 18ª edição. Já na edição de 2005, percebeu-se uma preocupação com a decoração de toda a cidade, sem concentrar-se apenas no parque. Com o auxílio do estilista Jorge Bischoff, foram confeccionadas guirlandas que enfeitavam os postes da cidade. (KAISER, 2009).

No ano de 2005, em que a presidência da festa esteve a cargo do Sr. Tibúrcio Grings, foi feito o registro do logotipo da “Oktoberfest de Igrejinha”, uma vez que a palavra Oktoberfest é de domínio público. Em 2006, já no primeiro final de semana, houve a participação de 63.000 pessoas, aproximadamente, sendo que as duas grandes atrações foram a Banda Jota Quest e o cantor Leonardo. As atrações de 2007 foram o grupo Titãs e a dupla Bruno e Marrone. (KAISER, 2009).

Em 2008, a Assembleia Legislativa considerou a Oktoberfest de Igrejinha patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul. Essa edição, conforme relato em reportagem do Jornal RS 115 (2008), estabeleceu um recorde, com a presença,



num único dia, de 42.000 pessoas no parque de eventos, no sábado, dia 18 de outubro.

Na 21<sup>a</sup> Oktoberfest de Igrejinha, em 2009, o número de atrações/atividades da festa eram 19, incluindo atrativos presentes desde a primeira edição, e outros inovadores, tais quais: Concurso de Chopp em Metro; Parada Festiva/Camiseta Criativa; Shows (com apresentações de artistas de renome); Desfile Típico; Jogos Germânicos; Oktober Fliegen (festival de vôo livre); Kindertag (mais conhecida como Oktober Infantil); Seniortag (oktoberfest voltada para o público da terceira idade); Igrejinha Im Tanz (encontro de grupos de danças folclóricas alemãs infanto-juvenis); Bubchen e Madchen (casal infantil); Hanns e Hannanh (bonecos símbolos da Oktoberfest); Oktober Jipe; Oktober Bike; Oktober Moto Trilha; Bierwagen (carro que distribui chopp durante os desfiles pelas ruas da cidade; Vila Germânica; Tanz Schule (oficina de danças); Kuchen Backwerk (oficina de cucas); Igrejinha Fest (baile de lançamento da Oktober, anterior à festa, realizada em setembro) e Baile das Soberanas (baile de escolha da corte, realizado em maio).

De 2010, até a última edição, a do ano de 2015, não houve muitas mudanças na estrutura e na programação da festa, além de um aumento de investimento em shows nacionais. A organização da Oktoberfest tem decidido trazer mais de cinco conhecidos nomes da música nacional, em uma só edição, sendo que antes era escolhido um cantor de renome, que se apresentava no último final-de-semana da festa, e os outros shows eram com artistas de menor expressão nacional.

Para encerrar essa seção sobre a Oktoberfest, vale citar as conclusões de Kaiser (2009) em sua pesquisa, a qual buscou entender como ocorreu o processo de construção da marca “Oktoberfest de Igrejinha”. O pesquisador entrevistou 16 pessoas ligadas diretamente ou indiretamente ao evento e à entidade organizadora e, entre as perguntas, abordou os fatores determinantes para a consolidação da Oktoberfest de Igrejinha como um grande evento.

Kaiser (2009) constatou que a imagem de sucesso desse evento se deve a uma combinação de fatores, dentre os quais destacam-se dois: a transparência adotada da condução do evento e o comprometimento do voluntariado que, segundo ele, são elementos diferenciais em relação a eventos semelhantes. O autor ainda menciona a questão do resgate da cultura germânica como um dos principais objetivos da Oktoberfest de Igrejinha, ou seja, na opinião do pesquisador, ter seus

propósitos bem claros e declarados desde o início, é um determinante importante para o sucesso de uma marca.

Outro fator também mencionado entre os entrevistados é o fato de a Oktoberfest ter se tornado patrimônio cultural de Igrejinha, assunto que é discorrido no próximo subcapítulo.

#### 4.2.1.1 Oktoberfest: Patrimônio Cultural de Igrejinha

Entende-se por patrimônio cultural o conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados de interesse relevante para a identidade da cultura de um povo. (VIDAL, 2015).

“O patrimônio cultural nos remete às questões relacionadas com a identidade, a memória, a coletividade e a herança; este é delimitado em duas categorias: a de natureza material e de natureza imaterial”, definem Feitosa e Silva (2011, p. 2). Para as autoras, o patrimônio, seja material ou imaterial, é o reflexo da identidade de um povo, pois representa tudo o que deve ser preservado, tombado, registrado, revitalizado, ou seja, tudo o que não deve ser esquecido, ao contrário, procura-se sempre mantê-lo em movimento, vivo e presente.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 define, em seu artigo 216, o Patrimônio Cultural como sendo “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”.

O Patrimônio Cultural comporta, ainda, os diferentes costumes de viver de um povo, transmitidos de geração a geração e recebido por tradição. Esses, por sua vez, para se tornarem um patrimônio, precisam ser reconhecidos e compartilhados pela comunidade que os produz, como é o caso da Oktoberfest de Igrejinha.

De acordo com a UNESCO (2008), os bens materiais são definidos como práticas, expressões, técnicas e conhecimentos que são transmitidos de geração em geração e constantemente recriados pelas comunidades, sendo que os reconhecem como parte integrante de seu grupo. Já para Rodrigues (2006), o patrimônio cultural é um conjunto de bens, materiais e imateriais, que são de interesse do coletivo, perpetuados durante o tempo, com a função de lembrar acontecimentos tidos como importante na memória social.

Para Tomaz (2010) o patrimônio deve ir além de mera concepção de bens materiais e imateriais, deve ser entendido como um processo social, formado através da dinâmica das experiências coletivas, no qual a coletividade preserva e transforma com o tempo.

Choay (2006, p. 11) também apresenta uma definição sobre o patrimônio que, segundo ele, representa “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum”.

Todas essas afirmações sobre a importância e valorização do patrimônio cultural são reforçadas com a Constituição Federal de 1988, através da qual o patrimônio obteve mais visibilidade, uma vez que foi dado reconhecimento a bens culturais e naturais, assim como legitimidade a preservação, presentes nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal e, já em 1937, com a instituição do Decreto de Lei nº25, de 30/11/1937, que trata do Tombamento e é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos.

O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2015) define que os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressões cênicas; plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares como: mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas.

A definição do IPHAN (2015) está de acordo com o que Canclini (1993) já trazia sobre conceituação de patrimônio. Em seus estudos sobre os usos sociais do patrimônio cultural, o autor apresenta um triplo movimento de redefinição sobre discursos referentes ao patrimônio cultural, presentes nas legislações de alguns países, como o México, e, sobretudo, nos debates recentes. Nessa redefinição, são apontadas três questões: *a)* o patrimônio não inclui somente a herança de cada povo, mas também os bens atuais, visíveis e invisíveis; *b)* a política patrimonial de conservação e administração de “produtos do passado” se estende aos usos sociais que relacionam os bens com as necessidades contemporâneas da maioria; *c)* se reconhece que o patrimônio de uma nação também está composto pela cultural popular e não só por bens culturais advindos de classes hegemônicas.

O Patrimônio Cultural Imaterial, de acordo com o IPHAN (2015), é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua histórica,

gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. É apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade. (VIDAL, 2015).

Nesse sentido, os eventos populares podem ser abordados, como uma categoria pertencente ao campo do patrimônio cultural imaterial, englobando saberes, lugares e modos de fazer, que comunicam sobre a identidade de um povo, transmitidos de geração em geração. Dessa forma, entendemos que os eventos promovidos por uma comunidade podem ser de caráter popular, religioso, cultural e social e geralmente retratam recortes do cotidiano e trajetórias históricas dos grupos que os produzem. (VIDAL, 2015).

O autor ainda comenta que, na perspectiva apresentada pelo IPHAN, os eventos são atos humanos que se transformam em ato social e cultural. Podemos compreendê-los como um sistema simbólico, que atua como vetor de comunicação, nos permitindo a compreensão da sociedade em que se está inserido. Dessa forma, as festas e os eventos populares retratam o cotidiano - ou parte dele - de um povo, e são criados de acordo com um processo histórico, articulando elementos tradicionais, com o objetivo de criar algo único, que se torna particular, singular e reconhecível por aqueles que “olham de fora”.

Para o autor, os eventos populares têm a capacidade de comunicar aspectos identitários, geográficos, históricos e culturais da comunidade, uma vez que, com o recente crescimento do turismo, têm se tornado os principais atrativos turísticos.

A afirmação acima vai ao encontro do que Betinardi (2015) discorre em seu artigo no qual faz uma análise documental da Festa da Uva de Caxias do Sul. O autor explica que as festas que são realizadas periodicamente nas cidades, têm em si, intenções já definidas em sua gênese, ainda no processo de planejamento.

Quando uma cidade planeja uma festa, exposição ou evento exclusivo daquele local, está concomitantemente construindo as mais variadas estratégias para atrair o público e, nesse meio, expor os seus aspectos positivos, segundo o ponto de vista da comunidade, que a força produtiva daquele lugar (ou daquela região) vem desenvolvendo desde a última edição do evento. Além disso, ainda há a ideia, mesmo que implícita, de estabelecer marcas e definir somas a serem superadas até a próxima mostra. (BETINARDI, 2015, p. 104).

Arantes (2004) está de acordo com essa ideia quando diz que as celebrações populares têm permitido um aporte financeiro para as comunidades locais que as

produzem. Mas, apesar disso, Veloso (2006) faz um contraponto sobre o Patrimônio Cultural na sociedade contemporânea. Ele comenta que, mesmo com a potencialidade financeira dada às comunidades a partir das festas e eventos que valorizam ou se constituem a partir do patrimônio, houve uma intensa ação de comercialização da cultura, com incremento ao consumo da cultura de forma maciça.

O autor alerta ao perigo de transformar o Patrimônio Cultural Imaterial em objetos e produtos de consumo, visando o lucro. Em seu entendimento “sempre que as manifestações do patrimônio imaterial se transformam em mercadorias, em entretenimento para o consumo, em espetacularização, a ênfase é posta no fetiche” (VELOSO, 2006, p. 445). Ele argumenta que, dessa forma, se desfazem as relações sociais dos indivíduos produtores da cultura e do patrimônio, e se exalta as relações entre as mercadorias e as coisas.

Veloso (2006) ainda demonstra um receio, afirmando que, para que não se perca o sentido de determinada manifestação cultural produzida pelos grupos, faz-se necessário distanciar-se da coisificação e espetacularização do Patrimônio. Talvez, por esse motivo, segundo relatos de um entrevistado da pesquisa de Kaiser (2009), Blumenau tenha “mandado um recado” ao pessoal responsável pela Oktoberfest de Igrejinha, recomendando que tomassem cuidado para que a festa não crescesse demais e fugisse do controle.

Percebe-se que toda essa discussão, a respeito da comercialização dos eventos e festas populares, vai totalmente ao encontro do pensamento de Llosa (2013) e sua pesquisa sobre “a civilização do espetáculo”, termo que o autor usa para explicar o que acontece quando uma civilização possui como principal valor o entretenimento, ou seja, é quando divertir-se e escapar do tédio torna-se a paixão universal. Ele define assim a civilização do nosso tempo, compartilhada pelos países ocidentais, pelos que atingiram altos níveis de desenvolvimento na Ásia e por muitos do chamado Terceiro Mundo.

Segue uma afirmação do autor, talvez considerada por alguns como radical, mas que expressa bem a sua crítica em relação à espetacularização da cultura:

Esse ideal de vida é perfeitamente legítimo, sem dúvida. Só um puritano fanático poderia reprovar os membros de uma sociedade que quisessem dar descontração, relaxamento, humor e diversão a vidas geralmente enquadradas em rotinas deprimentes e às vezes imbecilizantes. Mas transformar em valor supremo essa propensão

natural a divertir-se tem consequências inesperadas: a banalização da cultura, generalização da frivolidade e, no campo da informação, a proliferação do jornalismo irresponsável da bisbilhotice e do escândalo. (LLOSA, 2013, p. 30).

Segundo as afirmações do autor, pode-se entender que o jornalismo, assim como a música, a literatura, o cinema, a religião, e até mesmo o sexo, tenha sido influenciado -, ou, ao mesmo tempo, tenha servido de influência -, pela civilização do espetáculo. Para ele, nos dias atuais, a fronteira que separava o jornalismo sério do sensacionalista foi perdendo a nitidez. Ele fala da consequência de se transformar o entretenimento e a diversão em valor supremo de uma época e que, no campo da informação, isso também vai produzindo, imperceptivelmente, uma perturbação subliminar das prioridades. As notícias passam a ser importantes e secundárias, não tanto por sua significação econômica, política, cultural e social, mas por outros fatores ou características “espetaculares”. (LLOSA, 2013).

Pode-se entender, disso tudo, que a cultura na qual se vive atualmente está atravessada pelas imagens nos seus mais diferentes suportes, e que a mídia desempenha um papel fundamental na sua composição e difusão, contribuindo para a criação de um “mundo do espetáculo”, onde as imagens, as representações e os símbolos ganham cada vez mais espaço. Estudiosos já definiram essa presença constante, que permeia todos os aspectos da vida social, como um mundo do “simulacro”, que acaba por substituir o próprio mundo real.

Diante de todas as discussões levantadas nesses capítulos de revisão teórica, percebe-se que está tudo interligado: cultura, identidade, eventos, turismo, patrimônio, comunicação (imprensa, mídia, propaganda), etnicidade, imaginários, geografia, história, memórias, entre outros aspectos explanados nessa pesquisa. E essa foi a base para a análise da imagem que tem sido construída para a cidade de Igrejinha, suas representações e suas significações.

## **5 A IGREJINHA DOS JORNAIS**

Objetivando analisar as representações veiculadas pela imprensa sobre o município de Igrejinha e seus impactos, nesse capítulo é apresentada uma análise realizada a partir das publicações do principal jornal da cidade de Igrejinha/RS, o Jornal RS 115, no período de 2014, com o intuito também de se observar a imagem da cidade repercutida nessas edições do jornal. Também é feito um comparativo com as publicações de anos anteriores do jornal local, além das publicações de 2014 de um periódico regional.

### **5.1 Análise das publicações do ano de 2014 - jornal local**

Através de categorias de análise, busca-se, nesse subcapítulo, compreender os recursos utilizados pela imprensa local para produzir e propagar determinadas imagens sobre Igrejinha, que tiveram como objetivo difundir representações sobre o município.

Essa leitura está baseada na proposta apresentada por Meyrer (2007), que acredita que, para se trabalhar com a imprensa como fonte, é necessária uma metodologia que organize o material para análise, devido a grande variedade de temas das publicações. Em função disso, recorreu-se à técnica utilizada na análise de conteúdo, em que, em sua categorização, foi feito um recorte do texto em unidades de análises temáticas do conteúdo. Após a divisão das unidades, procede-se a descrição e interpretação.

O Jornal RS 115, escolhido para a realização dessa análise, está localizado na Rua 25 de Julho, número 180, no centro de Igrejinha, no Rio Grande do Sul e inscrito sob o CNPJ 05.665.119/0001-05, Inscrição Estadual 161/0048919 e não possui sócios. A empresa foi fundada no dia 5 de setembro de 1991, portanto, completará, neste ano, 25 anos, podendo ser considerada experiente no seu ramo de atividade, pois se trata da produção de um jornal com informações de Igrejinha e sua região.

O jornal tem formato de tabloide cinco colunas, com cor na capa e contracapa e sua circulação é semanal. Toda sexta-feira, aproximadamente três mil exemplares são distribuídos na cidade sede, Igrejinha, e nas cidades vizinhas de Taquara,

Parobé, Três Coroas, Gramado e Canela. O perfil dos leitores é muito variado, já que a linha editorial abrange as seções Política, Geral, Social, Variedades, Esportes, Polícia, entre outros. Seguem abaixo, primeiramente, observações mais gerais referentes às matérias do Jornal RS 115 no ano de 2014:

Analisaram-se 454 matérias jornalísticas, nas quais se observam diversas publicações referentes à Oktoberfest, como também aos feitos da Prefeitura - realizações de cada Secretaria -, além de conquistas esportivas, atividades artísticas e políticas, matérias policiais e realizações do ramo empresarial.

Também se destacam matérias sobre uma polêmica envolvendo um vereador da cidade (de oposição) que foi expulso pelo seu partido, acusado de infidelidade partidária, entre outras argumentações. Houve processos e notas de ambas as partes, vereador e partido, contendo defesas e ataques.

Além disso, foi publicada uma reportagem especial, na edição de 30 de maio<sup>3</sup>, próximo à véspera do aniversário da cidade, referente aos seus 50 anos. Já na capa, encontram-se fotos, texto e a manchete: “Igrejinha: 1964 - 2014 - 50 anos de emancipação”. Na página 7, inteira, há um texto com o título “Igrejinha e sua história”, que conta a origem do nome da cidade, a colonização alemã, a emancipação política, o progresso econômico, e contém fotos de patrimônios históricos e culturais do município. Na página 10, da mesma edição, há mais produção textual sobre o histórico da cidade no texto “Cidade Educadora, 50 anos para contar”.

Essa foi uma explanação mais superficial, para fins de introdução e contextualização, porém, a seguir, as matérias são apresentadas dentro de eixos e categorias de análise, com a descrição de trechos de seus textos, com o objetivo de estabelecer uma conexão com as teorias de autores citados no referencial teórico deste trabalho.

Fragmentos da redação jornalística, tanto do corpo da matéria, quanto de suas manchetes, são analisadas, nessa pesquisa, a partir das teorias propostas, especialmente por Bourdieu (1998; 2002), Chartier (2002), Candau (2012) e Baczkó (1985), com a finalidade de se identificar a construção de representações e imaginários sociais nessas notícias da cidade de Igrejinha.

Cabe aqui esclarecer que as 454 matérias jornalísticas escolhidas para análise não são o número total de publicações do ano de 2014 no jornal local, trata-

---

<sup>3</sup> Jornal RS 115, 2014.



se da maioria, as que continham informações ou divulgações específicas sobre o município de Igrejinha.

Os grupos temáticos e suas categorias de análise, utilizados nessa pesquisa foram escolhidos tendo como base a linha editorial do próprio Jornal RS 115, que - como mencionado anteriormente - se divide em Política, Geral, Social, Variedades, Esportes, Polícia, entre outros.

A escolha em fazer a organização dos eixos de análise seguindo uma composição semelhante à divisão do jornal foi feita para facilitar a compreensão da análise, uma vez que esse formato já é familiar, sendo apresentado pela maioria dos jornais, tanto locais, quanto de grande circulação. Dessa forma, as matérias selecionadas foram divididas em quatro grupos temáticos principais: Cultura, Política, Policial e Geral, e cada um desses temas foi subdividido em outros, tais quais:

O grupo **Cultura** foi dividido em quatro unidades:

- I) Oktoberfest - diz respeito a todas as matérias referentes à festa, desde a sua divulgação, organização, como também das atividades de “pós-evento”;
- II) Esportes - notícias de atletas locais e suas participações em campeonatos e eventos de sua modalidade, suas premiações, entre outros;
- III) Artes/Lazer - referente a apresentações de grupos de dança, bandas musicais, concursos de beleza e outras atividades afins;
- IV) Memórias - publicações sobre a história do município, da imigração alemã e das origens da atividade no setor calçadista.

O grupo **Política** constitui-se de três unidades:

- I) Feitos da Prefeitura - nessa unidade encontram-se notícias de atividades executadas por todas as Secretarias (Obras, Educação, Cultura, Turismo, Desenvolvimento Econômico, Saúde, Administração, Finanças, Agricultura e Interior, Planejamento e Meio Ambiente, Assistência Social e Gabinete do Prefeito), bem como aquisição de equipamentos, máquinas, veículos, elaboração de projetos, além de atividades do prefeito, suas participações em eventos, entre outros;
- II) Feitos do Legislativo - matérias referentes a indicações, moções, criação de anteprojetos, fiscalizações, cobranças, pedidos de informações e

denúncias realizadas pelos vereadores da cidade, tanto de partidos da “situação” como da “oposição”;

III) Partidos Políticos - referente a textos enviados pelos partidos políticos da cidade, desde atividades que realizam, reuniões, eventos que participam, denúncias de opositores, renomeações, entre outros.

No grupo **Policial** são duas unidades:

I) Prisões/Crimes - notícias sobre ocorrências, atividades policiais, prisões realizadas pela Brigada Militar, denúncias e crimes em geral - desde pequenos furtos, tráfico de drogas a sequestros e homicídios;

II) Acidentes/Tragédias - diz respeito às notícias de acidentes no trânsito e de outras espécies, tragédias, incêndios e salvamentos realizados pelo Corpo de Bombeiros da cidade.

E o grupo **Geral** também é composto por duas unidades:

I) Releases - matérias elaboradas a partir do envio das sugestões de pauta de assessorias de organizações de diversos setores e segmentos, entre as quais: empresas privadas, associações, clubes, instituições de ensino, igrejas;

II) Demais notícias - todas as matérias que não se enquadram nas outras categorias, em geral, atividades do cotidiano.

A organização das matérias por temas e categorias possibilitou um maior conhecimento sobre o discurso do jornal, no período, auxiliando a condução dessa análise. Os números a que chegamos, após a organização, podem ser observados nos quadros abaixo, apresentados dentro dos subcapítulos a seguir.

#### 5.1.1 Análise das matérias do grupo temático Cultura

**Quadro 1- Matérias Jornal RS115 – 2014 - Grupo CULTURA**

<b>Oktoberfest</b>	<b>Esportes</b>	<b>Artes/lazer</b>	<b>Memórias</b>
60 matérias (56%)	25 matérias (23%)	16 matérias (15%)	7 matérias (6%)
Total de matérias do grupo Cultura: 108			

**Fonte: Elaborado pela pesquisadora.**

Tratando-se de um jornal semanal, de em torno de 15 páginas, num universo de 48 edições durante um ano, pode-se afirmar que 108 matérias é um número expressivo de publicações sobre o mesmo assunto: cultura. São, em média, 2,22 matérias por edição, sobre esse tema.

Sobre o conteúdo dessas matérias, abaixo são apresentados alguns trechos<sup>4</sup>, iniciando pela categoria com menor número de publicações (Memória) até a maior (Oktoberfest). Das sete matérias referentes à Memória, quatro são a respeito do aniversário do município que, no ano de 2014, completou 50 anos, e todas remetendo muito à sua etnicidade, ou seja, ao advento da colonização alemã.

Tal conteúdo faz lembrar os estudos de Bourdieu (1998; 2002) quando a luta é referida pela definição da identidade regional, também chamada de “identidade étnica”, ou seja, a “luta pelas representações”, cujo teor se pode identificar nas matérias do jornal local de Igrejinha. Nesses textos jornalísticos, também podem-se encontrar elementos explicados pelas teorias de autores como Abreu (1998) e Candau (2012), sobre a valorização do passado das cidades.

A compreensão sobre identidades de uma comunidade está diretamente associada às suas memórias e a memória é uma reconstrução atualizada do passado. A tentativa de uma determinada construção (ou reconstrução) de imagem fica evidente nessas publicações, que trazem recordações, fotos antigas e textos históricos, oferecendo aos seus leitores uma viagem ao passado, sem se descuidar do fato de que lembranças fundamentam a identidade.

A germanidade de Igrejinha é muito presente nessas matérias, o que pode ser constatado através de trechos dos textos publicados, como, por exemplo, os da matéria com a manchete “Cidade Educadora: 50 anos para se contar”, que inicia contando um pouco da história de Igrejinha, mencionando a origem do nome, assim

<sup>4</sup> Todos os trechos retirados do Jornal RS-115 do ano de 2014.

como o ensino começou na cidade, a primeira escola e a primeira professora, comparando com a situação atual de várias instituições de ensino - sejam elas particulares, estaduais ou municipais. A parte da cultura alemã é citada na matéria da seguinte forma: “cidade de colonização alemã, muito querida pelos habitantes e com expressivo número de voluntariado”; “Para celebrar as tradições de seus antepassados, a cidade criou a Oktoberfest, que é um festival de tradição germânica, considerada a maior festa comunitária do Brasil”.

Nestes trechos, além da referência à colonização alemã, encontram-se termos como “voluntariado”, e uma menção à Oktoberfest de Igrejinha como “a maior festa comunitária do Brasil”, o que aparece em diversas outras publicações desse jornal, desvelando, assim, alguns dos imaginários urbanos que são criados, com base nas teorias de Baczko (1985), amplamente discutidas em capítulos anteriores deste trabalho.

Esses imaginários intervêm ativamente na memória coletiva e operam na produção de visões futuras, por isso os termos usados na matéria citada acima têm sua importância no campo da imaginação social e coletiva, uma vez que há poder nos campos discursivos da palavra e das ideias.

Texto semelhante encontra-se na matéria do dia 30 de maio de 2014 do jornal já citado, página 7, que teve destaque, ocupando uma página inteira, com fotos antigas e atuais da cidade, “Igrejinha e sua história”, a qual também aborda a origem do seu nome, principais obras, além do surgimento das primeiras fábricas de calçados.

Nessa mesma linha, a manchete: “Igrejinha celebra o dia do colono e do imigrante”, referente a um desfile temático, observa-se mais um exemplo de tentativa de valorização do passado, da história e das origens germânicas, como forma de fortalecimento da identidade coletiva.

Já na capa do jornal, da edição de véspera do aniversário do município, é publicada uma foto da cidade, mostrando a torre da Igreja São Gabriel, um dos pontos turísticos da cidade que, conforme registros históricos, trata-se do mesmo local em que foi construída a “igrejinha” de madeira que deu nome à cidade, a qual os tropeiros e viajantes avistavam de longe, do alto dos morros. A referida foto veio acompanhada da manchete “Igrejinha: 1964-2014 - 50 anos de emancipação”.

Encontram-se também duas matérias referindo-se ao 1º Colecionarte, que é um evento realizado pela Associação dos Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural

de Igrejinha - ASAPHIC, em parceria com a Administração Municipal, que contou com exposições de coleções dos mais variados itens, fazendo parte, assim, das comemorações dos 50 anos do município.

Esse evento pode ser explicado pelos estudos de Candau (2012) - que afirma que deve-se unir a palavra “patrimônio” à “memória” -, no que se refere à presença marcante de origens da memória social, que usa de elementos e símbolos para facilitar a construção de uma identidade de um grupo, acentuando a permanência da origem. Podem-se citar como exemplos, os objetos dessa exposição, ou seja, esses itens variados, pertencentes à cultura germânica, colecionados e expostos no referido evento. Evidentemente, as notificações sobre essa exposição, no principal jornal local, contribuem para a construção da identidade coletiva de Igrejinha.

Uma das matérias publicadas e que está definida como parte da categoria Memória, é referente ao lançamento do vídeo “Igrejinha, 50 anos”, elaborado pela Administração Municipal, e que também valoriza a história da cidade, abordando sua germanidade, além de outros aspectos.

Os estudos de Candau (2012) mencionam a questão da memória afirmando que as sociedades caracterizadas por um forte e denso conhecimento recíproco entre seus membros são, portanto, mais propícias à constituição de uma memória coletiva, que será uma memória organizadora forte. Observa-se que esse é o caso de Igrejinha e isso é reforçado na análise das outras categorias do grupo Cultura, em que a questão da força da memória está evidente.

Entende-se que a identidade é uma dimensão da memória e que a função da memória é fortalecer a identidade. A valorização do passado das cidades é uma característica comum às sociedades recentes, uma vez que existe uma necessidade atual de se preservar a memória urbana. Com base nessas afirmações, aventa-se que publicações de caráter histórico, remetendo-se à memória coletiva da cidade, são comuns em todos os jornais locais, ademais de pequenas cidades, como tentativa de (re) afirmação de sua identidade.

Agora, juntando as categorias Esportes e Artes/Lazer, que no total somam-se 41 matérias, pode-se dizer que, para uma cidade pequena<sup>5</sup>, o número de atletas e pessoas que trabalham, ou possuem algum envolvimento na área do lazer, artes e esportes é relevante, bem como a quantidade de modalidades e atividades

---

<sup>5</sup> A saber, apenas 33 mil habitantes, aproximadamente. (PREFEITURA MUNICIPAL DE IGREJINHA, 2010).

esportivas e artísticas oferecidas pelo município, seja através de promoções da Administração Municipal, ou da iniciativa dos próprios grupos, clubes e/ou associações.

Percebe-se que existe um olhar muito positivo sobre Igrejinha a partir das publicações pertencentes a essa categoria de análise. As atividades esportivas e artísticas existentes no município são diversas, desde campeonatos de xadrez, passando pelas modalidades de luta, corrida, *bike*, até esportes mais tradicionais como o futebol, com suas premiações e vencedores igrejinhenses, além de espetáculos de dança, teatro e música, assim como outros tipos de arte, bem como concursos de beleza.

Na manchete: “Pernada Esportiva mobiliza igrejinhenses”, percebe-se o destaque dado a um evento, promovido pela prefeitura, com a intenção de alcançar a toda comunidade. A matéria inicia com a frase: “Diversão e solidariedade deram o tom no domingo, em Igrejinha, com a realização da 4ª Pernada Esportiva”, e observa-se, nessa introdução, em especial na palavra “solidariedade” - que aparece ainda em várias outras matérias dessa análise, apresentadas na sequência -, uma tentativa de reforçar a imagem que se tem de Igrejinha, de um povo solidário, hospitaleiro, comunitário, e isso tem muito a ver com a construção de imaginários sociais, tão profundamente estudados por Baczkó (1985).

No exemplo acima, citou-se um evento promovido pela prefeitura, em sequência, segue um exemplo de iniciativa de uma associação, na manchete “Criada a União dos Skatistas de Igrejinha”, que se refere à USI, uma entidade idealizada e fundada por um grupo de skatistas da cidade, a qual já possui até estatuto e demais formalidades.

Outro exemplo de evento da área artística, promovido pela própria comunidade, é o “8º encontro de grupos de danças em Igrejinha”, que foi promovido pelo grupo de danças folclóricas Wiedergeburt. Mais um exemplo como esse: “A 1ª edição do Skate no Recreio foi um sucesso”, idealizado e realizado pela AJAVI - Associação de Jovens Amigos Voluntários de Igrejinha em parceria com a USI.

Esses acontecimentos, e conseqüentemente, a publicação de notícias sobre eles, reforçam a ideia de construção de imaginários e de identidade coletiva, bem como de valorização do que é local.

A construção dessa cultura de valorização do local, muito provavelmente com vistas no seu desenvolvimento social e econômico, também se percebe em matérias

de caráter tanto esportivo e artístico, como as seguintes manchetes selecionadas: “Dia do Desafio mobiliza cidades do Paranhana” - que se trata de “uma competição amigável realizada entre duas ou três cidades que têm como proposta principal despertar o interesse pela prática de esportes e atividades físicas da população” -; “Igrejinha terá rústica dos 50 anos do município”; “Igrejinha também tem atleta de kickboxing”; “1º Encontro de Bikes realiza trajeto por Igrejinha e Três Coroas”; “Banda formada em Igrejinha é marcada por mudanças”; “Auto de Natal emociona público em Igrejinha”; “Igrejinha na final do Mister RS 2015”; “Espetáculo de Páscoa atraiu mais de 1500 pessoas”; “Banda Motivo Doze no sarau para fechar 2014”; “Igrejinha nos jogos de integração do idoso”.

Eventos como esses, independentemente de serem promovidos por organizações privadas, associações, grupos artísticos ou por órgão público, buscam divulgar as respectivas potencialidades econômicas e culturais dos municípios que os promovem. E não é raro, mesmo em cidades pequenas, que a maioria da população não tome conhecimento da existência de eventos desse porte e modalidade/categoria, uma vez que muitos não são abertos a toda comunidade ou não são de interesse da mesma - principalmente os esportivos -, mas que causam uma positiva impressão e repercussão sobre a cidade fora de seus limites territoriais; e esse poderia ser o motivo de haver tantas publicações sobre tais acontecimentos no jornal local, cuja abrangência alcança vários municípios da região.

A seguir, são apresentados trechos de matérias que destacam eventos ou atividades artísticas/esportivas como referência na região, ou ainda, que citam a participação dos atletas igrejinhenses em campeonatos regionais, representando o município de maneira bem sucedida. Nesse sentido, eles são agentes sociais responsáveis por representações acerca do município que podem ser criadas na mentalidade das pessoas, organizações e/ou municípios de fora, contribuindo (por vezes prejudicando) para imagem e reputação de Igrejinha e, conseqüentemente, para o seu desenvolvimento regional.

Manchetes das matérias nas quais Igrejinha aparenta estar bem representada: “Patinção de Igrejinha brilha em campeonato gaúcho”; “Patinadora igrejinhense medalha de bronze visita prefeitura”; “Miss RS Top Juvenil é de Igrejinha”; “Hóquei igrejinhense é destaque em campeonato”; “Artistas igrejinhenses se destacam em Novo Hamburgo”; “Atleta igrejinhense ganha espaço em programa de TV”; “Equipe Lagartixa trazendo mais conquistas para Igrejinha”; “Andreia

Lagartixa, a 1ª brasileira a concluir os 160 km no La Mision”; “Destaque igrejinense no campeonato de Paraglider”; “Igrejinense é vice-campeão Kickboxing”; “Igrejinense destaque em corridas”; “Igrejinense conquista dois pódios”; “Igrejinha fica em 5º na Etapa de Mountain Bike”.

Na matéria que tem como manchete: “Andreia participa da maratona da Argentina”, pode-se observar um texto repleto de representações sociais, signos e imaginários urbanos, em especial no trecho que se refere à entrevista com a atleta: “Mas confiante como sempre, sabendo que tem gente ‘muito boa e competente’, de diferentes países, a atleta vai dar seu melhor novamente, representando Igrejinha, Rio Grande do Sul e as mulheres brasileiras”.

Os discursos desses textos estão sendo analisados sob a ótica de Chartier (1991) para os quais, pode-se dizer, grosso modo, que a representação implica uma relação ambígua entre ausência e presença, isto é, seria a “presentificação de um ausente”.

Partindo, então, do pressuposto que a representação tem como principal função “tornar presente uma ausência”, pode-se entender que os objetos ausentes contidos nas memórias coletivas podem ser coisas, conceitos ou pessoas. Nesse sentido, a representação mostra o objeto ausente, substituindo-o por uma imagem capaz de representá-lo adequadamente.

Considerando os estudos dos autores supracitados, entende-se que representar é fazer conhecer pelas palavras e gestos, entre outras coisas. Dessa forma, os eventos artísticos e esportivos, assim como as pessoas que participam desses eventos com o objetivo de representar a cidade - que é o que as matérias analisadas trazem de conteúdo -, e, também, os próprios textos do jornal, podem, de diversas maneiras, reconhecer e experimentar os poderes dos imaginários.

Como última categoria, e de maior destaque, do grupo Cultura, apresenta-se as matérias sobre a Oktoberfest, que dizem respeito a 56% do número total, ou seja, mais da metade. Considerando que houve 48 edições no ano todo, pode-se dizer que as publicações referentes à festa não só estiveram presentes em todas as edições do ano, como foram mais que uma matéria por edição<sup>6</sup>.

Tudo sobre a Oktoberfest é noticiado, desde a escolha do casal presidente da festa daquele ano, como da comissão, das inscrições para a escolha das soberanas, entrevistas com as candidatas, o baile da escolha, divulgação sobre a corte eleita,

---

<sup>6</sup> Uma média de 1,25, aproximadamente.



suas atividades de divulgação da festa (e o mesmo ocorre no período de escolha do casal de crianças, Mädchen e Bubchen, e da idosa, Seniorin, representantes da festa), festa de lançamento da Oktoberfest, divulgação das atrações, do antes, durante e depois da festa, repasse da arrecadação, e muitas outras atividades e situações que giram em torno da Oktoberfest. Essa, com certeza, é a pauta mais expressiva do veículo de comunicação analisado - só ficando atrás, evidentemente, dos releases enviados pela assessoria de comunicação da Prefeitura, o que é de praxe no meio jornalístico.

Chama a atenção, o número de matérias sobre a festa, e faz pensar sobre a discussão a respeito da comercialização dos eventos e festas populares, e sobre um termo usado por Llosa (2013): “a civilização do espetáculo”. Em Igrejinha, através das publicações de seu principal jornal, pode-se entender que a população tem como principal valor o entretenimento, ou seja, é quando divertir-se e escapar do tédio torna-se uma paixão. Trechos de matérias apresentadas a seguir comprovam e deixam claro como o jornalismo tem sido influenciado e, ao mesmo tempo, tenha servido de influência para a civilização do espetáculo.

Foi feita uma seleção das 60 matérias, assim, seguem algumas manchetes divulgando atividades como as mencionadas acima: “27ª Oktoberfest reúne Comissões Organizadoras”; “Inscrições para as soberanas da 27ª Oktoberfest até dia 21”; “Definidas as candidatas a soberanas da 27ª Oktoberfest”; “Carreata das candidatas a soberanas da Oktoberfest acontece nesse sábado”; “Quem são as soberanas na 27ª Oktoberfest?”; “Juliane Mergener é a rainha da 27ª Oktoberfest”; “Divulgados inscritos para Bubchen e Mädchen da 27ª Oktoberfest”; “Escolhidos o Bubchen e a Mädchen da 27ª Oktoberfest”; “Chegou a vez de escolher a Seniorin da 27ª Oktoberfest, a soberana que representa a 3ª idade”; “A corte da Oktoberfest está completa!”; “A nobreza retratada em trajes oficiais da corte”; “Oktoberfest com ou sem Schincariol”; “Oktoberfest de Igrejinha terá chopp Brahma”; “Oktober terá mais vagas de estacionamento”; “Oktober terá concurso de rock”; “Guirlandas da Oktoberfest de Igrejinha já estão à venda”; “Desfile oficial da Oktoberfest tem novo trajeto”; “Estão à venda ingressos antecipados para a 27ª Oktoberfest”; “Amizade e alegria marcam a abertura da 27ª Oktoberfest”; “Desfile oficial da Oktober anima as ruas de Igrejinha”; “Secretária de Turismo de Gramado visita Oktoberfest de Igrejinha”; “Fernando e Sorocaba encerram a 27ª Oktoberfest”; “Oktoberfest repassa recursos para a comunidade”; “28ª Oktoberfest já tem data confirmada”.

Em toda a região do Vale do Paranhana e dos Sinos é possível identificar determinados processos de construção de identidade, formados principalmente a partir da cultura dos imigrantes alemães, os quais ocuparam grande parte do território a partir do século XIX. A cultura destes imigrantes foi incorporada como o principal referencial identitário dos municípios que se emanciparam ao longo do século XX. Os atores sociais envolvidos nessa dinâmica buscam evidenciar as “raízes históricas” de seus respectivos municípios, a partir da elaboração de diferentes estratégias, utilizando um conjunto de elementos materiais associado ao imaginário acerca do passado que, por sua vez, viabiliza a construção da referida identidade regional do Vale.

É possível identificar algumas estratégias comuns em todos os municípios da região. Dentre elas, pode-se destacar a elaboração de roteiros turísticos, confecção de panfletarias de divulgação das potencialidades locais, construção de monumentos, restauração de edificações coloniais, criação de espaços de memória (museus, parques temáticos, praças, etc.) e, com maior frequência e evidência, a promoção de eventos municipais cuja temática se associa à cultura dos antepassados alemães, como é o caso da Oktoberfest de Igrejinha.

Estes eventos, por sua vez, buscam divulgar as respectivas potencialidades econômicas e culturais dos municípios que os promovem, ocorrendo em diferentes momentos do ano, com periodicidades também variáveis. Geralmente, elegem um produto local como tema central do evento, mas acabam envolvendo também outros setores da economia local e regional, bem como dão espaço às manifestações culturais desses municípios. Nessa estratégia de mostrar a cultura local durante os eventos, seja no seu próprio tema central ou através de espaços criados em seus entremeios, é possível identificar a ênfase em “determinadas culturas”, em contraposição às demais que também fazem parte desses municípios.

Todas essas afirmações para chegar até a análise sobre Igrejinha e tentar entender todo esse processo de construção da identidade cultural do município, em especial, através do evento criado para isso, que é o maior de toda a região. Esse tradicional evento, a Oktoberfest, representa um dos mais evidentes momentos de manifestação cultural e de construção identitária da região, recebendo visitantes de vários estados do Brasil e até mesmo representantes de outros países. O evento mobiliza, também, atores dos mais variados segmentos do município e da região. Hoje, a festa representa cenários privilegiados para observar e analisar como se dá

o processo de construção de identidade territorial no contexto da globalização, o que pode ser compreendido com base nas teorias de Milton Santos (1988; 2006).

Na sequência, são apresentados trechos das matérias selecionadas em que ficam explícitos os imaginários sociais construídos em torno da festa e da origem alemã do município, reforçando a identidade cultural e projeção de imagem, que são analisados, especialmente, à luz das teorias de Baczko (1985) e Bourdieu (1998; 2002).

Na matéria cuja manchete é “Fabiano Beck será o vice-presidente da 28ª Oktoberfest”, observam-se comentários de Fabiano se referindo a esse acontecimento de sua vida como “um sonho de criança”. O texto jornalístico conta que “o voluntariado e o envolvimento na Oktoberfest de Igrejinha iniciaram desde cedo. Quando criança frequentava a festa com os pais e ajudava o tio na venda de produtos coloniais. De lá para cá, foram muitos anos participando como voluntário. Nesse tempo, ainda teve a oportunidade de ver seu filho mais velho ser Bubchen da 24ª Oktoberfest”. Fabiano ainda comenta que recebeu “carta branca” de seu irmão, que é seu sócio num mercado, para se dedicar à festa.

Diante dessas palavras, pode-se perceber o quanto a festa é sinônimo de alegria, sonho e paixão à sua origem, além de outros sentimentos que envolvem os habitantes de Igrejinha em relação a esse evento, que é mais que uma atividade artística, folclórica ou cultural para eles. Trata-se da data mais importante do ano, sendo a atividade mais expressiva de sua cidade, cuja retrata a sensação de pertencimento deles para com essa cultura, coisas que estão presentes nos imaginários construídos para Igrejinha ao longo de sua história.

A manchete “Emoção na 27ª Oktoberfest: faça chuva ou faça sol”, expressa bem a paixão do povo igrejinense pelo evento. Percebe-se, também, no trecho de outra matéria “Agora é hora da Oktoberfest retribuir à comunidade toda essa dedicação e entusiasmo”, que se refere ao repasse da arrecadação, uma contrapartida ou uma espécie de compensação de todo o trabalho, esforço e amor dedicados para a realização do evento e propagação da cultura.

Na matéria que tem por título “27ª Oktoberfest registra um marco histórico”, em especial na passagem do texto “mais uma vez os três mil voluntários que trabalham na festa cumpriram com muita disposição e alegria sua missão. O resultado foi mais uma edição bem-sucedida da maior festa comunitária do Brasil”, observa-se novamente algumas representações sociais embutidas nas expressões

“maior festa comunitária do Brasil”, “voluntários”, “cumpriram com disposição e alegria a sua missão”, que reforçam a identidade da festa, da cidade de seus habitantes.

As mesmas expressões destacam-se no trecho dessa outra matéria “A Oktoberfest de Igrejinha é organizada e administrada pela força do trabalho voluntário. O mesmo esforço que uniu os colonizadores da região une agora a sua população”, que faz referência à história de imigração alemã e todo o esforço dos colonos para construírem a cidade.

Observa-se aqui uma comunicação na qual intervêm processos de interlocução e de interação que criam, alimentam e restabelecem os laços sociais e a sociabilidade entre os indivíduos e grupos sociais que partilham os mesmos quadros de experiência e identificam as mesmas ressonâncias históricas de um passado comum. É o que fica subentendido sob a ótica dos pensamentos de Milton Santos (1988; 2006), já mencionados nesse trabalho.

É de senso comum, através do conteúdo do jornal, que Igrejinha é conhecida pelo “espírito comunitário”, pelo “voluntariado”, pelo “povo hospitaleiro” e “trabalhador”, por ser uma cidade onde “tudo prospera, cresce e se desenvolve”, conforme expressões encontradas nas matérias. Essas são convenções propagadas pelos meios de comunicação local, mas não se pode afirmar que foram criadas por eles. Muito provável que tenham sido consolidadas, solidificadas e reafirmadas, mas a partir de imaginários já existentes na mentalidade das pessoas.

Entende-se, então, que o processo funciona assim: o jornal reforça o imaginário da população que, por sua vez, impulsiona as publicações do jornal em torno de determinado assunto, servindo-lhe como inspiração. Dessa forma, a população, também inspirada pela mídia que consome, tem sua autoestima alimentada, o que lhe faz querer, cada vez mais, cultivar e imortalizar essa ideia de trabalho, dedicação, desenvolvimento, prosperidade, voluntariado, amor pela tradição, pela cultura alemã, entre outros, fornecendo ainda mais conteúdo para as publicações. É como se tudo estivesse dentro de um círculo, uma coisa leva a outra, num mundo de representações. Um representa o outro (jornal e população), preenchendo os objetos ausentes e fortalecendo as identidades, conforme a teoria de Chartier (1991) sobre representação.

Neste contexto, não se pode esquecer o fato destacado por Meyrer (2007) de que a imprensa trabalha sempre com elementos já existentes na sociedade, caso

contrário, eles não fariam sentido para as pessoas que consomem o que é divulgado pelos veículos de comunicação. Como já visto, as mensagens enunciadas por um jornal inserem-se - ou lutam para se inserir - no imaginário social presente. E isso esclarece a ideia de “ajustamento das disposições às posições”, defendida por Bourdieu (2007), quando ele menciona a necessidade de um “acordo perfeito e imediato” entre a posição ocupada e as disposições dos ocupantes, ou seja, nesse caso, o estreitamento entre o público e o jornal.

E com base nas teorias de Baczko (1985), pode-se afirmar que o imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos. Todas as coletividades têm os seus modos de funcionamento específicos a este tipo de representações, e em Igrejinha, as coisas funcionam dessa forma, com o principal jornal local consolidando os imaginários já existentes e, assim sendo, alimentando a autoestima do público, bem como projetando uma boa imagem do município perante seus leitores de fora também, principalmente utilizando como principal representação “a maior festa comunitária do Brasil”.

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma determinada representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, através da instalação de modelos formadores, assim que funciona a construção da imagem de uma cidade.

### 5.1.2 Análise das matérias do grupo temático Política

Apresenta-se agora a análise do segundo grupo temático, Política, com suas categorias: Feitos da Prefeitura, Feitos do Legislativo e Partidos Políticos.

**Quadro 2 - Matérias Jornal RS 115 - 2014 - Grupo POLÍTICA**

<b>Feitos da Prefeitura</b>	<b>Feitos do Legislativo</b>	<b>Partidos Políticos</b>
171 matérias (80%)	29 matérias (14%)	14 matérias (7%)
Total de matérias do grupo Política: 214		

**Fonte: Elaborado pela pesquisadora.**

Neste grupo, a análise é iniciada com as publicações da categoria Feitos da Prefeitura, de longe a pauta de maior destaque em todas as edições do jornal. De 454 matérias, no total das 48 edições do ano de 2014, 214 são sobre política, ou seja, 47% das publicações do jornal. E dessas 214, 171 são sobre os feitos da Prefeitura, o que significa 80% de tudo o que foi divulgado dentro do grupo Política, e 38% de tudo o que foi noticiado nesse veículo de comunicação durante o ano de 2014.

Não se pode ignorar que os números desse grupo (Política) são expressivos, comparados aos dos outros grupos temáticos. Por essa razão, a análise é feita de maneira minuciosa e à luz das teorias de Baczko (1985), que explica a dinâmica das realizações de poder através da imaginação e do social que, para ele, se produz através de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam, se dotam de uma identidade coletiva e designam as suas relações com as instituições políticas.

Nesse sentido, a vida social pode ser entendida como produtora de valores e normas e, ao mesmo tempo, de sistemas de representações que as fixam e traduzem. O nascimento e a difusão dos signos imaginados e dos ritos coletivos traduzem a necessidade de encontrar uma linguagem e um modo de expressão que correspondam a uma comunidade de imaginação social, garantindo às massas, que procuram reconhecer-se e afirmar-se nas suas ações, um modo de comunicação.

Pode-se reconhecer, nesse caso, o jornal local de Igrejinha como um modo de comunicação dessa comunidade, isto é, um modo de expressão, com linguagem peculiar, que faz com que as massas e seus imaginários se reafirmem dentro de seus signos imaginados, principalmente através do discurso de seus representantes.

Esse simbolismo todo fornece um cenário e um suporte para os poderes que se instalam, tentando estabilizar-se. Portanto, é significativo que as elites políticas se deem conta do fato de o dispositivo simbólico ser um instrumento eficaz para influenciar e orientar a sensibilidade coletiva, como também para impressionar e eventualmente manipular as multidões.

E é dentro desse contexto que as matérias referentes à categoria Feitos da Prefeitura podem ser analisadas. Primeiramente, é apresentada uma seleção de manchetes que demonstram uma preocupação em mostrar à comunidade que a

prefeitura tem realizado o trabalho de todas as pastas, ou seja, apresentam-se feitos de todas as secretarias, de todas as áreas, que são noticiados diariamente.

Seguem as manchetes selecionadas “Entidades religiosas recebem alimentos”, que refere-se a uma ação da Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitação; “Igrejinha recebe o Selo de Município Livre do Analfabetismo”, que trata-se de um título do Ministério de Educação, destinado a municípios que reduziram o analfabetismo em 96%; “Obras no loteamento Ritter”, referente a capeamento asfáltico e também à construção de ciclovia no bairro 15 de Novembro; “Igrejinha recebe certificado da Defesa Civil Estadual”; “Lançado programa Mais Educação em escolas de Igrejinha”; “Igrejinha receberá motoniveladora”, ação que faz parte do Programa de Aceleração de Crescimento Pac 2, onde o município apresentou o projeto e foi selecionado pelo ministério; “Joel participa de reunião no Ministério da Pesca e da Aquicultura”; “Igrejinha recebe médicos cubanos”; “Executivo vistoria andamento de obras do CAPS”; “1º Encontro + Mulher faz repasse à Apae”; “Farmácia Municipal melhora acessibilidade e agiliza atendimento”; “Novo veículo para Secretaria de Obras de Igrejinha”; “Vice-prefeito participa de ação social”; “Prefeitura adquire equipamento para corte de asfalto” ; “Novo imobiliário para escolas de Igrejinha”; “Iniciadas obras da nova Escola do Garibaldi”.

Na matéria cuja manchete é “Secretaria de Obras e Interior atua em diversas frentes”, encontra-se uma junção de várias pequenas obras, mas com um título bastante genérico, pois essas “frentes” se referem a diversos trabalhos bem pontuais como ensaibramento e patrolamento de estradas do interior, colocação de rede de esgoto, passeio público, calçamento de ruas de bairros, colocação de placas de sinalização, sinalizadores para redução de velocidade, entre outros.

Aventa-se que todas essas matérias sejam cópias de releases (sugestão de pauta) enviadas pela assessoria de comunicação da prefeitura, como é costumeiro em jornais locais de cidades pequenas do interior. Alguns jornais, inclusive, já deixam espaços em páginas inteiras reservados para as notas da Administração Municipal. E sabe-se que nada do que sai na mídia é por acaso, mas faz parte de um “agendamento” criado a partir de interesses contidos nos jogos de poder e dominação de diferentes atores sociais. Dessa forma, o poder deve apoderar-se do controle dos meios que formam e guiam a imaginação coletiva.

A seguir, apresenta-se outra seleção de matérias, dessa vez, com a citação de alguns trechos de sua redação, através dos quais, pode-se reconhecer as teorias

de Baczko (1985) sobre imaginários sociais, de Chartier (1991) sobre representação e de Bourdieu (2002) sobre o poder/produção da crença.

A manchete “Fogo simbólico chega em Igrejinha” é de uma matéria que apresenta um trecho interessante: “Em seu discurso, o prefeito Joel exaltou o sentimento de patriotismo e o amor que devemos ter por nossa terra”. Nas palavras desse representante do povo, observam-se signos da imaginação coletiva, que reforçam a identidade coletiva e o poder do discurso, como “amor à terra” e “patriotismo”.

Alguns desses imaginários também podem ser percebidos na fala do diretor do Hospital Bom Pastor de Igrejinha, na matéria cuja manchete é “Mais de 1 milhão para a saúde em Igrejinha”, referente a uma verba proveniente da Consulta Popular 2013/2014, que teve como finalidade a aquisição de equipamentos para o novo bloco cirúrgico do hospital. No trecho “O hospital hoje exerce papel importante, pois é referência em serviços especializados dos 8 municípios que compõem a região de saúde”, há uma exaltação não só do hospital, mas da cidade, no discurso de seu representante.

O mesmo observa-se na matéria da manchete “Administração vistoria obras do loteamento Jasmin”, referente a um conjunto habitacional com 150 casas populares. No trecho: “de acordo com o prefeito, as obras estão dentro do planejado e em ritmo acelerado”, observa-se, nas palavras do gestor, a tentativa de construção de um imaginário que remete à ideia de uma boa administração, que cumpre com suas promessas e com os compromissos que assume com a comunidade.

Na matéria “Município entrega casas aos atingidos por desmoronamento em 2011”, encontram-se trechos que corroboram a ideia da relação de compromisso entre os representantes e a comunidade: “Durante a cerimônia, que foi marcada pela alegria e emoção, o secretário de Desenvolvimento e Habitação, Jeferson Muller, lembrou que a atual administração cumpriu um compromisso assumido com as famílias, que a anterior deixou de cumprir”, “Já o prefeito Joel Wilhelm declarou que a administração está cumprindo com os compromissos assumidos com a comunidade igrejinense”. Essa matéria é do dia 18 de abril de 2014, aproximadamente 16 meses após a nova Administração Municipal ter assumido esse mandato, e percebe-se já uma crítica declarada em relação à administração anterior.



Na manchete: “Teve início a maior obra pública de Igrejinha”, a obra referida foi orçada em R\$ 15.616.000,00, e contemplaria famílias inscritas no CAD Único, do governo federal. Observa-se, nesse trecho da matéria, em que consta uma fala do atual prefeito, novamente um sutil discurso de crítica em relação à Administração Municipal anterior, que era realizada pelo partido da oposição, e novamente uma reafirmação do cumprimento do compromisso dessa gestão com a comunidade: “Este é um momento histórico para Igrejinha, pois estamos cumprindo o nosso compromisso de voltar a fazer habitação popular em Igrejinha”.

“Centro de Eventos está se tornando realidade” é a manchete de uma matéria que inicia dessa forma: “Um antigo sonho da comunidade igrejinense está se tornando realidade”. No seu desenvolvimento, o texto continua a dar ênfase à ideia de “sonho”, agregando ainda mais valor aos seus feitos: “Para o prefeito, essa obra está sendo um marco para a cultura de Igrejinha”. E fecha com as palavras do próprio prefeito que, novamente, e indiretamente, faz certa crítica a administrações passadas, reafirmando o valor e a superioridade dessa nova gestão: “Esta é mais uma obra que os igrejinenses sonham há muito tempo e que estamos conseguindo tirar do papel”.

“IDEB de Igrejinha é o melhor da região” é uma matéria na qual destaca-se o trecho “A Rede Municipal de Ensino de Igrejinha atingiu a média de 6,3 nos Anos Iniciais e 5,5 nos Anos Finais, apresentando um crescimento significativo em relação ao índice apresentado em 2011”. Percebe-se aqui, mais uma vez, uma comparação com o trabalho da Administração Municipal anterior, trazendo o imaginário de superioridade para a atual em detrimento de gestões anteriores.

Pode-se identificar, nessas matérias, nas palavras das pessoas que exercem autoridade e representam Igrejinha, o que se estudou nos capítulos anteriores desse trabalho, sobre os simbolismos presentes no discurso e, especialmente, sobre o poder da crença, conforme as teorias da Bourdieu (2002). Sabe-se que as representações, muitas vezes, são bastante eficazes na tentativa de impor a sua visão de mundo sobre os demais, estabelecendo limites e autorizações aos comportamentos e aos papéis sociais. Essa dinâmica depende de reconhecimento, do poder de fazer crer, que não reside nas representações, mas numa relação determinada entre os que exercem o poder os que lhe estão sujeitos.

Nesse sentido, a produção da crença não está na competência das palavras, mas na legitimidade daquele que as pronuncia. Isso é o que dá poder às palavras.

Por isso pode-se entender o quão significativas são as palavras desses textos, colocadas entre aspas, “na boca” do prefeito, ou do vice, da cidade, representantes legais, eleitos e legítimos. Autoridade e prestígio são fatores determinantes sobre o crédito que se é dado, ou recusado, às representações que um poder político ou que um grupo social propõe de si mesmo. Constata-se, nessas matérias, o que Chartier (1991) chamaria de “ser-percebido” que um indivíduo ou grupo constroem e propõem para si mesmos.

Nesses textos, também encontram-se as técnicas de argumentação e persuasão, evidenciadas por Aristóteles<sup>7</sup>, que realça a influência exercida pelo discurso sobre a imaginação e os juízos de valor. Não podendo esquecer a frase de Maquiavel<sup>8</sup>, que afirma que: “Governar é fazer crer”, e das teorias de Baczkó (1985) sobre as aparências, de que o poder se rodeia e que correspondem a outros tantos instrumentos de dominação simbólica. Entende-se, dessa forma, que o imaginário é fabricado e manipulável e que nenhuma instituição política é possível sem que o homem prolongue a sua existência através das imagens que tem de si próprio e de outrem.

Nas teorias de Chartier (1991) encontra-se a ideia de que representar também tem um sentido jurídico e político. Representar é manter o lugar de alguém, ter em mãos a sua autoridade. E isso também pode ser conferido nas matérias referente à outra categoria do grupo temático Política.

As matérias referentes à categoria Feitos do Legislativo, a qual apresenta, não só os trabalhos da Câmara de Vereadores, mas também publicações de grupos de ideologias opostas - rivalizando, ataques e defesas, como também, por vezes, se apoiando -, fazem lembrar o que Baczkó (1985) define como um “código coletivo”, segundo o qual se exprimem as necessidades e as expectativas, as esperanças e as angústias dos agentes sociais.

Segundo as teorias do autor, as relações sociais nunca se reduzem aos seus componentes físicos e materiais. Do mesmo modo, as relações políticas, enquanto dominação dos homens por outros homens, não se reduzem a simples relações de força e de poderio. Isso também lembra os três tipos de dominação política enunciados por Weber (apud BACZKO, 1985), a saber, a dominação tradicional, a carismática e a burocrática, as quais exercem-se através de diferentes sistemas de

---

<sup>7</sup> Apud BACZKO, 1985.

<sup>8</sup> Apud BACZKO, 1985.

representações coletivas nos quais se fundamenta a legitimidade dos respectivos poderes.

Destacam-se algumas, dentre as 29 matérias da categoria Feitos do Legislativo: “Igrejinha se mobiliza em busca da criação da Univales”, trata-se de uma audiência pública, realizada na Câmara de Vereadores, voltada à criação da Universidade Federal dos Vales (UNIVALES); “Vereadores do Paranhana solicitam melhorias nas estradas da região”; “Vereador no Teu Bairro é realizado no loteamento Muller”; “Vereadores acompanham prefeito em visita a obras”; “Vereadores tentam trazer polo da UFRGS para o Paranhana”; “Vereadores pedem apoio na duplicação da ERS115”; “Vereador fiscaliza andamento do projeto Parque da Juventude”; “Presidente da Câmara visita IPREMI”; “Guto Scherer faz 11 pedidos de informação para a prefeitura”; “Josué da Rosa reassume presidência da Câmara de Vereadores”.

Através dessas manchetes, percebe-se uma intenção de se construir um imaginário social em que o vereador é visto como um agente ativo, um representante do povo, que trabalha, que tem projetos, que cobra, fiscaliza e exerce seu papel.

Também pode-se observar que há críticas em relação ao Executivo em algumas matérias. Um exemplo disso é a matéria com a manchete: “Solicitada mais uma vez a criação do Fundo da Juventude”. Em sua fala, o vereador Guto Scherer argumenta sobre as necessidades da criação de um Fundo Municipal da Juventude para desenvolvimento de políticas relacionadas à juventude. Ele comenta que fez duas emendas para a lei que cria o conselho, apresentou três vezes como indicação, mas não foram aprovadas pela base do governo. “Infelizmente a politicagem dessa gestão tem sido um atraso em muitas situações e quem mais perdeu até agora foi a juventude”, descreve esse trecho da matéria em que o vereador ataca a Administração Municipal.

Outra crítica pode ser detectada na matéria “Vereador Petry questiona implantação do SAMU em Igrejinha”, principalmente no trecho: “Em resumo, Petry questiona a Administração Municipal se já começaram as tratativas para a implantação da extensão da SAMU para Igrejinha no ano que vem”. Já na matéria “Legislativo presta homenagem a cidadãos igrejinhenses”, observa-se um resgate da história, bem como a (re) construção de memórias coletivas.

Aventa-se que a Câmara de Vereadores também possui assessoria de imprensa, que envia semanalmente releases ao jornal local. E sabe-se que, devido

tanto à sua quantidade como à sua qualidade, a massa de informações recebidas está sujeita a manipulações e, além disso, a sua transmissão impõe inevitavelmente uma seleção e uma hierarquização por parte dos emissores.

É necessário que se leve em consideração, nessa análise, que a informação moderna é manipulável por outras formas além da censura, uma vez que os *mass media* (mídia de massa) fabricam e emitem seus imaginários sociais. Pode-se dizer que os meios de informação de massa fabricam uma necessidade e que a informação estimula a imaginação social e os imaginários estimulam a informação.

Nesse contexto, é apresentada agora a análise referente à categoria Partido Político, que é a de menor número de publicações, dentro do grupo temático Política, somando apenas 14 matérias, porém, cheias de simbolismos e de poder de discurso.

Os pensamentos de Baczko (1985) sobre domínio social responsabiliza a antropologia política pelo destaque às relações entre sentido e poderio, sistemas simbólicos e estruturas de dominação. E é nesse contexto que estão as matérias sobre os assuntos relacionados aos partidos políticos de Igrejinha, através das quais percebem-se as produções imaginárias, os mitos, os desequilíbrios da sociedade, as tensões no interior das estruturas sociais, as eventuais ameaças de violência, e um conjunto de sistemas simbólicos.

Nas matérias “PT de Igrejinha recebe novos filiados”; “PMDB de Igrejinha inaugura diretório”; “PT de Igrejinha organiza atividades” e “PMDB de Igrejinha elege seus candidatos”, se referindo às eleições para presidente, senadores e deputados; é possível se detectar os sistemas simbólicos, as produções imaginárias, que expressam sempre que os partidos estão se movimentando, crescendo, se organizando, elegendo seus candidatos.

Já as tensões, os desequilíbrios e até ameaças de violência percebe-se nas matérias “Vereador Josué é expulso do PMDB”; “Nota oficial do PMDB sobre a expulsão do vereador Josué da Rosa”, cujo texto traz algumas acusações ao político, como: - atuação contra a candidatura partidária; - descumprimento de acordos firmados; - afastamento do interesse do partido; - nepotismo cruzado; alianças com o partido da situação. O vereador se defendeu com o extenso texto “Esclarecimentos aos meus eleitores”, usando do ataque como sua principal defesa.

Com tudo o que foi apresentado, percebe-se a importância do imaginário social como uma das forças reguladoras da vida coletiva, e como peça efetiva e

eficaz do dispositivo de controle dessa vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder.

### 5.1.3 Análise das matérias do grupo temático Policial

Segue abaixo a análise do eixo temático Policial e suas categorias Prisões/Crimes e Acidentes/Tragédias:

**Quadro 3 - Matérias Jornal RS 115 - 2014 - Grupo POLICIAL**

<b>Prisões/Crimes</b>	<b>Acidentes/Tragédias</b>
72 matérias (83%)	15 matérias (17%)
Total de matérias do grupo Policial: 87	

**Fonte: Elaborado pela pesquisadora.**

Na coluna policial do jornal, sempre são relatadas detenções realizadas no município e na região, ações da Brigada Militar e do Corpo de Bombeiros, entretanto, em sua maioria, noticiam um caso já solucionado - ladrão preso, acidente atendido pelos bombeiros -, construindo, assim, um certo imaginário na mente das pessoas, que remete à segurança, uma vez que, segundo o discurso nos textos dessas matérias, deduz-se que a polícia e o corpo de bombeiros têm feito o seu trabalho com eficácia.

O número de matérias no eixo temático Policial é significativo, 87, porém, o que se torna mais relevante nesse caso, é o conteúdo dos textos que, conforme pode-se observar nas manchetes selecionadas da categoria Prisões/Crimes, descritas na sequência, traz a conotação de resolução e solução. Algumas delas: “Preso em Igrejinha por furto em residência”; “Máquinas e peças de caça-níqueis apreendidas em Igrejinha”; “Dois traficantes são presos em Igrejinha”; “Preso por porte ilegal de arma em Igrejinha”; “Homens são presos por crime ambiental em Igrejinha”; “Motorista é detido por embriaguez na ERS115, em Igrejinha”; “BM Igrejinha prende por posse de drogas”; “POE prende procurado da justiça em Igrejinha”; “BM Igrejinha prende por furto em mercado”; “Polícia Civil apreende arsenal em Igrejinha”; “BM Igrejinha prende menor com maconha”; “BM Igrejinha

prende autores de roubos de veículos”; “Brigada Militar fecha rinha de galo em Igrejinha”; “Três prisões na operação Limpa Cohab de Igrejinha”; “Mais um traficante é preso em Igrejinha”.

É possível identificar, no caso dessas matérias, o descrito por Bourdieu (2007) no que se refere ao valor do discurso e às trocas linguísticas. O valor do discurso depende da relação de forças, como também depende das competências linguísticas dos locutores, da capacidade de produção, de apropriação e apreciação, assim como a capacidade de que dispõem os diferentes agentes envolvidos na troca para impor os critérios de apreciação mais favoráveis a seus produtos.

Entende-se, assim, no caso das matérias da categoria Prisões/Crimes, que representam 83% das matérias do grupo Policial, que os imaginários criados na mentalidade dos habitantes de Igrejinha são decorrentes não tanto da notícia sobre os acontecimentos em si - os crimes-, mas da forma como são colocados nas manchetes dessas matérias (resolvidos, solucionados), utilizando-se de competências linguísticas, e da relação de forças que dão valor ao discurso.

O mesmo se percebe nas matérias da categoria Acidentes/Tragédias, cujo número de publicações é bem menor, apenas 15 de 87, mas onde também podem ser encontrados vários signos imaginados.

A manchete “Homem invade canteiro e bate em poste em Igrejinha”, por exemplo, pode causar preocupação ao leitor, entretanto, no corpo da matéria há o relato de como foi feito o atendimento ao cidadão pelo Corpo de Bombeiros Voluntários e pela Brigada Militar, e ainda o trecho “preso em flagrante, o acusado foi conduzido a DPPA de Taquara”, ou seja, caso solucionado.

A manchete “Galpão é destruído pelo fogo em Igrejinha” pode parecer assustadora, mas no texto contém a informação que “14 mil litros de água foram usados no combate às chamas, evitando, assim, que o fogo se alastrasse”; “Ciclista é atropelado em Igrejinha” é a manchete de uma matéria que apresenta relatos de escoriações que a vítima teve, mas que foi socorrida pelos bombeiros.

A matéria “Caminhão tomba em Igrejinha” noticia o atendimento dos policiais à ocorrência. E a notícia sobre um “incêndio na fábrica de móveis de Igrejinha” relata como foi feito o atendimento que, além dos Bombeiros Voluntários de Igrejinha, também foram acionados soldados das corporações de Taquara, Três Coroas, Parobé e Sapiranga para auxiliar no combate às chamas.

Para a análise desses textos, podem-se também utilizar as teorias de Bourdieu (2007), principalmente a ideia de “enunciados performativos”, tentando explicar os efeitos da dominação simbólica que ocorrem em qualquer troca linguística. Novamente surge a relação de forças linguísticas e o fato de o peso dos seus diferentes agentes depender do “capital simbólico”, isto é, do reconhecimento, institucionalizado ou não, que recebem de um grupo.

Pode-se dizer, então, que nas matérias da unidade Acidentes/Tragédias há certa “imposição simbólica”, isto é, uma tentativa de induzir a população a um reconhecimento do trabalho desses agentes. Há possibilidade de que não se apresente explícito em suas manchetes, mas nos textos do corpo das matérias em que, através das competências linguísticas empregadas, o leitor tem a ideia de segurança, apesar das notícias serem sobre acontecimentos trágicos.

Pode-se entender que a reunião de condições sociais externas à lógica linguística do discurso é extremamente importante para que a ideia do capital simbólico funcione. Ou seja, são as condições sociais que asseguram a produção dos emissores e dos receptores adequados, portanto, ajustados uns aos outros.

#### 5.1.4 Análise das matérias do grupo temático Geral

Na sequência, é apresentada a análise das matérias do grupo Geral e suas categorias Releases e Demais Notícias:

**Quadro 4 - Matérias Jornal RS115 - 2014 - Grupo GERAL**

<b>Releases</b>	<b>Demais Notícias</b>
38 matérias (84%)	7 matérias (16%)
Total de matérias do grupo Geral: 45	

**Fonte: Elaborado pela pesquisadora.**

Como já foi mencionado na análise de grupos temáticos anteriores, aventa-se que esse jornal é composto por cópias de releases (sugestões de pauta) enviados por empresas e instituições da cidade. Em entrevista com a proprietária, foi revelado que não há repórter e que os textos publicados são feitos a partir de notícias enviadas por alguma “fonte”.

Nota-se que as matérias não apresentam características de reportagem, ou seja, são superficiais e partidárias, sempre apresentando apenas um aspecto ou lado da situação, assim como muitos adjetivos positivos, o que caracteriza propaganda nos textos e reforça a dedução de que são publicados exatamente como são recebidos pelo jornal a partir dos envios das assessorias e organizações.

Considerando isso, a análise é iniciada com a categoria Releases de Organizações, que significam 84% das matérias desse grupo temático.

Primeiramente, são apresentadas manchetes de matérias de clubes e associações sem fins lucrativos, envolvidas com atividades sociais: “Rotary Club promove feijoada beneficente”; “Igreja realiza casamento coletivo em Igrejinha”; “AJAVI promove evento alusivo ao Dia do Estudante”; “Leo Club Igrejinha realizou o 3º Chá Leo Kinder” e “Igrejinha promove Outubro Rosa”; “Hospital Bom Pastor lança nova campanha Vida&Saúde”; “Sindicato premia os vencedores”, referindo-se ao concurso de sustentabilidade e cidadania realizado pelo Sindicato da Indústria de Calçados de Igrejinha; e “Pastoral da Criança de Igrejinha realiza Festa de Natal”, que trata-se de uma entidade independente de religião, que não visa lucro e é voluntária, trabalhando com a colaboração da comunidade para auxiliar as famílias atendidas.

Também chama a atenção a manchete “Feijoada da Apae reafirma o sucesso”, cujo texto do corpo da matéria apresenta expressões que faz com que subentenda-se que o “sucesso” referido na manchete não diz respeito apenas ao evento, mas a ideia de “espírito solidário” ao qual Igrejinha é remetida através de seus imaginários urbanos.

Essa mesma ideia de “solidariedade” e de “responsabilidade social” é encontrada em matérias sobre atividades realizadas por empresas privadas: “Brasil Kirin e Filler doam alimentos arrecadados”; “Piccadilly apoia projeto na reabilitação de pessoas com deficiência” e “Sucesso da festa Q’ Doce Criança” - que se refere a um evento social anual realizado pela Padaria Q’ Doce, sempre no Dia das Crianças, em que a instituição oferece lanches, brinquedos infláveis, atividades educativas, recreativas e artísticas, além de outras atrações.

Além de notícias de envolvimento com ações sociais, encontram-se muitos releases de grandes empresas noticiando suas conquistas empresariais, contribuindo, dessa forma, para a construção de imaginários de prosperidade, sucesso e desenvolvimento econômico para Igrejinha. Alguns exemplos: “Parque



*snowland* ganha loja Piccadilly”; “Faccat realiza atividades no Senai Igrejinha”; “Empresários de Igrejinha recebem prêmio do Programa Q’ Comércio”; “Nova opção de lojas para locação em Igrejinha”; “Piccadilly participa pela 1ª vez de evento na Austrália”; “Usaflex receberá retorno referente a lei de incentivo”; “Piccadilly inaugura primeira loja conceito na Guatemala” - nessa matéria, destaque para o trecho “com 15 mil pontos de venda em cinco continentes, a Piccadilly está presente em 90 países, com 31 lojas exclusivas e agora da primeira loja do projeto padrão inaugurada. Para a diretora de exportação, Micheline Grings, esses resultados provam o sucesso da marca pelo mundo.”

Percebe-se, nessas manchetes, a presença de elementos de construção de imagem, os quais, novamente, podem ser analisados sob a ótica de Chartier (1991), cujo autor vê a imagem como a instrumentalização da força. Elementos textuais são usados como forma de representação, uma vez que eles podem reconhecer e experimentar os poderes das imagens.

Diante disso, não se pode afirmar que a imagem da cidade explícita a partir das publicações do jornal é a mesma que seus habitantes têm, nem que essa é a real identidade do município. O que se percebe é que pode haver uma intenção de imagem projetada a partir dos interesses dos políticos e empresários, pessoas que têm o poder e influência, bem como instrumentos para conseguir publicar suas ideias nos veículos de comunicação. Também há a questão de ajustamento entre o jornal e o público leitor, uma relação mútua e dependente entre o que é publicado e o que é consumido, que envolve signos imaginados, imaginários construídos e identidade coletiva.

Com base em toda essa análise, acredita-se que a força das representações sociais no Jornal RS 115 está no fato de ele exprimir os interesses de um grupo poderoso, composto pelas camadas altas e médias da sociedade igrejinhense - empresários e políticos-, que almejam para Igrejinha uma imagem de crescimento e desenvolvimento.

Ainda no grupo temático Geral, encontram-se algumas matérias polêmicas, que são denúncias da comunidade sobre a prefeitura, sobre o atendimento no hospital, postos de saúde, mas não são de número expressivo. Também há algumas notícias referentes a times de futebol, a cursos de aperfeiçoamento oferecidos por algumas instituições, entre outras que foram enquadradas na unidade Demais Notícias.

## 5.2 Comparativo com as publicações de anos anteriores do jornal local

Na tentativa de melhor compreender o processo que envolve estas publicações, analisamos também, embora não tão detalhadamente, publicações do Jornal RS115 referentes a dois anos anteriores ao recorte escolhido (2014). A seguir, são apresentadas, de forma superficial, uma análise de matérias dos anos 2012 e 2013, quando houve acontecimentos marcantes para a cidade, uma vez que 2012 foi um ano eleitoral e do acontecimento da 25ª Oktoberfest de Igrejinha, e, em 2013, uma nova Administração Municipal assumia, após 12 anos de governo do mesmo partido.

Esse recorte permite compreender melhor o processo de construção das representações sobre o município através do jornal, pois o que foi constatado nas suas publicações passadas reforça o fato de que este tem sido um trabalho incansável e permanente da imprensa local, que assumiu um papel preponderante na construção e difusão de representações positivas sobre o município.

No ano de 2012, foram 500 publicações<sup>9</sup>, das quais constatou-se que a maioria dessas era sobre política, uma vez que se trata de um ano eleitoral (para prefeito e vereadores). A maioria são releases dos partidos falando de seus candidatos, suas propostas, suas caminhadas, passeatas, carreatas, bandeiradas e demais ações durante a campanha. Exemplo disso são as manchetes de impacto tais como “Jackson e Ademir contam os dias para a vitória”, “Igrejinha pronta para a mudança com Joel e Dalciso”, “Final de semana de muita campanha para Girardi e Xica”.

Até o período de campanha eleitoral, de janeiro a julho, o número de matérias da Prefeitura foi considerável, o que demonstra a preocupação da Administração Municipal em mostrar seus feitos pela cidade na tentativa da reeleição. Diversas notas sobre ruas sendo asfaltadas, obras diversas, projetos novos de todas as Secretarias (Educação, Desenvolvimento Econômico, Administração, Saúde, Agricultura, Cultura, Assistência Social, Planejamento e Meio Ambiente), eventos nos bairros, ações de aproximação com a comunidade, chegando a ter mais de seis matérias da assessoria da Prefeitura na mesma página.

---

<sup>9</sup> Uma média de 12 matérias por edição.

Manchetes dessas matérias: “Várias ruas têm sua sinalização revitalizada”, “Administração Municipal investe em cadeiras novas para postos de saúde”, “Projeto Enchente Zero é apresentado à comunidade”, “Moradores de Igrejinha aprovam a Páscoa dos Bairros”, “Bairro Figueira recebe visita do prefeito”, “Em breve Igrejinha terá mais uma escola de educação infantil”.

Durante o período eleitoral, de julho a outubro, por lei, não se pode divulgar feitos da Administração Municipal, para não se caracterizar propaganda eleitoral, então, encontram-se matérias da assessoria de imprensa da Prefeitura, mas apenas de caráter informativo.

Após as eleições, de outubro a dezembro, em que o partido que estava no governo não se reelegeu, foram publicadas algumas matérias sobre cortes de gastos, demissões de cargos de confiança e estagiários, assim como outras informações com um número reduzido. Exemplo de manchetes: “Igrejinha corta gastos para cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal”, “Demissões em massa na Prefeitura de Igrejinha”.

Percebe-se que, no ano de 2012, há uma tentativa de mostrar outra imagem e potencial turístico de Igrejinha, para além da Oktoberfest e do calçado, pois há matérias sobre um roteiro rural, promovido pela Emater/RS em parceria com a Secretaria de Agricultura e Interior do município, existente há quase oito anos, cujo tem sido trabalhado por empreendedores e agricultores familiares da região.

Segundo informações fornecidas pela Emater regional (2013), “[...] a proposta é divulgar a exuberância do ambiente e resgatar a cultura local, para que os visitantes desfrutem de um convívio harmônico com a natureza e também conheçam as plantas aromáticas e medicinais e o seu uso para uma vida mais saudável”.

Numa das publicações, encontrou-se a afirmação que “Igrejinha é conhecida por manter a cultura e hábitos germânicos, pela produção coureiro-calçadista, e por conservar as belezas naturais”, além de manchetes como “Roteiro Rural em Igrejinha”, “Turismo Rural em Igrejinha”.

O ano de 2012 também foi o ano da 25ª Oktoberfest, tendo uma divulgação ainda maior do que a de costume, pois foi considerado o ano do Jubileu de Prata. Cada detalhe planejado e executado em relação à festa foi divulgado. Todas as edições do ano tiveram publicações referentes à Oktoberfest, e vale destacar que algumas matérias ocupam duas páginas, com fotos e textos.

Na edição do dia 21 de dezembro, página 11, por exemplo, encontra-se a notícia de que a “Oktoberfest de Igrejinha foi eleita uma das 7 maravilhas culturais do Vale do Paranhana”, em outras edições, noticiam a escolha das “Soberanas de Prata”, como também, visita de autoridades alemãs à Igrejinha, entre outras.

Outra observação que se pode fazer, analisando as páginas em que essas matérias saíram, é que a Oktoberfest foi o assunto mais publicado na capa do jornal no ano de 2012, ou seja, a pauta de maior destaque.

Já em 2013, trabalhou-se com um número de 520 publicações (matérias e notas). Esse foi o ano em que uma nova Administração Municipal assumia, e também um novo quadro de vereadores no Legislativo. Isso fica evidente uma vez que aventa-se que a maioria das publicações de todas as edições são releases advindos de assessorias do Executivo e da Câmara de Vereadores.

Percebe-se um esforço para mostrar o trabalho de uma nova gestão, projetando uma imagem e conceito que se quer construir em cima dos novos gestores e do partido que assumiu a majoritária. Da mesma forma, na Câmara de Vereadores, nas bancadas de todos os partidos, novos vereadores assumiram as cadeiras.

Nota-se uma movimentação forte da “Oposição” nos meios de comunicação, questionando o Executivo sobre suas promessas de campanha, em contraponto a Prefeitura publicando toda e qualquer ação positiva sua, como que numa tentativa de responder às cobranças e mostrar à população que está cumprindo com o que prometeu. Tais constatações podem ser contempladas nas matérias com as seguintes manchetes: “Prefeitura de Igrejinha retomou obras paradas”, “Reinício das obras Quadra Polioesportiva do Bairro Vila Nova”, “Criada Frente Parlamentar de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente”, “Câmara de Vereadores de Igrejinha realiza audiência com a Corsan”, “Da tribuna, vereador Petry comenta projetos em tramitação”, “Vereador denuncia falta de fiscalização em Igrejinha”, “Várias frentes de trabalho em Igrejinha”, “Mudanças no trânsito da área central de Igrejinha”, “Cohab recebe projeto Vereador do Teu Bairro”, “Prefeito Joel busca recursos para educação em Brasília”, entre outras.

Na questão da imagem da cidade, nota-se que se quer projetar a ideia de uma Igrejinha que está crescendo cada vez mais, principalmente no setor calçadista. Várias matérias parecem querer reforçar a associação da cidade com o calçado, e

um exemplo disso é a matéria de uma edição do dia 25 de outubro, que fala sobre “o Dia do Sapato” e conta toda a sua história e evolução.

Também se observam vários releases sobre duas bandas de pop rock da cidade, que estavam lançando seus cd's em 2013 e, é claro, a pauta Oktoberfest surge em quase todas as edições do ano, sempre reforçando a identidade cultural da cidade, os costumes e as tradições germânicas. Exemplo disso são as matérias da página 5, da edição do dia 31 de maio, que tem a seguinte manchete “Igrejinha é cidade meia-irmã de Simmern, na Alemanha”; e da página 9 da edição do dia 1º de novembro: “Oktoberfest de Igrejinha é incluída no calendário oficial do estado”, além de outras.

Constatou-se que, nos dois anos anteriores ao recorte escolhido para a análise desse trabalho, as publicações do principal jornal de Igrejinha já tinham o mesmo teor, mesma linguagem e trabalhavam com os mesmos imaginários sociais mencionados da análise das matérias de 2014.

Fazendo, agora, uma referência geral às matérias desses três anos (2012, 2013 e 2014), publicadas no Jornal RS 115 e citadas nesse capítulo de análise, percebe-se que a maioria das instituições envolvidas em assuntos que estão em pauta no jornal é de grande porte. Com base nisso, aventa-se que as mesmas possuam assessoria de imprensa fixa ou departamento de comunicação/marketing, que costuma enviar semanalmente, ou até diariamente, informações para os veículos de comunicação da região, exemplo: Amifest (que organiza a Oktoberfest), escolas, CDL, sindicatos, hospital, Lions Club, Leo Club, Rotary, Prefeitura, Câmara de Vereadores, partidos políticos, Brigada Militar, Corpo de Bombeiros, grandes empresas do ramo calçadista, entre outros.

Contempla-se nessas matérias a presença de tentativas de projeção de imagem. Quando se apresenta Igrejinha como a cidade do calçado, pode-se atrair o turismo de compras, por exemplo; as publicações dos feitos da Administração Municipal e do quanto Igrejinha cresce e se desenvolve, não só busca uma reeleição dos gestores (relação território X domínio/poder), mas também pode atrair trabalhadores de outras regiões para viverem em Igrejinha; e o fato de a maior pauta da cidade é uma festa cultural do porte da Oktoberfest, faz com que seja conhecida em nível nacional e até no Exterior, trazendo desenvolvimento regional, tanto no aspecto econômico quanto social, para o município (relação global X local, cultura e globalização).

Apesar das possíveis intenções, deve-se lembrar de que o sucesso de uma projeção de imagem depende dos meios usados para esse fim. Analisando esses fatos sob a ótica de Bourdieu (1998), pode-se afirmar que essa dependência está na força de um “agente singular”, que fala e age em nome de um grupo, como porta-voz do discurso.

Diante do entendimento que se tem adquirido através da análise do objeto de estudo desse trabalho, pode-se afirmar que o jornal RS 115 tem sido esse “agente singular”, isto é, tem cumprido um papel de porta-voz do povo e recebido à autorização de fala em nome da comunidade.

Pode-se afirmar, com isso, que a eficácia simbólica do discurso de autoridade do jornal, bem como a sua credibilidade conquistada por quase 25 anos como representante do público igrejinense, tem resultado no êxito percebido nas tentativas de projeção de imagem por parte de seus grupos de interesse/influência.

A dependência do agente singular para a eficácia na construção de imaginários fica evidenciada a partir de um comparativo feito com publicações de um jornal regional muito bem conceituado no meio jornalístico, mas que não possui tanto poder simbólico diante do povo da cidade, quanto o seu jornal local.

### **5.3 Comparativos com as publicações de 2014 de um jornal regional**

Apresenta-se a seguir uma breve análise de matérias do Jornal NH, referentes à Igrejinha, no ano de 2014. Dessa forma, pretende-se perceber nas publicações regionais, a respeito do município, a possibilidade de encontrar a mesma projeção de imagem e construção de identidades encontradas no jornal local, fazendo um comparativo entre eles. Cabe lembrar que o Jornal NH trata-se de um jornal de grande porte e de renome na abrangência da região do Vale do Paranhana e dos Sinos.

Na busca pela palavra “Igrejinha”, no site do jornal, encontraram-se 41 publicações<sup>10</sup> sobre a cidade, no período de tempo escolhido como recorte para essa pesquisa. Observa-se que metade das matérias, 26, é de notícias sobre assaltos, assassinatos, prisões por tráfico de drogas e também sobre acidentes, tragédias, no trânsito ou incêndios, por exemplo.

---

<sup>10</sup> Recorte de reportagens sobre Igrejinha do período de 2014 como busca eletrônica pelo site do Jornal NH.

Assim como no caso das notícias do jornal local, enquadradas no grupo Policial, na maioria das vezes, são noticiadas resoluções, ou seja, casos solucionados pela polícia, prisões, incêndios contidos e pessoas socorridas. Isso leva à dedução de que essas matérias - notas pequenas, de um parágrafo -, e as raras reportagens - maiores, com entrevista e mais conteúdo -, sejam oriundas da própria Polícia e Corpo de Bombeiros da cidade de Igrejinha, ou seja, talvez não passem de releases enviados pela assessoria desses órgãos aos jornais da região, o que é costumeiro entre os municípios.

O segundo maior número de publicações sobre Igrejinha, 9 matérias, são referentes à Oktoberfest, aos preparativos da AMIFEST<sup>11</sup>. São textos maiores e com mais conteúdo, mas de caráter apenas informativo, visando divulgar as atrações daquele ano. A maioria das matérias, algumas escritas e outras em vídeo, foram publicadas em setembro, período do ano bem próximo à data das festividades.

Também encontraram-se duas matérias referentes aos 50 anos do município. Uma em formato de texto escrito, sucinta, apenas falando sobre o bolo de 50 metros oferecido à comunidade, e outra, em formato de vídeo, com um pequeno discurso do prefeito Joel Wilhelm, também comentando sobre o bolo.

Duas reportagens foram publicadas no início do ano, em formato de vídeo, com entrevistas de colonos e autoridades, divulgando a Feira da Uva. Percebe-se que foram elaboradas pelo jornal, devido às características da reportagem, como linguagem jornalística, entre outros, mas possivelmente embasadas em releases enviados pela prefeitura.

Observa-se, com isso, que a intenção de projeção de imagem contida nas publicações do jornal local, não é encontrada nos conteúdos das publicações do jornal regional, que apresenta caráter apenas informativo em seus textos, o que se contrapõe às representações veiculadas pela imprensa local.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a análise do objeto de estudo dessa dissertação, à luz das teorias estudadas sobre os temas que estão no entorno da identidade cultural, pode-se afirmar que identidade não é a essência do sujeito, mas resultado de um complexo

---

<sup>11</sup> Associação organizadora da festa.

processo de escolhas, classificações e exclusões, dentro de um mundo de imaginários e representações, como também de domínio e manipulação das ideias e de imagens sobre pessoas e lugares, seus saberes e sua história.

A identidade - construída, desconstruída, reconstruída, inventada ou reformulada -, torna-se um elemento fundamental para a compreensão da dimensão cultural da realidade, nas suas interrelações com a economia, a política e a sociedade – e, conseqüentemente, com o desenvolvimento regional. Conclui-se que a identidade é uma criatura do mundo cultural e social, fabricada por nós mesmos, dentro desse contexto; e que a complexidade que envolve a identidade cultural pode ser comprovada a partir das concepções de sujeito e identidade, no atual cenário de globalização, como também na relação de domínio e poder implicados nas questões territoriais.

Constatou-se que existe um olhar positivo sobre Igrejinha, a partir das publicações do seu principal veículo de comunicação, uma vez que, em sua maioria, as notícias exaltam seu potencial cultural, turístico, industrial e empresarial.

Conclui-se também que a imagem de Igrejinha contida nas páginas de seu principal jornal, é da cidade da Oktoberfest, que ama, respira e vive essa festa o ano inteiro. A cidade da cultura alemã. É a Igrejinha do desenvolvimento; com um número surpreendente de ruas asfaltadas; com obras acontecendo em toda a estrutura física da cidade; com a melhor educação da região; com empresas crescendo, expandindo seus negócios por todo o país, gerando empregos e, com isso, exaltando o nome da cidade.

Esses conceitos todos sobre a cidade estão contidos nas linhas de seu principal jornal, que tem funcionado como porta-voz do povo, com autorização de fala em nome da comunidade. Nesse sentido, a articulação entre o texto e o contexto foi fundamental para decifrar a representação do mundo social veiculada no jornal.

Atenta-se para o fato de que essa projeção – e manipulação – da imagem de Igrejinha por parte de pessoas que exercem certo poder e influência, no âmbito local, pode representar a defesa de interesses próprios, mas vale lembrar que também promove visibilidade para Igrejinha, trazendo, dessa forma, contribuições para o seu desenvolvimento regional.

Toda essa análise endossa os temas levantados no referencial teórico desse trabalho, oportunizando a contemplação da prática de toda a discussão. Fica



evidenciada, através dos exemplos trazidos, a relação existente entre território, domínio e poder; espaço e localidade; cultura e globalização, bem como sobre o processo que envolve a produção e difusão de imagens e representações que procuram construir certa identidade ao espaço em questão.

Essa análise representa uma importante contribuição para a compreensão sobre a dinâmica que envolve o desenvolvimento regional, uma vez que investiga a produção de narrativas e representações sobre o município, e qual a relação disso com a manipulação das ideias, das pessoas, e com a imagem que se quer projetar.

## REFERÊNCIAS

1º Encontro + Mulher faz repasse à Apae. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 mar. 2014.

1º Encontro de Bikes realiza trajeto por Igrejinha e Três Coroas. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 mar. 2014.

25 de Outubro - Dia do sapateiro. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 25 dez. 2013.

27ª Oktoberfest registra um marco histórico. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 nov. 2014.

27ª Oktoberfest reúne Comissões Organizadoras. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 11 abr. 2014.

28ª Oktoberfest já tem data confirmada. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 17 out. 2014.

8º encontro de grupos de danças em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 27 jun. 2014.

A 1ª edição do Skate no Recreio foi um sucesso. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 08 ago. 2014.

A CORTE da Oktoberfest está completa!. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 20 jun. 2014.

A NOBREZA retratada em trajes oficiais da corte. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 12 set. 2014.

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 14, p. 77-97, 1998.

ADMINISTRAÇÃO Municipal investe em cadeiras novas para postos de saúde. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 abr. 2012.

ADMINISTRAÇÃO vistoria obras do loteamento Jasmin. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 07 fev. 2014.

AJAVI promove evento alusivo ao Dia do Estudante. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 22 ago. 2014.

ALVES, Elder Patrick Maia. Diversidade Cultural, Patrimônio Cultural Material e Cultura Popular: a Unesco e a Construção de um Universalismo Global. **Revista Sociedade e Estado** – v. 25. n. 3. set/dez 2010.

AMIFEST encerra atividades da 21ª Oktoberfest. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 20 jun. de 2008.

AMIFEST. **Jornal Hoje**. Vale dos Sinos, 18 de jul. 1996.

AMIZADE e alegria marcam a abertura da 27ª Oktoberfest. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 17 out. 2014.

ANDREIA Lagartixa, a 1ª brasileira a concluir os 160 km no La Mision. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 mar. 2014.

ANDREIA participa da maratona da Argentina. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 fev. 2014.

ARANTES, Antonio A. Patrimônio Imaterial e a Sustentabilidade de sua Salvaguarda. **Resgate**, v. 8, n. 1, 2004.

ARTISTAS igrejinenses se destacam em Novo Hamburgo. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 nov. 2014.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA OKTOBERFEST- AMIFEST. **Estatutos Sociais da AMIFEST**. Igrejinha. 1º de dezembro de 1994.

ATLETA igrejinense ganha espaço em programa de TV. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 28 nov. 2014.

AUTO de Natal emociona público em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 19 dez. 2014.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: Leach, Edmund et alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BAIRRO Figueira recebe visita do prefeito. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 30 mar. 2012.

BALLER, Gisele Inês. **Espaços de memória e construção de identidades**: estudo de dois casos na região de colonização alemã no RS. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Dissertação (Mestrado em História).

BANDA formada em Igrejinha é marcada por mudanças. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 mar. 2014.

BANDA Motivo Doze no sarau para fechar 2014. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 12 dez. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BATISTA, Cláudio Magalhães. **Memória e Identidade**: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. *Caderno Virtual de Turismo*: 2005, v. 5, n. 3.

BETINARDI, André. **Uma análise documental da VI Festa da Uva de Caxias do Sul**: representações de italianidade e modernização. In: MEYRER, Marlise Regina; NEUMANN, Rosane Marcia. *História, imagem e representação: possibilidades de leitura*. São Leopoldo: Oikos, 2015.

BM Igrejinha prende autores de roubos de veículos. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 fev. 2014.

BM Igrejinha prende menor com maconha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 fev. 2014.

BM Igrejinha prende por furto em mercado. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 11 abr. 2014.

BM Igrejinha prende por posse de drogas. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 16 maio 2014.

BONOMO, Mariana; TRINDADE, Zeidi Araújo; SOUZA, Lídio; COUTINHO, Sabrine Mantuan dos Santos. **Representações sociais e identidade em grupos de mulheres ciganas e rurais**. Psicologia, v.. XXII (1), Lisboa: Edições Colibri, p. 153-181, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das Trocas Lingüísticas**: o que falar quer dizer. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zoouk, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira de 1988**. Artigo 216. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 06 mar. 2016

BRIGADA Militar fecha rinha de galo em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 28 nov. 2014.

BRITTO, Renato Luiz Becker; FRACASSO, Yoana do Carmo; TELES, Anamaria; PEREIRA, Clarissa Josgrilberg. **Cobertura Fotográfica da 32ª Oktoberfest de Blumenau**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIII Prêmio Expocom 2016 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, SC.

BURKE, Peter. **O historiador como colunista**: ensaio da Folha/Peter Burke; tradução Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CÂMARA de Vereadores de Igrejinha realiza audiência com a Corsan. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 08 mar. 2013.

CAMINHÃO tomba em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 fev. 2014.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Los usos sociales del patrimonio cultural**. Departamento de Antropologia de la UAM-Iztapalapa, México, D.F: Cuadernos, 1993.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira.. São Paulo: Contexto, 2012.

CARREATA das candidatas a soberanas da Oktoberfest acontece nesse sábado. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 16 maio 2014.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CARVALHO, João Gilberto da Silva; ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. **Paidéia**, 18(41), 445-456, 2008.

CASTILHO, M.A.; ARENHARDT, M.M.; BOURLEGAT, C.A. Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento Aroeira, Chapadão do Sul,

MS. Interações. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, n. 2 (jul./dez. 2009). Campo Grande: UCDB, 2009. 139 p. v. 10. ISSN 1518-7012. Semestral.

CENTRO de Eventos está se tornando realidade. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 fev. 2014.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**. A História entre certezas e inquietudes. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Mundo Como Representação**. In.: CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 1991.

CHEGOU a vez de escolher a Seniorin da 27ª Oktoberfest, a soberana que representa a 3ª idade. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 jun. 2014.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2006.

CICLISTA é atropelado em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 28 mar. 2014.

CIDADE Educadora: 50 anos para se contar. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 30 maio 2014.

COHAB recebe projeto Vereador do Teu Bairro. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 01 maio 2013.

CRIADA a União dos Skatistas de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 27 jun. 2014.

CRIADA Frente Parlamentar de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 08 mar. 2013.

DA tribuna, vereador Petry comenta projetos em tramitação. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 22 mar. 2013.

DEFINIDAS as candidatas a soberanas da 27ª Oktoberfest. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 04 abr. 2014.

DEMISSÕES em massa na Prefeitura de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 12 out. 2012.

DESFILE oficial da Oktober anima as ruas de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 17 out. 2014.

DESFILE oficial da Oktoberfest tem novo trajeto. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 10 out. 2014.

DESTAQUE igrejinense no campeonato de Paraglider. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 28 mar. 2014.

DIA do Desafio mobiliza cidades do Paranhana. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 30 maio 2014.

DIVULGADOS inscritos para Bubchen e Mädchen da 27ª Oktoberfest. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 11 abr. 2014.

DOIS traficantes são presos em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 jun. 2014.

DUARTE, Sebastião Junior Henrique; MAMEDE, Marli Villela; ANDRADE, Sônia Maria Oliveira. Opções Teórico-Methodológicas em Pesquisas Qualitativas: Representações Sociais e Discurso do Sujeito Coletivo. **Saúde Soc.** São Paulo, v.18, n.4, p.620-626, 2009.

EM breve Igrejinha terá mais uma escola de educação infantil” . **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 16 mar. 2012.

EMATER/RS. **Associação Riograndense Empresa Ass Tec Extensão Rural**. 2013 Disponível em: < <http://www.emater.tche.br/site/area-tecnica/agregacao-de-valor/turismo-rural.php#.V5khtlrLIU>.> Acesso em 15 jan. 2016.

EMOÇÃO na 27ª Oktoberfest: faça chuva ou faça sol. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 24 out. 2014.

EMPRESÁRIOS de Igrejinha recebem prêmio do Programa Q Comércio. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 nov. 2014.

ENGELMANN, Erni Guilherme. **A saga dos alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo**. Igrejinha: E.G. Engemann, v.1, 2004.

\_\_\_\_\_. **A saga dos alemães: do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo**. Igrejinha: E.G. Engemann. v.2, 2005.

ENTIDADES religiosas recebem alimentos. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 27 jun. 2014.

EQUIPE Lagartixa trazendo mais conquistas para Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 12 dez. 2014.

ESCLARECIMENTOS aos meus eleitores. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 nov. 2014.

ESCOLHIDOS o Bubchen e a Mädchen da 27ª Oktoberfest. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 06 jun. 2014.

ESPETÁCULO de Páscoa atraiu mais de 1500 pessoas. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 18 abr. 2014.

ESTÃO à venda ingressos antecipados para a 27ª Oktoberfest. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 03 out. 2014.

EXECUTIVO vistoria andamento de obras do CAPS. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 28 mar. 2014.

FABIANO Beck será o vice-presidente da 28ª Oktoberfest. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 24 out. 2014.

FACCAT realiza atividades no Senai Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 05 dez. 2014.

FARMÁCIA Municipal melhora acessibilidade e agiliza atendimento. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 mar. 2014.

FÁVERO, Maria Helena. Desenvolvimento Psicológico, Mediação Semiótica e Representações Sociais: Por uma Articulação Teórica e Metodológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**.v. 21, n. 1, p. 017-025. jan/abr 2005.

FEIJOADA da Apae reafirma o sucesso. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 27 jun. 2014.

FEITOSA, Mônica Nascimento; SILVA, Sandra Siqueira da. **Patrimônio Cultural imaterial e políticas públicas**: os saberes da culinária regional como fator de desenvolvimento local. Salvador: UFB, 2011.

FERNANDO e Sorocaba encerram a 27ª Oktoberfest. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 24 out. 2014.

FINAL de semana de muita campanha para Girardi e Xica. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14. set. 2012.

FLORES, Murilo. **A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento**: uma visão do estado da arte. Santiago: Chile: RIMISP, 2006.

FOGO simbólico chega em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 29 ago. 2014.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **Construção e desconstrução de fronteiras e identidades organizacionais**: história e desafios do McDonald's. ©RAE . v.. 47 . n. 1 jan./mar. 2007.

GALPÃO é destruído pelo fogo em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 25 abr. 2014.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan. Ambiente, identidade e cultura: reflexões sobre comunidades Guarani/Kaiowá e Kadiwéu de Mato Grosso do Sul. **Psicologia & Sociedade**; 15 (1): 182-200; jan./jun.2003.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e Etnicidade. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: ano 9, n. 20, p. 141-159, out. de 2003.

GUIRLANDAS da Oktoberfest de Igrejinha já estão à venda. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 08 ago. 2014.

GUTO Scherer faz 11 pedidos de informação para a prefeitura. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 fev. 2014.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

- \_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- \_\_\_\_\_. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Cultura, Mídia e Educação - Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HOMEM invade canteiro e bate em poste em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 02 maio 2014.
- HOMENS são presos por crime ambiental em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 02 maio 2014.
- HÓQUEI igrejinhense é destaque em campeonato. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 07 nov. 2014.
- HOSPITAL Bom Pastor lança nova campanha Vida&Saúde. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 19 dez. 2014.
- IDEB de Igrejinha é o melhor da região. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 12 set. 2014.
- IGREJA realiza casamento coletivo em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 29 ago. 2014.
- IGREJINHA celebra o dia do colono e do imigrante. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 25 jul. 2014.
- IGREJINHA corta gastos para cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 09 nov. 2012.
- IGREJINHA é cidade meia-irmã de Simmern, na Alemanha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 31 maio. 2013.
- IGREJINHA fica em 5º na Etapa de Mountain Bike . **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 nov. 2014.
- IGREJINHA na final do Mister RS 2015. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 jun. 2014.
- IGREJINHA nos jogos de integração do idoso. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 nov. 2014.
- IGREJINHA promove Outubro Rosa. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 10 out. 2014.
- IGREJINHA pronta para a mudança com Joel e Dalciso. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 28. set. 2012.
- IGREJINHA recebe certificado da Defesa Civil Estadual. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 06 jun. 2014.
- IGREJINHA recebe médicos cubanos. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 25 abr. 2014.



IGREJINHA recebe o Selo de Município Livre do Analfabetismo. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 jun. 2014.

IGREJINHA receberá motoniveladora. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 23 maio 2014.

IGREJINHA se mobiliza em busca da criação da Univales. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 30 maio 2014.

IGREJINHA também tem atleta de kickboxing. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 11 abr. 2014.

IGREJINHA terá rústica dos 50 anos do município. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 16 maio 2014.

IGREJINHA: 1964-2014 – 50 anos de emancipação. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 30 maio 2014.

IGREJINHENSE destaque em corridas. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 04 abr. 2014.

IGREJINHENSE é vice-campeão Kickboxing. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 16 maio 2014.

IGREJINHENSE conquista dois pódios. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 18 abr. 2014.

INCÊNDIO na fábrica de móveis de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 12 dez. 2014.

INICIADAS obras da nova Escola do Garibaldi. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 15 ago. 2014.

INSCRIÇÕES para as soberanas da 27ª Oktoberfest até dia 21. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 mar. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 05 mar. 2016

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **IPHAN**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 01 fev. 2015

JACKSON e Ademir contam os dias para a vitória. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 05 dez. 2012.

JARDIM, A. de P., OLIVEIRA, O de F. **Globalização, Neoliberalismo e Estado-Nação: Reflexões Analíticas**. Rio de Janeiro: Perspectiva Sociológica. v. 2, n.3.mai./out.2009.

JENKIS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

JOEL participa de reunião no Ministério da Pesca e da Aquicultura. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 23 maio 2014.

JOSUÉ da Rosa reassume presidência da Câmara de Vereadores. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 19 dez. 2014.

JULIANE Mergener é a rainha da 27ª Oktoberfest. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 30 maio 2014.

KASHIMOTO, E.M.; MARINHO, M.; e RUSSEFF, I. Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento, **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local** - n. 4. Campo Grande: UCDB, 72 p. v. 3. Semestral. mar. 2002.

KAYSER, Douglas Márcio. **O processo de construção da marca “Oktoberfest Igrejinha”**: um estudo de caso. Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Administração de Empresas da Faccat – Faculdades Integradas de Taquara, 2009.

KIRIN e Filler doam alimentos arrecadados. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 20 jun. 2014.

LANÇADO programa Mais Educação em escolas de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 06 jun. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LEGISLATIVO presta homenagem a cidadãos igrejinhenses. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 28 nov. 2014.

LEITÃO, Juliana Andrade; SANTOS, Maria Salett Tauk. Imagem jornalística e representações sociais: a imagem dos Sertões. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.35, n.1, jan./jun. p. 133-155 2012.

LEO Club Igrejinha realizou o 3º Chá Leo Kinder. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 jun. 2014.

LIMA, Ana Carolina da Cruz; SIMÕES, Rodrigo; e MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. Espaço, cidades e escalas territoriais: novas implicações de políticas de desenvolvimento regional. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 1 (50), p. 223-242, abr. 2014.

LIMA, Luana Nunes Martins. A constituição de um território identitário pela garantia dos direitos fundiários: o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. **Soc. & Nat.**, Uberlândia, 25 (3): 503-512, set./dez.2013.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MAALOUF, Amin. **Les Identités Meurtrières**. Paris, Bernard Grasset, 1998.

MAIS de 1 milhão para a saúde em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 11 jul. 2014.

MAIS um traficante é preso em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 18 jul. 2014.

MÁQUINAS e peças de caça-níqueis apreendidas em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 jun. 2014.

MATTA, Isabel. As representações de experiências sociais enquanto mediadoras do processo de construção de significações partilhadas. **Análise Psicológica**, 1 (XVII): 39-48, 1999.

MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005.

MENGDEN, Paulo Roberto de Aguiar Von (org). **Plano Estratégico de Desenvolvimento Regional 2011-2020**. Taquara: COREDEPES, 2010, 152p.

MEYRER, Marlise Regina. **Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista o Cruzeiro (1955-1957)**. Porto Alegre, 2007. Tese apresentada como requisito para obtenção do Grau de Doutor em História, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

MISS RS Top Juvenil é de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 19 set. 2014.

MORADORES de Igrejinha aprovam a Páscoa dos Bairros. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 abr. 2012.

MOSCOVICI Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 404 páginas (trad. Pedrinho A. Guareschi, a partir do original em língua inglesa Social representations: explorations in social psychology [Gerard Duveen (ed.), Nova York, Polity Press/Blackwell Publishers, 2000]).

MOTORISTA é detido por embriaguez na ERS115, em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 02 maio 2014.

MUDANÇAS no trânsito da área central de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 26 abr. 2013.

MUNICÍPIO entrega casas aos atingidos por desmoronamento em 2011. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 18 abr. 2014.

NEVES, Lucília de Almeida. Literatura, memória e cidades: interseções. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 137-145, 1º sem. 2004.

NICOLINI, Cristiano. **A construção da identidade territorial a partir das manifestações culturais no Vale do Taquari: etnografia dos grupos de danças folclóricas alemãs de estrela e do 47º Festival do Chucrute**. Santa Cruz do Sul, UNISC, 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional).

NOTA oficial do PMDB sobre a expulsão do vereador Josué da Rosa. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 07 nov. 2014.

NOVA opção de lojas para locação em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 24 out. 2014.

NOVO imobiliário para escolas de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 nov. 2014.

NOVO veículo para Secretaria de Obras de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 07 mar. 2014.

OBRAS no loteamento Ritter. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 jun. 2014.

OKTOBER terá concurso de rock. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 19 set. 2014.

OKTOBER terá mais vagas de estacionamento. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 10 out. 2014.

OKTOBERFEST com ou sem Schincariol. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 07 fev. 2014.

OKTOBERFEST de Igrejinha é incluída no calendário oficial do estado. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 01 nov. 2013.

OKTOBERFEST de Igrejinha foi eleita uma das 7 maravilhas culturais do Vale do Paranhana. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 dez. 2012.

OKTOBERFEST de Igrejinha patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS. 20 de junho 2008.

OKTOBERFEST de Igrejinha terá chopp Brahma. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 25 abr. 2014.

OKTOBERFEST de Igrejinha. **Jornal Vale do Paranhana**. Taquara, RS, 22 out. 1988.

OKTOBERFEST é uma festa da comunidade. **Jornal Panorama**. Taquara, RS, 19 de out. 1990.

OKTOBERFEST Igrejinha. **Jornal Exclusivo**. Vale dos Sinos, RS, 17 a 23 de out. 1988.

OKTOBERFEST repassa recursos para a comunidade –. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 nov. 2014.

OKTOBERFEST. **Jornal Um**. Vale do Paranhana, RS, 23 de dez. de 1988.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - v. 19 n. 55. 2003.

PARQUE Snowland ganha loja Piccadilly. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 30 maio 2014.

PASTORAL da Criança de Igrejinha realiza Festa de Natal. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 19 dez. 2014.

PATINAÇÃO de Igrejinha brilha em campeonato gaúcho. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 19 set. 2014.

PATINADORA igrejinhense medalha de bronze visita prefeitura. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 22 ago. 2014.

PERNADA Esportiva mobiliza igrejinhense. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 27 jun. 2014.

PESAVENTO, Sandra Jataby. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. V. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.

PICCADILLY apoia projeto na reabilitação de pessoas com deficiência. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 fev. 2014.

PICCADILLY inaugura primeira loja conceito na Guatemala. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 12 dez. 2014.

PICCADILLY participa pela 1ª vez de evento na Austrália. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 12 set. 2014.

PMDB de Igrejinha elege seus candidatos. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 17 out. 2014.

PMDB de Igrejinha inaugura diretório. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 12 out. 2014.

POE prende procurado da justiça em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 25 abr. 2014.

POLÍCIA Civil apreende arsenal em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 mar. 2014.

PORTAL **Oktoberfest de Igrejinha**. 2009. Disponível em: <[http://www.oktoberfest.org.br/mais\\_noticias.php](http://www.oktoberfest.org.br/mais_noticias.php)> Acesso em: 02 dez. 2015.

PORTO, Maria Stela Grossi. Mídia, segurança pública e representações sociais. Tempo Social, **Revista de sociologia da USP**, v. 21, n. 2. nov. 2009.

PREFEITO Joel buscar recursos para educação em Brasília. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 24 maio. 2013.

PREFEITURA adquire equipamento para corte de asfalto. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 05 dez. 2014.

PREFEITURA de Igrejinha retomou obras paradas. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 08 fev. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IGREJINHA. Portal; **Informações Gerais**. Censo 2010. Disponível em: <http://igrejinha.rs.gov.br/2013/cidade.php>. Acesso em 06 fev. 2016.

PRESIDENTE da Câmara visita IPREMI. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 fev. 2014.

PRESO em Igrejinha por furto em residência. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 jun. 2014.

PRESO por porte ilegal de arma em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 07 fev. 2014.

PROJETO Enchente Zero é apresentado à comunidade. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 13 abr. 2012.

PT de Igrejinha organiza atividades. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 nov. 2014.

PT de Igrejinha recebe novos filiados. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 05 dez. 2014.

QUEM são as soberanas na 27ª Oktoberfest?. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 23 maio 2014.

RECORTE de reportagens sobre Igrejinha, de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2014. **JORNAL NH**, Novo Hamburgo, RS. Disponível em: <[www.jornalnh.com.br/\\_conteudo/2014](http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2014)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

REINÍCIO das obras Quadra Polioesportiva do Bairro Vila Nova. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 08 fev. 2013.

REIS, Eliana Tavares. Em nome da “cultura”: porta-vozes, mediação e referenciais de políticas públicas no Maranhão. **Revista Sociedade e Estado** – v. 25. n. 3. set/dez 2010.

RODRIGUES, Cíntia Nigro. **Territórios do patrimônio**: tombamentos e participação social na cidade de São Paulo. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 2006.

ROTARY Club promove feijoada beneficente. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 20 jun. 2014.

ROTEIRO Rural em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 02 nov. 2012.

SANDER, Berenice Fulber; MOHR, Flávia Corso. **Igrejinha**: uma história em construção. Igrejinha: Prefeitura Municipal de Igrejinha, 2004.

SANTANA, Marco Aurélio; MOLLONA, Massimiliano. **Trabalho e ação coletiva**: memória, espaço e identidades sociais na cidade do aço. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 125-148, jan./jun. 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. Tempo Social. 1993. **Rev. Social**. USP, 5.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da USP, 2006.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

\_\_\_\_\_; POLANYI, K. A nossa obsoleta mentalidade mercantil. **Revista Trimestral de História das Ideias**, n.1, pp.7-20. Porto, 1977.

SANTOS, Moacir José, CARNIELLO, Monica Franchi e MURADE, José Felício. Relações entre cultura popular, capital social e desenvolvimento sustentável no município de São Luis do Paraitinga – **SP – Brasil. REDES - Rev. Des. Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 1, p. 8 - 20, jan./abr. 2013.

SANTOS, Reinaldo Soares dos. **O Encanto da Lagoa**: O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Programa de Pós- Graduação em Cultura e Turismo, Ilhéus-Ba, UESC/ UFBA, 2004.

SCHUPP, Ambrósio. **Os Muckers**. Tradução: Alfredo Clemente Pinto. 3 ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, [ca 1900].

SEABRA, Roberto. **Produção da notícia**: a redação e o jornalista. In: DUARTE, Jorge. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia**: teoria e técnica – 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SECRETARIA de Obras e Interior atua em diversas frentes. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 18 abr. 2014.

SECRETÁRIA de Turismo de Gramado visita Oktoberfest de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 24 out. 2014.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana**, 5(2):61-88, 1999.

SINDIGREJINHA premia os vencedores. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 05 dez. 2014.

SOBERANAS de Prata. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 01 jun. 2012.

SOLICITADA mais uma vez a criação do Fundo da Juventude. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 28 mar. 2014.

SPINK, Mary Jane P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cad. Saúde Públ.** Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul./set. 1993.

STÜRMER, Adriana; SILVEIRA, Ada Cristina Machado. **Representação identitária e promessas de diversão**: o logo da Oktoberfest 2005 de Santa Cruz do Sul. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul - Passo Fundo - RS. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, 2006.

SUCESSO da festa Q Doce Criança. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 17 out. 2014.

TEVE início a maior obra pública de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 04 abr. 2014.

TOMAZ, Paulo Cesar. A Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil. **Revista de História e Estudo Culturais**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.1-12, mai./ago. 2010.

TRÊS prisões na operação Limpa Cohab de Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 14 nov. 2014.

TURISMO Rural em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 16 nov. 2012.

UMA festa sem “furos”. **Jornal Panorama**. Taquara, RS, 16 de out. de 1992.

UNESCO. Ministério da Cultura. **Patrimônio imaterial: política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda**. Brasília: 2008.

USAFLEX receberá retorno referente a lei de incentivo. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 18 jul. 2014.

VALA, Jorge. Representações sociais e percepções intergrupais. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. **Análise Social**, v. 32. n.140. p. 7-29, 1997.

VÁRIAS frentes de trabalho em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 19 abr. 2013.

VÁRIAS ruas têm sua sinalização revitalizada. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 20. abr. 2012.

VELOSO, Mariza. O Fetiche do Patrimônio. **Habitus**, Goiânia, v. 4, n. 1, p.437-454, jan./jun. 2006.

VEREADOR denuncia falta de fiscalização em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 29 mar. 2013.

VEREADOR fiscaliza andamento do projeto Parque da Juventude. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21mar. 2014.

VEREADOR Josué é expulso do PMDB. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 10 out. 2014.

VEREADOR no Teu Bairro é realizado no loteamento Muller. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 30 maio 2014.

VEREADOR Petry questiona implantação do SAMU em Igrejinha. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 17 out. 2014.

VEREADORES acompanham prefeito em visita a obras. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 18 abr. 2014.

VEREADORES do Paranhana solicitam melhorias nas estradas da região. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 30 maio 2014.

VEREADORES pedem apoio na duplicação da ERS115. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 21 mar. 2014.

VEREADORES tentam trazer polo da UFRGS para o Paranhana. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 28 mar. 2014.

VICE-prefeito participa de ação social. **Jornal RS 115**. Igrejinha, RS, 05 dez. 2014.



VIDAL, Roger Pierre. **A influência do turismo de eventos na região das hortênsias, Rio Grande do Sul: o caso do evento Natal Luz de Gramado.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Faccat – Faculdades Integradas de Taquara-RS, 2015.

ZUCCO, Fabricia Durieux; MAGALHÃES, Maria dos Remédios Antunes; MORETTI, Sérgio Luiz do Amaral. Análise do nível de satisfação dos participantes: evidências das últimas três edições da Oktoberfest em Blumenau (2006, 2007 e 2008). **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, v. 12, n. 3, p. 331–347 / set./dez. 2010.